

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

OSÓRIO ANTONIO CÂNDIDO DA SILVA

**A narração esportiva de Fiori Gigliotti:
emoção e sedução na oralidade mediatizada**

São Paulo
2010

Silva, Osório Antonio Cândido da

A narração esportiva de Fiori Gigliotti: emoção e sedução na oralidade mediatizada / Osório Antonio Cândido da Silva. -- São Paulo, 2010

126 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

1. Rádio. 2. Crônica. 3. Oralidade mediatizada. 4. Futebol. 5. Gigliotti, Fiori. 6. Cultura do ouvir. I. Menezes, José Eugenio de Oliveira. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação. III. Título.

OSÓRIO ANTONIO CÂNDIDO DA SILVA

**A narração esportiva de Fiori Gigliotti:
emoção e sedução na oralidade mediatizada**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação na Contemporaneidade. Linha de Pesquisa: Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento.

Orientador:

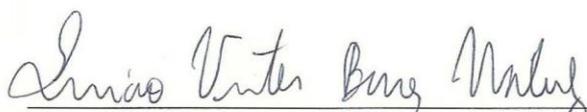
Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

São Paulo
2010

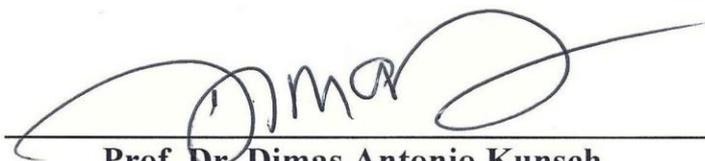
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: OSÓRIO ANTONIO CÂNDIDO DA SILVA

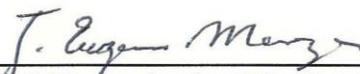
**NARRAÇÃO ESPORTIVA DE FIORI GIGLIOTTI: EMOÇÃO E
SEDUÇÃO NA ORALIDADE MEDIATIZADA".**



Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
Universidade de São Paulo - ECA



Prof. Dr. Dimas Antonio Kunsch
Faculdade Cásper Líbero



Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero

Data da Defesa: - 29 de setembro de 2010.

Dedicatória

À memória de Fiori Gigliotti, o locutor de todas as torcidas.

Seu trabalho inspirou e permanecerá inspirando gerações de profissionais do radialismo esportivo.

Seu talento, lapidado pela incansável vontade de aprender com a vida, foi responsável pela enorme onda de emoção levada pelas ondas do rádio aos corações e mentes de milhões de brasileiros.

Agradecimentos

01. Osório, meu pai. Foi pelas mãos dele que tudo isso começou.
02. Maria, minha mãe. Exemplo de amor, humildade, generosidade e fé.
03. Maria Helena, Guilhermina e Alda, irmãs. Amizade, afeto, amor, solidariedade.
04. Regina, esposa, amada, amante, cúmplice, âncora, porto seguro, amparo, guia.
05. Fabio, Vivian e Lilian, filhos amados. Sociólogo, advogada, médica. Ufa!
06. Clarissa, nora. Amiga nova, querida, grande incentivadora.
07. Pedro Vaz, gerente da Rádio Gazeta AM, amigo e grande colaborador.
08. Marcelo Cardoso, amigo, meu professor de jornalismo e grande colaborador.
09. Wagner Belmonte, amigo, meu professor de jornalismo e grande colaborador.
10. Eliane Calixto, amiga, companheira e colaboradora.
11. Sérgio Pinheiro, amigo, companheiro e colaborador.
12. Fernanda Patrocínio, colaboradora e minha jovem professora de jornalismo.
13. Dona Adelaide Gigliotti, viúva de Fiori, coragem, simpatia, gentileza e ternura.
14. Marcelo Gigliotti, filho de Fiori, gentileza e colaboração total.
15. Beto Gigliotti, criador do Memorial em homenagem ao primo Fiori, colaborador.
16. José Eugenio, professor, orientador e amigo, reserva de sabedoria, humildade, educação e respeito pelo homem, um farol.
17. Dimas, professor, interlocutor e amigo, fonte.
18. Luciano Maluly, professor que me fez conhecer mais da crônica esportiva.
19. Gislene, Nalva, Jairo e Daniel, a turma da secretaria. É por causa deles que a coisa funciona.
20. Marcelo Kerubin, aluno e amigo, suporte em tecnologia, evitou o caos.
21. Profissionais do jornalismo esportivo que, com suas memórias, colaboraram para o resgate de momentos interessantes da vida de Fiori (citados na página 13)
22. A Deus, por ter colocado toda essa gente no meu caminho.

SILVA, Osório Antonio Cândido da. **A narração esportiva de Fiori Gigliotti: emoção e sedução na oralidade mediatizada.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2010.

RESUMO

Esta dissertação discute as narrativas radiofônicas de Fiori Gigliotti no contexto do destaque dado à crônica e a locução esportiva no jornalismo brasileiro. Ao estudar a evolução da crônica esportiva, passando por Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, Orlando Duarte, Juca Kfourri e tantos outros, constata a cumplicidade entre rádio e futebol: na medida em que as emissoras ajudaram a transformar o futebol em uma paixão nacional, elas também se tornaram cada vez mais populares. A partir das pesquisas históricas de Edileuza Soares a respeito do rádio esportivo em São Paulo e de entrevistas com protagonistas e pesquisadores do jornalismo esportivo, bem como de outras pesquisas bibliográficas, estuda a trajetória profissional e humana de Fiori Gigliotti. Com o objetivo de descobrir o papel e o legado do cronista, examina gravações de suas transmissões esportivas históricas como narrativas expressas na forma de oralidade mediatizada. Analisa as narrações a partir das contribuições de teóricos do rádio como Rudolph Arnheim, Paul Zumthor e Armand Balsebre, considerando também o destaque dado pelo antropólogo Roberto DaMatta ao futebol na cultura brasileira. Constata que as narrativas do radialista, locutor, narrador e cronista são envolventes e sedutoras, próprias de um profissional que utilizava recursos oratórios marcados por um misto de informação, poesia, sentimento, emoção e envolvimento dos ouvintes.

Palavras-chave:

Comunicação. Rádio. Crônica. Oralidade mediatizada. Futebol. Fiori Gigliotti. Cultura do Ouvir.

SILVA, Osório Antonio Cândido da. **The sports narrative of Fiori Gigliotti: emotion and seduction in mediated orality.** (Master's degree Dissertation). São Paulo: Cásper Líbero College, 2010.

ABSTRACT

This dissertation discusses the radio broadcast narratives of Fiori Gigliotti in the context of the emphasis given to the chronicle and sports locution of the Brazilian journalism. While studying the evolution of the sports chronicle, through works of Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, Orlando Duarte, Juca Kfoury and so many others, it verifies the complicity between radio and soccer. As radio stations helped transform soccer into a national passion, they themselves also became more and more popular. Departing from historical researches made by Edileuza Soares about the sports radio in São Paulo and from interviews with protagonists and researchers of sports journalism, as well as from other bibliographical researches, it studies the professional and human trajectory of Fiori Gigliotti. With the objective of finding out the role and legacy of the chronicler, it examines recordings of historic sports radio broadcasts as narratives conveyed in the form of mediated orality. It analyses the narrations from contributions of radio theoreticians as Rudolph Arnheim, Paul Zumthor and Armand Balsebre, also considering the highlights given by the anthropologist Roberto DaMatta to soccer in the Brazilian culture. It verifies that the narratives of the broadcaster, announcer, narrator and chronicler are involving and seductive – proper of a professional that used oratory resources marked by a mixture of information, poetry, feeling, emotion and the involvement of the listeners.

Keywords:

Communication. Radio. Chronicle. Mediated Orality. Soccer. Fiori Gigliotti. The Culture of Listening.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - CRÔNICA ESPORTIVA E LOCUÇÃO ESPORTIVA.....	15
1.1. Apresentação.....	15
1.2. A Crônica Esportiva (ou A Crônica e o Futebol).....	19
1.3. A Locução Esportiva.....	25
CAPÍTULO II – A TRAJETÓRIA DE FIORI GIGLIOTTI.....	32
2.1 Introduzindo o perfil: as relações humanas.....	32
2.2. O profissional – início.....	33
2.3. Início da carreira como radiojornalista esportivo –“Abrem-se as cortinas...”.....	34
2.4. O estilo Fiori de narrar.....	41
2.5. Carinho do público.....	45
2.6. A morte do locutor – “Crepúsculo de jogo”.....	54
CAPÍTULO III – A NARRAÇÃO ESPORTIVA DE FIORI GIGLIOTTI.....	57
3.1. “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo!”.....	57
3.2. A oralidade no rádio.....	59
3.2.1. A hipotipose.....	62
3.2.2. A criação da referência.....	68
3.3. A bola em jogo.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXO I –.....	89
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE FIORI GIGLIOTTI CONCEDIDA AO RADIALISTA PEDRO VAZ, RÁDIO GAZETA.....	89
ANEXO II –.....	106
TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA <i>MEMÓRIA</i> , DE MILTON PARRON, RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 1.....	106
ANEXO III –.....	110
TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA <i>MEMÓRIA</i> , DE MILTON PARRON, RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 2.....	110
ANEXO IV –.....	114
TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA <i>MEMÓRIA</i> , DE MILTON PARRON, RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 3.....	114

ANEXO V –	118
TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA <i>MEMÓRIA</i> , DE MILTON PARRON, RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 4.....	118
ANEXO VI –.....	121
HOMENAGEM DO RADIALISTA ADRIANO BARBIERO A FIORI GIGLIOTTI, PELA RÁDIO CAPITAL – S P.....	121
ANEXO VII –.....	124
TRANSCRIÇÃO DA NARRAÇÃO DE UM DOS JOGOS CORINTHIANS X SANTOS NO ANO DE 1964.....	124
Fiori trecho 1 – Corinthians X Santos – Pacaembu, 1964.....	124
Fiori trecho 2 – Corinthians X Santos - Pacaembu, 1964	125
Fiori trecho 3 – Corinthians X Santos - Pacaembu, 1964	125
Fiori trecho 4 – Corinthians X Santos - final de 1964.....	126

INTRODUÇÃO

Ao propor esse tema para a pesquisa e a consequente dissertação de Mestrado, o autor o fez com o objetivo de aprofundar os estudos que vem desenvolvendo em toda a sua carreira profissional como professor de Oratória e Expressão Verbal, trabalho que desenvolve desde 1980 e que pretende a partir de agora ver inserido nos modernos conceitos comunicacionais e midialógicos que permeiam a chamada Sociedade do Espetáculo.

Necessário é relatar aqui alguns aspectos da trajetória de vida que conduziram seus passos até este lugar e momento. Desde pequeno, vivendo numa cidadezinha do interior de São Paulo, teve grande afinidade com o microfone. Havia ali um serviço de alto-falantes, com estúdio no subsolo do coreto da praça central, que funcionava prestando serviços à comunidade. Seu pai, comerciante, alfabetizado pelo boticário da cidade em meados da década de 1910 e, mais tarde, autodidata em vários saberes da vida, era também o responsável pelo estúdio. O garoto o acompanhava sempre até que um dia, lá pelos idos finais de 1960, apareceu o primeiro desafio: o pai lhe pediu que desse um aviso “no ar”. O menino não teve nenhum problema em pegar o microfone e anunciar: “Aniversariantes do dia – fazem anos hoje o senhor Galdino Taveiros, tabelião do cartório local, e a senhora Inésia Bicalho Barbieri, professora do nosso Grupo Escolar, a quem dedicamos a próxima música com nossos votos de felicidade. Sílvio Caldas canta para eles *Chão de Estrelas*.” Depois da música, o próximo aviso com texto em papel timbrado: “Atenção – a Delegacia de Polícia de Serra Azul informa que, a partir do próximo dia 2 de janeiro de 1961, os pedidos de exame para obtenção da carteira de motorista poderão ser encaminhados na própria delegacia de Serra Azul. Os exames continuarão sendo realizados, como de costume, na delegacia da vizinha cidade de São Simão. Maiores informações podem ser obtidas no guichê da delegacia local.” E na seqüência: “Cinema – não percam hoje no Cine Municipal o grande filme *Assim caminha a humanidade*, com Elizabeth Taylor, Rock Hudson e James Dean.” Foi uma experiência extremamente prazerosa. Começava ali uma carreira de “locutor” para uma criança de pouco mais de 10 anos, dirigida pela mão do pai. Dicas de impostação da

voz, intensidade, velocidade, respiração, exercícios de dicção, estilo de falar, tudo isso transmitido com a segurança e com a serenidade de quem aprendera por si mesmo, de forma intuitiva, coisas tão refinadas sobre o comportamento e a mente das pessoas. Lições aprendidas, postas em prática, exercitadas no dia-a-dia da locução, cuja compreensão e verdadeira utilidade só muito mais tarde seriam reveladas. Enquanto viveu em Serra Azul, o agora jovem locutor teve o microfone do estúdio como seu companheiro de todas as noites. Uma outra paixão adolescente, a eletrônica, chegou para afastá-lo de lá e determinar a carreira a seguir. A Universidade Estadual de Campinas o esperava para graduá-lo em Ciência da Computação, quando o país ainda dava seus primeiros passos nesse campo. Uma terceira paixão, essa mais adulta, despertada durante o cursinho pré-vestibular, também passou a permear a vida do rapaz, determinando outra atividade: lecionar, ensinar, dividir conhecimento em aulas para primeiro e segundo graus durante a graduação. Quando a Faculdade de Educação da Unicamp abriu suas portas, lá estava o aspirante a educador aprendendo Skinner, Rogers, Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, Montessori, Rubem Alves. Seu tempo se dividia entre as teorias exatas da informática e as teses humanistas de brilhantes pedagogos e educadores. De um lado, havia uma ciência nova, encantadora, que prometia uma total revolução de costumes e, de outro, uma forte conjunção de possibilidades transformadoras da educação, postulada por Freire como “um ato dialógico libertador, tendo como fontes o humanismo e uma dialética marxista em que a subjetividade é condição da transformação social”. Conhecimento fundamental e determinante na carreira docente para quem estava aprendendo a ensinar, a construir conhecimento – para quem estava se transformando em um educador.

Terminada a graduação em Ciência da Computação, a necessidade de trabalhar e uma proposta de trabalho irrecusável em São Paulo afastaram o jovem profissional da Unicamp e de uma Faculdade de Educação inconclusa. A carreira em Ciência da Computação duraria até 2004, quando já não oferecia mais prazer ou satisfação. Por outro lado, o educador que nunca parou, este sim, cada vez mais entusiasmado, segue dividindo seu conhecimento.

Em 1979, já com uma visão muito clara de que profissionais em geral, e especificamente os da área de tecnologia, têm muita dificuldade para falar em público, resolveu o educador colocar em prática o que aprendera com o pai e reforçara nos anos de docência até então. Toda a experiência de sala de aula acumulada foi a base para estruturar um curso em que pudesse ensinar às pessoas as técnicas necessárias para se

fazer uma apresentação capaz de encantar a platéia e deixar nos corações e mentes da audiência as mensagens que se propunham. Este é o trabalho citado no início deste tópico, que em 2010 completa 30 anos e que já formou cerca de 6.000 profissionais, sempre avaliado com grau de excelência.

Ao aportar na Academia para cursar o Mestrado, o autor desta dissertação trouxe esta experiência vivida no mercado – o como fazer – aprendida e desenvolvida numa interação profícua com profissionais que chegaram trazendo muito e partiram levando outro tanto. Ao final da experiência, com o aprofundamento dos estudos e da pesquisa que a Academia proporcionou, o resultado representa um novo alento na carreira do educador/pesquisador, proporcionando condições para uma nova formulação da problematização que o tema – a sedução pela palavra na oralidade mediatizada – apresenta na sua estrutura intrínseca. Buscaram-se respostas para enriquecer tanto o mundo acadêmico, da reflexão e do pensar, quanto o mundo das corporações, da práxis e do realizar. Buscou-se também a interação com áreas do conhecimento que mantêm diálogo muito próximo com a Comunicação, como a Filosofia, a Mitologia, a Psicologia, entre outras. A meta dessa dialogia interdisciplinar foi evitar posicionamentos dogmáticos que pudessem dificultar uma compreensão abrangente do objeto da pesquisa.

O **capítulo I** contextualiza o cenário em que se coloca o objeto pesquisado. Na quase centenária história do rádio no Brasil, realizou-se um recorte para abordar dois componentes que têm importante papel na composição desta pesquisa: a crônica esportiva e a locução esportiva. Inicialmente, aborda-se o surgimento da crônica no Brasil e seu desenvolvimento na mídia impressa, transformando-se num gênero com a cara do Brasil, como observou Antonio Cândido (1992). Com o aparecimento de cronistas que se ocupavam do esporte, desenvolveu-se a crônica esportiva que guarda como referências Nelson Rodrigues e Armando Nogueira. Mais à frente, chega-se à locução esportiva, segmento no qual se instala o objeto desta dissertação. Neste ponto, a pesquisa revelou a riqueza contida no trabalho desses profissionais da fala, responsáveis por levar ao ouvinte as emoções de uma jornada esportiva, especificamente de uma partida de futebol.

No **capítulo II**, o leitor encontrará a história de vida de Fiori Gigliotti, radialista, locutor, narrador e cronista esportivo, dono de uma carreira de quase 60 anos no rádio

esportivo brasileiro, o objeto desta dissertação. Por que Fiori foi o escolhido? Por ter desenvolvido um estilo de narração diferenciado, fora dos padrões praticados por outros grandes locutores. Com seu jeito caboclo, sua forma singela de se comunicar, um grande conhecimento da alma humana e um profundo respeito pelo ouvinte, ganhou a admiração do grande público esportivo e se tornou o “locutor de todas as torcidas”.

Foi de especial relevância o apoio recebido da família Gigliotti – Dona Adelaide, viúva de Fiori, e Marcelo, filho do casal. Numa atitude de grande despojamento, a família colocou à disposição do pesquisador todo o acervo que documenta a vida e a carreira do homem e do profissional. Em várias ocasiões, Dona Adelaide e Marcelo foram entrevistados e forneceram informações preciosas para a elaboração do perfil de Fiori.

Durante a pesquisa foram também realizadas entrevistas não estruturadas com profissionais do jornalismo esportivo que trabalharam e conviveram com Fiori Gigliotti. Esse procedimento jogou luzes no cenário em que se desenrolou a trajetória profissional do radialista. De forma gentil e atenciosa, todos eles procuraram resgatar de suas memórias momentos vividos na companhia de Fiori, seja no trabalho, seja em viagens ou em momentos de pura diversão. Seus nomes: Ana Marina Maioli (ACEESP), Reinaldo Lombardi (UOL Esportes), Antero Greco (ESPN Brasil), Marcelo di Lallo (Rádio Eldorado), Eduardo Luiz, o Ligeirinho (Rádio Trianon), Ênnio Rodrigues (Rádio Tupi AM), Dalmo Pessoa (Rádio Capital), Juca Kfourri (Rádio CBN), Mílton Parron (CEDOC Band), Flavio Aauto e João Zanforlin. Para chegar a todos eles, a porta foi aberta pelo jornalista Roberto Salim Gabriel, da ESPN Brasil.

No **capítulo III**, são tratados os referenciais teóricos que foram utilizados para uma melhor compreensão do objeto pesquisado. Ao fazer uso correto da linguagem radiofônica, o profissional da locução produz vínculos sonoros responsáveis por manter seu ouvinte atento e conectado, como descrito por Menezes (2007) e Balsebre (2005). Análises de áudios com trechos de narrações de Fiori Gigliotti revelam a utilização das várias funções da linguagem permeando a fala, muitas vezes transformando eventos carentes de emoção em algo entusiasmado e empolgante, pelo uso adequado de recursos de retórica. Balsebre (2005) é enfático ao afirmar:

A fala do locutor ao microfone é percebida pelo ouvinte como “real” e “presente” e proporciona uma relação de empatia e identificação. Ao

mesmo tempo esta “voz amiga” do locutor que nunca vemos, também conota uma determinada distância psicológica. As vozes mais graves dão a sensação de presença ou proximidade, enquanto as mais agudas e mais claras, provocam a sensação psicológica de distância. As vozes mais graves são mais indicadas para programas noturnos por trazerem um contato psicológico mais estreito num horário em que o ouvinte está mais tranquilo. Já uma voz aguda que denota mais clareza e inteligibilidade, embora menos presença, será mais adequada para programas diurnos, mais alegres e excitantes num momento em que a audiência está mais dispersa e em movimento. Estas relações espaciais sugeridas pela cor da voz constituem um repertório de relações significativas no processo de codificação imaginativo-visual da palavra radiofônica (BALSEBRE, 2005:331).

Ao longo das reflexões propostas por este trabalho, será possível observar o grau de aderência das técnicas aplicadas por Fiori às teorias dos autores utilizados no suporte à pesquisa.

CAPÍTULO I - CRÔNICA ESPORTIVA E LOCUÇÃO ESPORTIVA

1.1. Apresentação

Para começar a escrever este capítulo inicial da dissertação, o autor resolveu buscar a conceituação do que vem a ser uma *crônica* no dicionário, uma vez que encontrou diversas interpretações em sua pesquisa para o que é uma atividade jornalística das mais apreciadas pelo grande público leitor ou ouvinte.

Crônica. [Do lat. *Chronica.*] S. f. **1.** Narração histórica, ou registro de fatos comuns, feitos por ordem cronológica. **2.** Genealogia de família nobre. **3.** Pequeno conto de enredo indeterminado. **4.** Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana. **5.** Seção ou coluna de revista ou de jornal consagrada a um assunto especializado: *c r ô n i c a política; c r ô n i c a teatral.* **6.** O conjunto das notícias ou rumores relativos a determinados assuntos: *É inacreditável a c r ô n i c a dos conchavos ocorridos naquele distante município.* **7.** Biografia, em geral escandalosa, de uma pessoa: *Sua c r ô n i c a é bem conhecida* (Novo Dicionário AURÉLIO da Língua Portuguesa. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1986).

O professor e pesquisador Massaud Moisés¹ afirma que

A crônica conhecida nos dias de hoje, no Brasil, nasceu nos folhetins franceses (século XIX), nos rodapés dos jornais, para entreter os leitores aparecendo em 1799, no *Journal de Débats*, em Paris, com Julien-Louis Geoffrou “fazendo crítica diária da atividade dramática” (MOISÉS, 1982:245).

¹ Massaud Moisés é especialista em literatura portuguesa e literatura brasileira. Entre 1973 e 1995 atuou como professor titular de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, e, entre 1962 e 1987, foi professor visitante em diversas universidades dos EUA. Possui vasta obra ensaística.

Sendo, portanto, na sua gênese, um relato de acontecimentos em ordem cronológica (a narração de histórias segundo a ordem em que se sucedem no tempo), a crônica não passava de um breve registro de eventos. No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a fazer parte dos jornais. Esses textos comentavam, de forma crítica, acontecimentos que haviam ocorrido durante a semana, tendo, portanto, um sentido histórico e serviam, assim como outros textos do jornal, para informar o leitor. Essa prática dos folhetins de rodapé foi trazida para o Brasil na primeira metade do século XIX. Com o passar do tempo, a crônica brasileira foi, gradualmente, distanciando-se daquela crônica com sentido documentário originada na França e passou a ter um caráter mais literário, fazendo uso de linguagem mais leve e envolvendo poesia, lirismo e fantasia.

Em uma obra publicada em 1992, o crítico literário e sociólogo Antônio Cândido pontua que a expansão da crônica no país, a partir dos primeiros anos do século XIX, foi amparada pelo surgimento dos primeiros jornais de grande circulação. No Rio de Janeiro, então capital do país, e também em São Paulo, Salvador e Recife, cidades que já contavam com grandes jornais, as crônicas eram publicadas diariamente, tratando de comentários pessoais, assuntos polêmicos e temas variados sobre a vida cotidiana (Cândido *et al.*, 1992: 14-15). Vista sob esse prisma, a crônica passa a ser um produto para consumo rápido porque o fato diário é seu ingrediente principal e seu gênero pode ser, de forma conceitual, definido como *literatura de fronteira* por situar-se entre os limites da informação de atualidade (realidade) e a narração literária (ficção).

Ainda segundo Cândido (1992), a crônica, esse misto de jornalismo, vida cotidiana, vida social e literatura, sem pretensões de longevidade, é um gênero com a cara do Brasil pois há uma constatação de que em outros países, mundo afora, o folhetim chegou mais próximo do conto do que da crônica.

O jornalista, professor universitário e pesquisador científico José Marques de Melo (1985), também debruçado sobre o tema, detalha sua visão apurada:

No jornalismo brasileiro, a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países. Diz Paulo Rónai: 'Para qualquer brasileiro a palavra crônica tem sentido claro e inequívoco, embora ainda não dicionarizado; designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista. De tal forma esse significado está generalizado que só

mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro, bem mais antigo, o de narração histórica por ordem cronológica'. [...] O termo crônica, no jornalismo mundial, está bem mais vinculado àquele outro significado a que se refere Paulo Rónai: o de relato cronológico, o de narração histórica. Trata-se, portanto de um gênero controvertido, cuja caracterização varia de país para país (MARQUES DE MELO, 1985:111).

Como se viu no dicionário Aurélio, fala-se em “crônica teatral”, “crônica política”, “crônica esportiva”, outras formas de expressões que se aproximam da reportagem, sentido com o qual a crônica chegou ao jornalismo brasileiro. O jornalista/autor observa os fatos e os narra segundo sua circunstância. Nasce, então, a crônica. Seu autor, se for capaz de escrever com uma visão poética da realidade e de ser um mediador entre os eventos correntes e o imaginário popular, saberá despertar o interesse de seu público, mantendo crescente expectativa pela crônica tão desejada. Consumida a crônica de hoje, efeitos produzidos sobre a sensibilidade do leitor, emoções a floradas, o receptor está pronto para receber a crônica de amanhã. E amanhã, novamente, sentimentos diversos de alegria, raiva, reflexão, motivação, tristeza, euforia... Dessa forma, confirma-se aqui, vista por outro ângulo, a idéia de que a crônica é a versão mais elaborada da literatura de fronteira, narrando, informando, construindo, descrevendo, desconstruindo.

O professor e pesquisador Ricardo de Figueiredo Lucena (2003) pondera:

Pois bem, é disso tudo que se ocupa a crônica e o cronista. Do processamento da complexa teia de inter-relações que marca a vida de contatos das cidades. Vida que, certamente, não se constrói apenas por grandes acontecimentos econômicos e políticos, mas que se edifica na soma das coisas miúdas que promovem a interdependência crescente dos indivíduos. Também nesse sentido, do universo jornalístico de onde ela emerge, a crônica vai instaurar rupturas tanto do ponto de vista lingüístico quanto, e principalmente, do ponto de vista temático (LUCENA, 2003:164).

Lucena, um pouco antes já havia observado que atualmente a crônica é tratada por alguns veículos como um assunto “menos” importante:

A crônica hoje se enquadra como gênero literário de assunto livre, de registro de pequenos fatos do cotidiano sobre política, arte, esporte e variados temas. Por se tratar de assuntos considerados menos importantes e por ser um texto limitado espacialmente nas edições dos jornais nas colunas ou em artigos opinativos, a crônica é tida como um gênero menor, o que, talvez, seja essa característica que permita ao cronista analisar “as pequenas coisas” que as grandes vistas não percebem (LUCENA, 2003:162).

Essa observação de Lucena acentua que os ingredientes usados pelo cronista para compor seu relato são as pequenas pérolas do dia-a-dia, que somente aos atentos é dado ver e experimentar.

Na busca de conhecimento para explorar o assunto desta dissertação, o autor encontrou uma tese de doutorado escrita pelo professor e pesquisador André Mendes Capraro² (2007), da Universidade Federal do Paraná, da qual foi extraído o seguinte fragmento:

Gênero associado ao cotidiano, a crônica pode ser caracterizada como a forma literária mais humanizada, próxima, respeitosa e compreensiva, porém sem deixar de ser crítica em relação aos temas. Como demonstrado em um excerto de um texto de Armando Nogueira, a respeito do encerramento da carreira do jogador Mané Garrincha.

Capraro cita texto de Armando Nogueira para melhor organizar sua argumentação a respeito da crônica:

O que se exige, ao menos por vergonha, é a reverência, é o reconhecimento à obra de um herói que, brincando pelo mundo afora, nos fez um pouco mais felizes; que, sem dar um tiro, sem um discurso sequer, fez o Brasil mais nação ainda, unindo um povo para cantar, de mãos dadas, como crianças de um mundo sem lágrimas, a alegria de uma vitória nacional. Que Deus nos perdoe o pecado de desprezar um ídolo porque, pelo menos a mim, já me basta a pena de nunca mais voltar a ver nos estádios um drible de Garrincha (NOGUEIRA, 1988:74-75 *apud* CAPRARO, 2007).

²CAPRARO, A. M. Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira no século XX. 2007. Tese de Doutorado em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

Concluindo sua argumentação sobre a crônica, Capraro também retoma texto de Antônio Candido e compreende que:

Assim a crônica é “[...] vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação” (Candido, 1992: 20). Relevada a vontade da crônica em ser íntima do seu interlocutor, o leitor, então, não poderia ser ela considerada o gênero literário mais próximo do vivido? Sem dúvida. Pois a crônica é a literatura que surge do âmago da sociedade, a partir da análise manifesta publicamente pelo cronista, no momento exato em que os fenômenos estão ocorrendo (CAPRARO, 2007:37).

1.2. A Crônica Esportiva (ou A Crônica e o Futebol)

Entre os tipos de crônica, é provável que seja a esportiva a que mais se aproxima de seu público, mantendo intensa relação de recíproca influência. O cronista, ao mesmo tempo em que atua como formador de opinião, recebe de seu público leitor os *feedbacks* correspondentes ao que publica. Atualmente, é mais visível esse comportamento devido à existência dos blogs na internet, em que se vê a enorme participação dos leitores, concordando, discordando, opinando, em respostas quase imediatas à postagem do cronista.

A designação crônica esportiva, no caso do Brasil, guarda uma amplitude de abrangência incompatível com a realidade do esporte nacional, uma vez que o futebol é o esporte que mais interesse despertou e desperta nos cronistas. Armando Nogueira, que tratava de vários esportes, é nesse sentido raríssima exceção. Por isso, quando se fala em esporte no Brasil, sinonimamente, se está falando de futebol (CAPRARO, 2007: 39-43).

Em depoimento recente ao autor desta dissertação, os pesquisadores Anderson Gurgel Campos³ e Ary José Rocco Junior⁴ foram unânimes ao afirmar que, no Brasil, o termo crônica esportiva é sinônimo de crônica futebolística.

³Anderson Gurgel Campos é jornalista, professor universitário e pesquisador da área de Comunicação, Mídia e Esporte. Doutorando na PUC-SP, com o tema Imagem do Espetáculo Esportivo. Membro do Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica da INTERCOM na temática Comunicação e Esporte.

Por outro lado, Néelson Rodrigues dizia que a identidade do brasileiro com o esporte é tão grande que quem ganha ou perde uma partida não é uma equipe, mas "a alma". E o futebol, sinônimo de esporte no país, está ligado profundamente ao imaginário coletivo brasileiro e à cultura geral da nação. Estudos sobre o simbolismo do futebol se desenvolvem de maneira sistemática e abrangente por variados segmentos da pesquisa científica, passando pelas ciências da comunicação, pela antropologia, pela sociologia, pela psicologia, tratando de aspectos comportamentais, técnicos, políticos, comerciais, influenciando fortemente toda uma sociedade.

A crônica no Brasil acompanhou as modificações ocorridas no esporte e, em relação ao futebol, pode-se perceber que os assuntos são buscados também pela evolução desse esporte contando os feitos dos craques nas décadas de 1930, 1940 e 1950; nas décadas de 1960 e 1970 com a inclusão da discussão das táticas desenvolvidas; e atualmente temos o planejamento físico e as jogadas ensaiadas em destaque (MARQUES, 2000).

O antropólogo Roberto Augusto DaMatta, em seu livro *Carnavais, malandros e heróis* (1979), pontua que o “brasileiro projeta na seleção brasileira aquilo que ele deveria cobrar do Estado”. A seleção é a materialização de um estado-cidadão, que ele, brasileiro, exige que funcione. O técnico da Seleção Brasileira é alguém de quem se cobra muito mais do que é cobrado de qualquer secretário de Estado, ministro ou até mesmo do Presidente. O mesmo DaMatta, em outro momento, no ensaio *Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social* (1986), afirma que, no Brasil, o futebol é uma “metáfora da própria vida”, uma criação social que reflete os problemas e dilemas básicos da sociedade que os criou, sendo, dessa forma, uma dramatização ou uma maneira de chamar a atenção para determinados aspectos da realidade que acabam camuflados pelas pressões rotineiras de um dia-a-dia repetitivo e desprovido de emoções.

Talvez por isso, o jornalismo esportivo tenha conseguido a adesão de um público cativo no cenário nacional. A maior parte dos veículos de mídia impressa, entre médios e grandes, reserva um espaço especial para sua editoria de esportes e nele publica

⁴Ary José Rocco Junior é jornalista, professor universitário, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Membro do Núcleo de Pesquisa Comunicação Científica da INTERCOM na temática Comunicação e Esporte.

diariamente as notícias a respeito dos mais diversos acontecimentos do mundo esportivo, em suas inúmeras modalidades. Alguns desses veículos de maior porte chegam a ter um caderno inteiro dedicado ao tema e nesse espaço vão ao encontro do interesse do leitor que aumenta ou diminui em razão de alguns fatores, sendo que o principal é quando se fala sobre o seu clube de coração.

Escritores, jornalistas e músicos assumiram através de seus trabalhos um diálogo constante com seus pares e com os torcedores. Ao mesmo tempo, participaram ativamente do cotidiano do esporte, atuando não só como agentes culturais, mas também como cronistas, narradores esportivos, diretores de clubes, compositores de hinos e até mesmo como jogadores. As relações entre futebol, literatura, imprensa e música popular brasileira são, portanto, mais do que uma relação estética ou de inspiração temática, constituindo um novo espaço popular na sociedade (COELHO, 2006:231).

O envolvimento é tão grande e profundo, atingindo “a alma”, que certos tipos de torcedores sentem-se extremamente representados pelos seus times. Cada vitória ou certame conquistado pela equipe é imediatamente absorvido pelo torcedor que sai vitorioso, mais forte. Ele é parte integrante de uma comunidade que tem os mesmos costumes e ideologia. Equivale afirmar que torcer para aquele time é ser uma pessoa vencedora, de sucesso e aceita pelos seus pares.

O brasileiro sente-se tão à vontade com o futebol que muitos pensam que o esporte nasceu por aqui. Pelo menos, oficialmente, isso não consta. Pesquisadores atribuem a Charles Miller a responsabilidade por ter introduzido o esporte no País. Filho de ingleses, o rapaz nascido no Brás, em São Paulo, fora estudar na Inglaterra e quando voltou ao Brasil trouxe duas bolas utilizadas para o jogo. A primeira partida de futebol no país data de 1895.

Ainda que a gênese do esporte não esteja em nossas terras, permanece o sentimento do povo em relação à paternidade. Profissionais de meios de comunicação contribuíram para isso. Borges (2007), por exemplo, explica:

O Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser datada temporalmente. Na construção dessa imagem os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente, afinal as crônicas estavam presentes nos grandes jornais que circulavam diariamente pelo país. Cabe ressaltar que, até o

aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios. Por meio desses dois meios de comunicação, os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente ou inconsciente, do país (BORGES, 2007:2).

É inegável, portanto, que os cronistas e locutores esportivos auxiliaram na construção de uma identidade nacional intimamente ligada ao esporte bretão. Além de terem se tornado componentes da identidade nacional, outra característica típica das crônicas, independente do período, é o envolvimento emocional. Há um momento do discurso em que o cronista “fala” à cabeça e à razão do seu receptor. Em outro momento, a mensagem é dirigida ao coração e à emoção do leitor. Essa alternância de abordagens tem o firme propósito de criar um envolvimento racional seguido de um envolvimento emocional, de tal forma que o receptor não se afaste da proposta do discurso. Por causa do envolvimento emocional, é muito raro entre os profissionais da crônica o caso de alguém que não tenha uma preferência e um engajamento definido quando se trata de futebol.

O cronista usa de uma densidade característica, pois é essa densidade a linha tênue entre crônica e conto. No conto, o autor mergulha no universo do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao “fato exemplar”, o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários (SÁ, 2002:9). A crônica possui a marca de registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata um fato não mais a um só receptor, porém a muitos leitores que formam um público determinado. Quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo que ele diz parece ter acontecido de fato como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem. A linguagem jornalística desempenha a função poética no momento em que recria a notícia captando o seu misterioso encantamento. O jornalista, portanto, não deve simplesmente registrar uma notícia. Cabe a ele explorar o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar, com emoção semelhante à do repórter, aquilo que está sendo narrado. A crônica assume a transitoriedade da notícia e se dirige a leitores apressados, que lêem nos pequenos intervalos da vida diária. A elaboração da crônica também se prende a essa pressa. O cronista dispõe de pouco tempo para datilografar seu texto, pois ele precisa acompanhar a correria com que se faz um jornal. Por isso a linguagem da crônica é informal e bastante próxima da que é usada em uma conversa entre amigos (SÁ, 2002:8-10).

Essas palavras de Jorge de Sá, colocadas aqui, têm uma função: suavizar a transição de nossas reflexões nas quais, até agora, tratamos de crônica na mídia impressa, para reflexões mais amplas que passem a mesclar os ambientes jornal e rádio. Inúmeros autores da palavra escrita fizeram suas incursões pelo rádio, e as crônicas e locuções extrapolaram o simples ato, por exemplo, de ouvir uma partida transmitida pelo rádio – único meio de comunicação eletrônico até os anos 1950, no Brasil. Ao acompanhar a narração e os comentários, o brasileiro torcedor, o ouvinte engajado, ia tomando para si opiniões, vocabulários, idéias, sentimentos, como podemos observar nas palavras de Luiz Henrique de Azevedo Borges (2007):

Pode-se afirmar que as crônicas não se circunscrevem apenas à área esportiva, mas seus discursos atingem outros espaços de sociabilidade, e nesse sentido, as reflexões acerca do futebol abarcam não só questões identitárias, mas também são portadoras de projetos para a nação brasileira (BORGES, 2007:2).

Importantes cronistas, como Mario Filho, Néelson Rodrigues, João Saldanha, Armando Nogueira, Orlando Duarte, Juca Kfourri, e tantos outros, desempenharam este papel, embora, possivelmente, sem tal preocupação. A partir disso, pode-se afirmar que tais profissionais têm sua extrema importância na construção da imagem e da representação do País em relação ao imaginário brasileiro, como sendo a terra do futebol (BORGES, 2007: 3).

Armando Nogueira, falecido em março de 2010, teimava em não ser objetivo quando escrevia sobre futebol, um esporte tão subjetivo:

Sua crônica reveste-se, assim, dos efeitos catárticos, por transmutar em palavra poética, pelo viés da subjetividade, os sentimentos que subjazem à representação das coisas e objetos e por evocar as imagens mítico-simbólicas que ressoam no imaginário do futebol [...]. Desta forma, Nogueira redefine a crônica de futebol, ao reorientar para o poético, em função de uma linguagem mítico-metafórica, um percurso supostamente referencial e, ao inserir nele as aspirações humanas dos aficionados por esse esporte [...] sua crônica, pelas implicações lingüísticas da subjetividade do narrador, contribui para a classificação da crônica de futebol como um subgênero (RAMADAN, 1997a:26).

Diferentemente de Nelson Rodrigues, de quem se considerava discípulo, Armando Nogueira, que também falava de outros esportes, praticava seu mais fino estilo poético quando, de forma artesanal, devaneava sobre aquilo que qualificava como algo transcendente e arrebatador:

O futebol é assim: desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da paixão. Tem de tudo um pouco, porém, é mais que tudo. Torcer para uma camisa é plena entrega. É mais que ser mãe, porque não desdobra fibra por fibra o coração. Destroça-o de uma vez no desespero de uma derrota. Em compensação, remoça-o no delírio de uma vitória (NOGUEIRA, 2003:119).

Com o objetivo de ilustrar melhor a idéia defendida até aqui, destacamos o artigo de Marcelino Rodrigues da Silva (1998), no qual o autor estuda como são produzidos os sentidos associados ao futebol pelo imaginário coletivo brasileiro. O pesquisador defende que o gênero jornalístico ‘crônica’ permite liberdades discursivas que, normalmente, não são utilizadas no discurso do jornalismo marcadamente notado pela objetividade, imparcialidade, concisão, entre outros aspectos. Afirmo Silva:

[...] ao mesmo tempo em que tem a referencialidade jornalística, a crônica tem também uma série de características ditas “literárias”: abertura ao impressionismo e ao subjetivismo, a ambiguidade na relação com os fatos, o tratamento estético da linguagem, etc. Essas características fariam dela um espaço privilegiado para a produção de sentidos a partir do futebol. Um espaço em que os fatos esportivos podem abandonar a moldura meramente contingencial da notícia, onde a interpretação tende a se restringir ao universo referencial do jogo, para ganhar uma dimensão mais ampla (SILVA, 1998:106-107).

Marques de Melo (1985) já teria ponderado que a crônica moderna configura-se como gênero eminentemente jornalístico:

Suas características fundamentais são: 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva. 2) Crítica social, que corresponde a “entrar fundo

no significado dos atos e sentimentos do homem” (MARQUES DE MELO, 1985:116).

Retomando os conceitos defendidos por Silva, para quem a crônica se tornou um espaço privilegiado para a produção de sentidos a partir do futebol, chegamos à referência que ele faz a um dos maiores expoentes da nossa crônica esportiva: Nelson Rodrigues, para quem a seleção brasileira – o “escrete” – representava a própria nação. Para Silva, ao considerar que a equipe verde e amarela era a “pátria em calções e chuteiras” (Rodrigues, 1994), fica implícito o moderno sentido da palavra nação:

Uma comunidade política que, para existir, precisa ser corporificada por signos que representam os laços de pertencimento e solidariedade que unem seus membros, a despeito dos conflitos que existam entre eles. Nas crônicas de Nelson Rodrigues, é só através do escrete que a nação se realiza plenamente. Em uma crônica de 70, por exemplo, ele afirma que os jogos do escrete são as únicas ocasiões “em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil” e que “fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo”, “todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção” (Rodrigues, 1993:181). Assim, Nelson projeta, na trajetória do escrete nas competições internacionais, o “mito” da nação brasileira, revelando através dele as qualidades do agente representado, o homem brasileiro (SILVA, 1998:108).

O que se observa no estudo da ampla literatura disponível é que as crônicas esportivas contribuíram e ainda continuam seu papel de agentes construtores de uma identidade para o brasileiro alicerçada no futebol. Nelson Rodrigues e Armando Nogueira, para citar apenas dois, tinham seus discursos, representativos das angústias e desejos da sociedade, legitimados pelo grande público que lhes atribuía total autoridade. É a “pátria em chuteiras”, vivendo o futebol embalado pelo “santo desvario da paixão”.

1.3. A Locução Esportiva

Narrar futebol é fazer algo que afeta profundamente a vida do brasileiro, tanto que Nelson Rodrigues, como vimos, dizia que a identidade do brasileiro com o esporte é

tamanho que quem ganha ou perde a partida não é uma equipe, mas "a alma". A narração de um jogo de futebol pelos locutores patricios mexe com o imaginário popular, sobretudo com o torcedor fanático. Ao criar um lance mais bonito do que realmente aconteceu, o narrador fala mais perto do coração do seu receptor, despertando nele emoções contidas até então.

O jornalista Juca Kfourri (2004), no artigo “Entre torcer e distorcer”, publicado em *Cadernos da Comunicação da Prefeitura do Rio de Janeiro*, é enfático ao destacar:

É claro que é compreensível o tom emocional das transmissões, embora os exageros sejam demasiados, o que exacerba vitórias que, por um lado, não falam muito ao coração do torcedor e, por outro, aumentam a frustração por derrotas absolutamente normais. Jornalistas não podem assumir o papel de vendedores de ilusões. Deve ser bem clara a fronteira entre o esporte tratado como entretenimento e a cobertura jornalística do mesmo momento. O show precisa continuar, mas o jornalista não é nem artista nem ilusionista, precisa se preocupar em jogar luz sobre os fatos, por mais que a cobertura esportiva seja contaminada pela emoção que desperta. Entre a euforia e a depressão há um espaço enorme, exatamente o que permite o exercício do bom jornalismo (JUCA KFOURI, 2004).

Se há diferença na forma de narrar dos locutores esportivos, ela não está resumida às características particulares de cada um. Antes de chegar à cabine e empunhar o microfone, esses profissionais passam por uma escola e ali aprendem como mandar para o ar a descrição do que se passa à sua frente. Portanto, o que chega ao receptor é um misto de estilo e técnica. Mas só mesmo no Brasil é que o grito de gol no rádio tem o som que tem e entra em cena para que a voz do locutor possa abafar o alarido que vem do estádio lotado quando a bola chega ao “véu da noiva”.

Isso passou a ser notado com clareza no Brasil na década de 1930. É um espetáculo à parte para uma platéia europeia, por exemplo. Os jornalistas Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, em seu livro *Manual de Jornalismo Esportivo* (2006), analisam esse aspecto da questão:

A linguagem jornalística do esporte nunca teve uma escola definida. O surgimento de um estilo próprio sempre dependeu das tentativas de erros e acertos. Em 1932, início das transmissões esportivas no rádio, a linguagem usada era a da pura emoção. Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam

com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida. Casos como esses eram um espetáculo à parte quando comparados às narrações de locutores da Europa, habituada a uma narração mais informativa e menos empolgante (BARBEIRO & RANGEL, 2006:54-55).

Atualmente, os torcedores de futebol têm informações sobre seus clubes e partidas em tempo real e com imagens pela internet. Sem contar as várias possibilidades de pacotes oferecidos pelos programas de TV a cabo. Esse enredo remete ao rádio, o primeiro meio de comunicação a levar em tempo real as partidas de futebol aos diversos cantos do país. Quem começou tudo isso foi o advogado Nicolau Tuma, o pioneiro das transmissões ao vivo de futebol pelo rádio:

Foi Nicolau Tuma quem fez a primeira transmissão de um jogo de futebol do rádio brasileiro, em 20 de fevereiro de 1932. (...) Naquele mesmo ano, 1932, o rádio brasileiro transmitiu pela primeira vez um campeonato mundial de futebol: a Copa do Mundo da França. Serviços de alto-falantes foram instalados nas praças de centenas de municípios brasileiros, para que a população pudesse acompanhar as partidas através da narração de Gagliano Neto (Web, BRASIL CULTURA, 2009).

Tuma inovou também na narrativa esportiva. O rádio transformou-se num veículo de emoção e sedução. Um veículo que estimulava sentimentos, causava envolvimento, atraía a atenção dos ouvintes para que eles pudessem criar paisagens sonoras⁵ através da narrativa, imaginando e fazendo parte da situação ou do acontecimento. Nicolau trouxe uma nova habilidade sonora em suas narrações:

Até então faziam-se flashes, contava-se como ia o jogo, mas não se transmitia a partida, passo a passo. De forma criativa Nicolau Tuma o

⁵ Raymond Murray Schafer é canadense, músico, compositor e professor. É um dos fundadores do *World Soundscape Project* (WSP) que, no final da década de 1960, na *Simon Fraser University*, de Vancouver, estudou a poluição sonora e seus efeitos na cidade. A partir desses estudos, Schafer cunhou o termo “paisagem sonora”, que segundo o próprio músico “é qualquer campo do estudo acústico. Pode-se referir a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como *paisagens sonoras*”. Do inglês *soundscape*, fazendo analogia ao termo *landscape*, que significa paisagem.

Fonte: FERNANDES, R. F. Jogos orquestrais: Vínculos sonoros nas jornadas esportivas da Eldorado/ESPN. 2010:37. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

fez, e, pouco tempo depois, com um pouco mais de prática, foi cognominado “O locutor Metralhadora”. É que não se podia deixar o silêncio, o vácuo, que enseja o ouvinte a mudar de estação. Nicolau Tuma descrevia os pormenores, falava sem parar, criando um estilo, que, de certa maneira, perdura até hoje, em transmissões radiofônicas. (Web, NETSABER, 2006).

Edileuza Soares (1994), em um livro que se tornou referência no assunto – *A Bola no Ar* – escreve:

Chama a atenção o fato de a irradiação esportiva manter-se ativa desde o início da década de 30, enquanto estão extintos o radio-teatro, a radionovela, os grandes musicais, os programas humorísticos e os de auditório, seus contemporâneos. [...] Ao longo dos anos, o rádio esportivo tornou-se um fenômeno de comunicação de massa. Com linguagem diferenciada, os locutores, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformam a narração em grandes espetáculos, que chegam a superar a realidade, como observa o radialista e pesquisador Luis Carlos Saroldi: “(...) A transmissão esportiva no Brasil constitui um gênero à parte. Uma espécie de ópera sonora, muitas vezes superior ao espetáculo que supostamente procura descrever. O que corresponde decerto à importância que o futebol ocupa num país tricampeão do mundo (...)” (SAROLDI, Luís Carlos. *O Rádio no Brasil*, gravação do Serviço Brasileiro da BBC de Londres, apud SOARES, 1994:13-14)

O jornalista Joseval Peixoto, atualmente um dos apresentadores do *Jornal da Manhã*, na *Rádio Jovem Pan*, ficou na lembrança deste autor numa crônica que levou ao ar em meados dos anos 1980, na qual ensinava que uma narração esportiva de boa qualidade depende não somente das técnicas da profissão. Estas são fundamentais, claro, mas podem ficar comprometidas se o cronista não possuir uma bagagem cultural de conhecimentos variados que possam dar suporte à sua argumentação. Essa base cultural ampla deve, segundo o jornalista, ter na sua composição viagens, visitas a museus, cinemas, teatros e muita leitura. Para ilustrar esse pensamento, segue um trecho de uma entrevista que Fiori Gigliotti, objeto desta pesquisa, concedeu ao jornalista Pedro Vaz, da *Rádio Gazeta*, em julho de 2002 (a íntegra da entrevista encontra-se no Anexo I, à página 83).

Bom, lembrando, inclusive, pra vocês, na Bandeirantes, nesses 32 anos e somando com o meu primeiro período de Bandeirantes e 5 anos de Panamericana, o rádio me deu o privilégio de conhecer o mundo inteiro. Já saí do Brasil mais de 100 vezes. Se eu não me engano, 107 vezes, 117, alguma coisa assim. Conheço 60, 70 países. Tirei um proveito muito grande disso, porque eu sempre fui muito estudioso, muito interessado em saber um pouco, cada vez mais. Contrariando o que a maioria dos jornalistas fazem [sic], eu, toda vez que eu chegava num determinado lugar eu queria saber onde é que era o museu, o que que, o que que essa cidade, o que que esse país tinha de bom pra me ajudar, pra enriquecer meus conhecimentos gerais, porque história é uma luz que alarga a mente da gente. História, geografia, contato com línguas diferentes, povos diferentes... e tirei muito proveito disso [...] toda copa do mundo que eu fazia, no final, eu fechava os olhos e fazia uma espécie de viagem evocativa, retrospectiva para que o torcedor ouvinte, o ouvinte torcedor fechasse os olhos e viajasse comigo pelos mesmos caminhos que eu viajei, pra poder completar toda uma transmissão de copa do mundo [...], dizendo o que, o que, o que era uma cidade, a primeira cidade, o que produzia, o que tinha, a estrada pela qual eu passava, o que eu encontrava nas estradas, o que, o que uma determinada região produzia, as características, as peculiaridades, o folclore, eu sempre fiz isto.

Um narrador com essa bagagem tem maiores possibilidades de enriquecer uma transmissão, correndo menos riscos de errar e prejudicar seu resultado final. Uma pesquisa na internet pode oferecer bons argumentos para recheiar uma narração esportiva e disponibilizar um conteúdo com muito mais qualidade ao ouvinte.

Outro aspecto que vale abordar aqui, e que tem sido estudado com disciplina e empenho por este autor, é a questão da fala de improviso. Nos cursos de oratória o tema é recorrente justamente porque, profissionalmente, sabe-se que improviso não é algo para aventureiros. Falar de improviso é uma arte que demanda alguns esforços: estudar e avaliar a situação, o momento, as possíveis ocorrências, as alternativas de saída. Estudar e planejar utilizando técnicas eficazes que podem auxiliar todo profissional a sair de situações embaraçosas. A propósito, o escritor e humorista norte-americano Mark Twain (1835-1910) costumava dizer: “Preciso de cerca de três semanas para preparar um bom improviso.”

O site Universidade do Futebol (www.universidadedofutebol.com.br) é conhecido como um manancial de artigos sobre o chamado esporte das multidões. Há ali um artigo escrito pela equipe do site, com base no livro *Manual dos Locutores*

esportivos (2004), cujo autor é o radialista Carlos Fernando Schinner. O tema é o improviso na narração esportiva.

O primeiro passo para um improviso de qualidade é o narrador estar atento à pauta. Para isso, ele precisa se cercar de todas as informações possíveis sobre o evento e reunir todas as curiosidades que conseguir sobre aquele momento. [...] Outra característica importante para a base de um improviso é a visão global sobre o assunto. Não adianta o jornalista se preocupar apenas com o evento e esquecer das conseqüências que aquilo pode ter posteriormente. A locução da derrota de um time, por exemplo, pode mudar radicalmente se aquele placar representar o rebaixamento da equipe em questão. O narrador também deve apresentar um controle emocional extremamente radical. Mesmo nos momentos decisivos, o jornalista deve entender que a emoção é um componente de seu trabalho, e não o ponto fundamental dele. Quem controla a emoção é o locutor, e não o contrário! Também é importante que o jornalista tenha sempre um plano B para cada ocasião. Quando ele está bem pautado e conhece bastante sobre o assunto, qualquer novo elemento deixa de ser surpresa e passa a representar apenas uma alteração no curso da narração. O público não pode perceber que o narrador ficou nervoso ou que não sabe o que falar em determinado momento⁶.

No final dessas considerações, entende o autor que, mais na área do jornalismo esportivo do que em qualquer outra, os profissionais devem manter-se distantes dos fatos para uma atuação imparcial e isenta que lhes garanta a confiança e a credibilidade do seu receptor, leitor ou ouvinte. A razão dessa opinião é simples: o quanto já se falou até aqui que o esporte – futebol – mexe com a paixão do público.

No seu *Manual do Jornalismo Esportivo* (2006), Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel também comentam aspectos particulares dessa questão – seriedade, isenção, treino, foco e capacidade de interpretação – as ferramentas do bom jornalista esportivo:

No meio desse compromisso com a imparcialidade, os jornalistas ainda sofrem a pressão do entretenimento. O esporte não é apenas uma sucessão de fatos, mas um meio de as pessoas aliviarem a tensão do dia-

⁶ Artigo completo disponível em <http://www.universidadedofutebol.com.br/2007/08/1.366.TECNICAS+DE+IMPROVISO+NA+NARRACAO+ESPORTIVA.aspx?p=4> (acesso em 22/03/2010)

a-dia. Portanto, o jornalismo esportivo tem (assim como o de variedades) a meta de atingir o grande público e funcionar como ferramenta. A participação ideal é aquela capaz de agradar os aficionados e não chatear os que não são conhecedores do assunto. É uma arte que se desenvolve com muito trabalho, treino e humildade para ouvir as críticas e centrar o foco das participações. O problema é que, em muitos casos, as pessoas perdem a noção do limiar entre jornalismo e entretenimento. E, com isso, o jornalismo sério perde espaço para o circo. O comentarista não é um *clown* e sim um analista do que acontece em campo. O espetáculo em vez da informação é um desrespeito com o público. Além de ter cuidado com o espetáculo, o jornalista não deve buscar se destacar a partir de comentários desnecessários e incompreensíveis. O comentário não deve ser discursivo e o "achismo" é um atalho para derrubar a credibilidade de qualquer profissional. Para isso, é importante que o comentarista dê atenção especial à interpretação dos fatos e deixe opiniões de lado na hora de fazer uma participação em um veículo esportivo. A opinião é bem-vinda, mas desde que seja embasada por fatos. E a opinião contundente também sempre dá mais espaço para o jornalista queimar a língua, é claro (BARBEIRO & RANGEL, 2006:80-81).

Depois da compreensão da crônica esportiva no rádio brasileiro e do vislumbre da importância de Fiori Gigliotti neste contexto, o próximo capítulo resgata a trajetória humana e profissional do mais conhecido cronista esportivo do rádio paulista.

CAPÍTULO II – A TRAJETÓRIA DE FIORI GIGLIOTTI

2.1 Introduzindo o perfil: as relações humanas

Janeiro de 2010. A pesquisa seguia dentro do planejado. Muito material já lido e compilado. Chegava, finalmente, o momento de procurar as pessoas que, esperava-se, proporcionariam o, até então, mais empolgante ponto do trabalho: falar de Fiori, descobrir Fiori, aproximar-se de Fiori, conhecer Fiori. Por onde começar? Com quem falar? Amigos, colegas, professores, jornalistas, radialistas, familiares, fãs, admiradores, críticos, estudiosos. Quem? Como chegar às pessoas? Em meio a essas questões, brota um nome bem conhecido, desde quando nossas crianças começaram a frequentar juntas a escola maternal em Perdizes... muito tempo... o Salim!!! Isso, ele mesmo, o Roberto Salim, repórter esportivo da ESPN Brasil, onde atua no programa Histórias do Esporte. Um telefonema, o pedido de ajuda, uma espera de dois dias e a ligação de volta, com uma relação de nomes de profissionais do jornalismo esportivo, juntamente com número do telefone e local de trabalho. Com alguns deles, o Salim já havia até conversado sobre a pesquisa do Mestrado. A cada contato, mais informação era acrescentada e o perfil de Fiori seguia tomando forma. No entanto, o mais importante ainda não havia acontecido: a aproximação com a família de Fiori. Isso se deu pela indicação do jornalista Reinaldo Lombardi, mais de trinta anos ao lado do narrador de quem foi produtor e tornou-se amigo, permanecendo amigo da família até hoje.

O primeiro contato foi com o filho de Fiori, Marcelo Gigliotti. Uma hora ao telefone e boa parte da história já ganhara alguma estrutura. Vários outros telefonemas viriam a ocorrer antes de se chegar à pessoa que dividiu com Fiori uma convivência de mais de 50 anos, Dona Adelaide Gigliotti.

“Ah, professor, eu adoraria falar com o senhor sobre o Fiori, mas é que hoje eu acordei meio chorosa”, inicia a conversa Dona Adelaide, a viúva do lendário locutor esportivo. Explica-se: estamos em fevereiro de 2010, falta pouco mais de três meses para a próxima Copa do Mundo, Fiori faleceu no dia anterior ao início daquela que seria sua 11^a. Copa como narrador (2006). Todos esses elementos, combinados numa

entrevista em que se falaria muito de todos eles, configuravam uma sobrecarga emocional considerável para uma pessoa de 81 anos de idade. Assim, Dona Adelaide foi convidada a ficar muito à vontade para tratar, naquela oportunidade, somente de temas mais leves que pontuaram sua longa e intensa trajetória ao lado de Fiori. Muitas outras conversas ainda estavam por vir. Muita emoção, ainda, reservada para essas ocasiões.

Na sequência, a família concedeu, de forma extremamente gentil, vasto material contendo revistas, recortes de jornais, notícias da internet, matérias longas sobre programas de rádio, fotos, cartões postais, cartas, comendas e o acervo pessoal da própria família. Com base nesse material e também nas entrevistas que D. Adelaide – viúva – e Marcelo – filho – concederam a este pesquisador, juntamente com todo o material coletado junto aos profissionais do jornalismo esportivo já referidos, fixou-se um objetivo: criar o perfil do pesquisado e caracterizar quem foi Fiori Gigliotti e, por intermédio do *corpus* citado, mostrar a relevância de seu trabalho para a nossa cultura e para o estudo acadêmico. O domínio da oratória pelo locutor esportivo, sua criatividade na elaboração dos bordões que pontuavam sua narração e a facilidade para imaginar cenários de encanto e emoção serão aqui destacados para resgatar a importância desse profissional da comunicação e sua contribuição para a história da oralidade mediatizada no Brasil.

2.2. O profissional – início

Fiori Gigliotti nasceu em Barra Bonita, no interior de São Paulo, no dia 27 de setembro de 1928, filho dos descendentes de italianos Sr. Ângelo e dona Rosária. Com quatro anos, ele se mudou para Lins, cidade em que viveu durante 20 anos. Segundo o próprio Fiori, em entrevista concedida ao jornalista João Areosa⁷, da revista *Placar*, ele teve “uma infância bem vivida, uma infância de moleque, moleque de estilingue, moleque de andar descalço, de formar aqueles grupinhos que brincavam todos os tipos de brincadeiras daquela época”.

⁷30 anos de espetáculo - Publicada na revista *Placar*, edição nº 384 de 2 de setembro de 1977. Disponível em <http://violaosardinhaepao.blogspot.com/2010/06/vsp-entrevista-fiori-gigliotti.html> (acesso em 06/05/10).

Com apenas 12 anos, Gigliotti perdeu o pai a quem era muito ligado. “Eu tinha loucura por ele. Tive que me virar muito cedo, depois que meu pai faleceu”, disse Fiori na mesma entrevista. O menino passou a engraxar sapatos, vender jornais e trabalhou em casa de tecidos.

Em 1947 começou a trabalhar no *Correio de Lins*, mas não como locutor ou jornalista: Fiori limpava a sala, fazia cobranças. Ele fazia parte do trabalho administrativo para que o jornal funcionasse. “De repente, me vi fazendo notinhas sociais e entrando aos poucos nos assuntos esportivos. Passei a escrever um programa para a rádio de Lins, mas outros é que liam no microfone”, explica. Fiori achava que os locutores daquela rádio, na época, não gostavam muito de futebol e, por isso, liam mal, “um programa sem vida”. Então, ele começou a insistir com o diretor para que ele pudesse ter uma chance para ler no ar, pois desejava apresentá-lo de outra forma. Apesar de o chefe sempre dizer que ele não tinha experiência para exercer tal função, Fiori continuou insistindo até vencer o chefe pelo cansaço. “Foi assim que nasceu minha carreira de homem de rádio”, conta. Mais tarde ele apresentou também programas caipiras, românticos, limpava a rádio e foi também corretor de anúncios.

A estréia como locutor aconteceu no dia 26 de maio de 1947, com apenas 19 anos. Na vitória de 1 a 0 do Linense sobre o São Paulo de Araçatuba, com o gol “de um criouloão comprido chamado Parafuso”, segundo o próprio Fiori, na entrevista citada.

2.3. Início da carreira como radiojornalista esportivo –“Abrem-se as cortinas...”

Em 1947, na *Lins Rádio Clube*, começou a trabalhar como locutor de rádio, apresentando o programa de auditório “Alô Gurizada”, dedicado às crianças. A atração contava com a participação de palhaços e crianças que tocavam instrumentos e cantavam. Ainda na mesma rádio, estreou o programa “A marcha do esporte”.

Dois anos depois da temporada em Lins, o locutor passou pela *Rádio Cultura de Araçatuba*, onde ficou por nove meses. Ele apresentava os programas “Crepúsculo Romântico”, que transmitia músicas e poesias ao fim das tardes, e “Quando fala o coração”, que recebia cerca de mil cartas mensais. O sucesso foi tanto que fãs o assediavam constantemente – uma moça chegou a se apaixonar pelo locutor e passou a persegui-lo. “Na época as mulheres se apaixonavam pela voz dos radialistas, e tive um caso que não foi muito bem aceito pela família da moça”, comenta o radialista (anexo

I:71) sobre o caso de amor que o fez fugir da cidade. Ainda em 1949, ele voltou para a *Lins Rádio Clube*, onde permaneceu por mais três anos. Ele ainda trabalhou por dois anos na montagem da Rádio Clube de Birigui, local em que também apresentou programas sertanejos. Nessa época Fiori cantava canções de Dick Farney e Nelson Gonçalves na rádio e gostava de fazer serenatas.

A oportunidade para trabalhar na *Rádio Bandeirantes* veio em fevereiro de 1952. Por intermédio de Édson Leite, ele fez o teste no jogo-treino entre o Santos e a Seleção Paulista, na Vila Belmiro. “Graças a Deus, tive sorte e fiz contrato, mas para começar a trabalhar só em julho, pois não podia abandonar de repente meus compromissos particulares e a rádio de Lins”, explica Fiori (anexo I:72). Aprovado no teste e já mostrando seu estilo característico de narrar, ele fez sua estréia na rádio paulistana em 19 de julho daquele ano, em pleno Parque São Jorge, narrando Corinthians e Ponte Preta. “Eu fazia de tudo: narrava basquete, boxe, jornadas esportivas”, conta o locutor (anexo I:72). Fiori, então, mudou-se para São Paulo naquele mês de julho e foi morar na Pensão Vera Cruz, no largo São Francisco, próximo da antiga sede da Rádio Bandeirantes, que ficava na Rua Paula Souza, no centro paulistano. O locutor só trouxe a família para a capital em outubro de 1952. Ele, duas irmãs e a mãe se acomodaram em uma casa localizada na Rua João Teodoro, também nas proximidades da Bandeirantes. O radialista relata o quão duro foi esse momento de mudanças tão bruscas:

Achei que em 52 era hora de alçar vôos mais altos. Foi quando eu vim pra Bandeirantes. E, por incrível que pareça, a maneira como nós entramos na Bandeirantes foi singular. A nossa carreira, modéstia à parte, tem muita singularidade. Eu vim fazer teste na Bandeirantes em janeiro. Então, no dia 19 de janeiro de 52, a direção da Bandeirantes pediu pra que eu fizesse um teste, irradiando Seleção Paulista e Santos, na Vila Belmiro e eu fui. Seleção ganhou de 3 a 2. Na volta, eles pediram que eu passasse na Bandeirantes. Passei na Bandeirantes uma e meia, duas horas da manhã, assinei o contrato, de madrugada, pra começar a trabalhar no dia primeiro de julho de 1952. Eu não queria abandonar assim, bruscamente, a rádio de Lins e apesar que eu tinha um pouco de medo porque o clima do interior, principalmente antigamente, era muito diferente do clima de agora. É um clima muito limpo, um clima muito caseiro, a gente conhecia todo mundo, a gente vivia realmente a poesia, o lirismo, o romantismo da época. Quando eu vim pra São Paulo, eu não vim com a família, trouxe minha família três meses depois. Eu morava na pensão Vera Cruz ali no largo São Francisco. Mas eu chorei muitas noites, enfiando a cabeça debaixo do travesseiro, de saudade da família, de saudade das namoradas,

namoradas, a gente tem que colocar no plural porque naquele tempo a gente vivia o encanto do rádio, quem trabalhava no rádio naquele tempo era um príncipe encantado. A mulherada dava em cima. A gente tinha um monte de namoradas, e naquele clima, naquela, naquele festival de sonhos e de, e de poesias, a gente também gostava de pescaria, era um negócio muito lindo, convivia muito com a natureza. Ah, de noite a gente se esparramava em lágrimas e, debaixo do nosso travesseiro, a gente chorava na cascata da saudade. E, de qualquer maneira, isso marcou muito. No entanto, fez muito bem pra nós porque é preciso sofrer pra gente valorizar tudo que a gente consegue⁸.

Ainda em 1952, havia um famoso e popular programa de auditório na Rádio Bandeirantes, abrilhantado pela orquestra regida pelo maestro Sílvio Mazucca. Essa passagem vem da memória de D. Adelaide, que não conseguiu lembrar-se do nome do programa nem do nome do animador. Música e variedades atraíam muitos jovens. No auditório lotado, o público feminino era maioria. Duas mocinhas, muito amigas, Adelaide Gonçalves Gouvinhas e Terezinha Nanini, costumavam frequentar o programa, quando saíam do trabalho. Da programação de final de tarde, um pouco antes do programa de auditório, fazia parte um outro, chamado “Marcha do Esporte”, que tinha a participação de Fiori para comentar esportes variados, enfatizando o futebol. A entrada era chamada de “Chute na Canela”. Logo após o programa esportivo, Gigliotti e outros radialistas costumavam ir até o auditório para conversarem e paquerarem as mocinhas presentes. Um dia, Adelaide e Teresinha pegaram o elevador junto com Fiori. Teresinha, que já conhecia o locutor, o apresentou à amiga. Os três subiram e assistiram ao programa juntos.

Adelaide, nessa época, morava no bairro de Santana e trabalhava no centro de São Paulo, na Companhia Telefônica Brasileira, onde era a telefonista chefe. Devido ao seu ofício ela costumava visitar grandes empresas da época para “ver como a CTB estava atendendo seus maiores clientes”, relata a própria Adelaide. Cansada de ter que andar muito e passar boa parte do tempo trabalhando na rua, ela decidiu deixar a CTB e começou a trabalhar na Carvalho Meira, uma empresa de ferragens. “O escritório ficava

⁸ Trecho de entrevista concedida por Fiori Gigliotti a Marcelo Abud e Vanessa Toledo, publicada em sua homenagem no site Peças Raras - <http://www.pecasraras.com/> - Acesso em 15/02/2010.

na região da Florêncio de Abreu, tudo ali no centro mesmo, muito próximo da Bandeirantes”, conta ela.

A mesa de PBX em que ela trabalhava ficava no meio da imensa loja. Fiori, descobrindo que ela trabalhava lá, passou a visitá-la todas as tardes para baterem um papo – em pé, diante da mesa. “Um dia o chato do meu chefe, seu Isaías, me chamou e falou ‘Adelaide, fala para esse moço vir te buscar aqui às 6 horas e vocês passam a noite conversando; passar a tarde toda aqui não dá, né?’”, conta.

Fiori passou a acompanhar Adelaide até Santana, descendo um quarteirão antes da casa dela. O motivo: ele tinha receio do pai dela, que era muito severo. O namoro durou 10 anos, um espanto para a época, pois Fiori era o arrimo da família, e o locutor queria consolidar a carreira antes de se casar. O casamento aconteceu no dia 19 de julho de 1962. Fiori tinha 34 anos e Adelaide, 33. O primeiro filho do casal, Marcelo, nasceu no dia 30 de novembro de 1968.

Pescaria. Em reportagem feita por Ximena Morales para a revista *Pesca e Companhia*, Fiori conta sobre sua paixão pela pescaria. Ele afirma que o Pantanal é um dos lugares mais bonitos do mundo e que o ponto alto da pescaria é quando ele se depara com “o danado do Pintado”. O prazer pela pesca começou aos 13 anos e, com o falecimento do pai, o menino aprendeu a pescar com os amigos paternos. A reportagem revela que “já adulto, 1952, muda-se para a capital e dá início à sua jornada profissional e torna-se pescador assíduo da Represa Billings, localizada no Grande ABC paulista. “Era cada peixe! Piaparas imensas, bagres enormes, carpas, tilápias, traíras”, recorda Gigliotti com saudade. Mas o marco de sua vida foi conhecer o Pantanal em 1975 e toda a relação de amor e respeito pelo local começou a dominá-lo. ‘O Pantanal é poesia de Deus’, afirma o locutor. A repórter pede a Fiori que narre uma pescaria, e ele atende ao pedido, criando a seguinte história bem humorada sobre a pesca de um cachara:

Começa a pescaria. Abrem-se as cortinas e a emoção de uma grande pescaria. Será que tem Pintado? Será que ele vem? Será que ele vai sacudir a ponta da vara? Será que nós vamos conseguir fisgá-lo? Atenção, torcida brasileira, começa a briga. Tá começando a pinicar, uma pinicada de leve, a segunda puxada, se der a terceira a gente fisga o danado. Olha o puxão! Abrindo agora a fricção. Dando mais linha. Agora a fisgada. Tá ferrado, torcida brasileira!!!! Ele vai pra lá, ele vem pra cá, ele vai pra frente, ele vai pro fundo. A linha tá cantando. Agüenta coração! É um negócio maravilhoso! É um momento

inesquecível! Como o bicho briga! Como ele é valente! Ele é danado. Vai dar uma puxada na vara! Vira o carretel, vai girando, vai puxando, puxando. Ele tem de vir, torcida brasileira! Ele dança lá embaixo e a gente sofre aqui em cima! Agüenta coração! Olha a felicidade! Que alegria! Uma beleza de jogada torcida brasileira! O bichão tá chegando, tá subindo. Olha ele aparecendo, é um cachara, “primo” do pintado. Marco, Marco, você que é um grande piloteiro, joga o passaguá no bicho e puxa ele pra cima. Olha que lindo cachara. Olha que pescaria feliz, agüenta coração! Felicidade como essa não pode acontecer! Fecham-se as cortinas e termina a grande pescaria com um Cachara bravo, bonito, lindo, de 8 quilos aproximadamente, já sossegado aqui em nosso barco! (Matéria retirada do acervo da família, Revista *Pesca & Companhia*, p. 74-76; não consta número da edição nem data de publicação).

A carreira avança. Em janeiro de 1953 foram disputados os jogos Pan-americanos do Peru e de forma inusitada, Fiori pode ir para lá. “Decidimos quem iria cobrir o evento num jogo de palitinhos. Eu perdia por dois a zero e acabei ganhando de três a dois”, conta o locutor (anexo 1:75). Edson Leite era o primeiro narrador e Hélio Priolli, o segundo. Chateado por ver a escalação de Fiori para a cobertura dos jogos com apenas seis meses de casa, Priolli acabou pedindo demissão. Gigliotti ocupou por quase cinco anos o cargo do colega ressentido.

Por intermédio de Paulo Machado de Carvalho, fundador da *Rádio e Televisão Record*, em 1958, ele foi para a rádio *Jovem Pan* para ser o narrador titular. Na Pan ele marcou seu nome, dando vida ao seu estilo metafórico e cotidiano de narrar as partidas conquistando a admiração do público em todo o Brasil. Ele ficou na rádio até 1962, ano que registra um dos maiores feitos de sua carreira: “Transmiti a minha primeira Copa do Mundo e este foi o momento mais inesquecível”, recorda o locutor (anexo I:77). “É o sonho de todo jornalista esportivo e, para minha sorte, foi uma Copa muito feliz, onde pude testemunhar o amor entre Garrincha e Elza Soares – que foi o motor do time brasileiro até a conquista do bicampeonato”, completa. A revista *Histórias do Futebol* narra a relação de Fiori com o amor de Garrincha e Elza Soares:

Garrincha, um terror dentro e fora do campo. Foi no apartamento de Fiori Gigliotti, no hotel Vila Inglesa de Campos do Jordão, que Manoel dos Santos, o inesquecível Garrincha, começou seu mais famoso casamento com a cantora Elza Soares.

Do mesmo jeito que foi um “João” de cada zagueiro que ousava desafiar seus dribles imprevisíveis e tentar adivinhar para que lado aquelas pernas tortas iam levar a bola, Garrincha também fez um cartel de namoradas fora de campo. Além da esposa dona Nair, mãe de oito filhas do Mané, ele também se envolveu com outros amores. O mais famoso deles, com certeza, envolveu a cantora Elza Soares, que acabou dando a Mané seu tão sonhado filho homem, infelizmente falecido num acidente automobilístico ainda criança. O romance começou em 62, quando o Brasil se preparava para a Copa do mundo do Chile. Hospedada no Hotel Vila Inglesa, em Campos do Jordão, a seleção “canarinho” vibrou quando soube que a CBD, atual CBF, havia contratado um show com Elza Soares para minimizar o regime de concentração dos jogadores. Garrincha vibrou mais ainda. Se já era fã dos sambas de Elza e do seu jeito especial de cantar, provavelmente a voz rouca o levava a imaginar aventuras maravilhosas com aquela mulata sensual. Fiori Gigliotti já era o amigo jornalista que servia de psicólogo para os assuntos pessoais. E foi ele também quem ajudou Mané a conquistar a Elza. De caso pensado, Garrincha ficou rodeando a chegada da cantora, que de pronto pediu um quarto para que pudesse se arrumar para o show. Preparado, Mané apresentou-se solícito com a chave do apartamento de Fiori. O detalhe é que ele foi junto, o show atrasou e tudo acabou em mais um casamento do cidadão Manoel dos Santos. Garrincha fez história no futebol com sua personalidade e suas estripulias. Alguns chegaram perto dele, como o ponta Canhoteiro, que igualmente acabou morrendo cedo, ou Dorval, que foi salvo pelos conselhos de Zito. Outros, como testemunha Fiori Gigliotti, sabiam fazer suas farras sem chamar a atenção. O locutor conhece muitas histórias de escapadas furtivas da concentração. (Matéria retirada do acervo da família, Revista *Histórias do Futebol*, Página 1 Editorial, p.10; não consta número da edição nem data de publicação).

O prestígio e a carreira em ascensão fizeram com que Fiori viajasse pelo Brasil e pelo mundo, para cobrir as mais variadas competições futebolísticas. As constantes migrações, algumas vezes, fizeram com que o locutor passasse por alguns apertos. O jornal paulistano *Popular da Tarde*, de 25 de novembro de 1996, relembra o dia em que o narrador esportivo passou fome na Rússia.

Fiori troca pato por omelete. Em 1963, quando foi cobrir pela Rádio Brandeirantes um jogo da Seleção Brasileira em Moscou, o locutor Fiori Gigliotti quase morreu de fome. Naquela época, o governo comunista russo impunha uma série de restrições nas visitas de estrangeiros ao país. Tudo era previamente acertado, como os horários de entrada, saída, refeições e deslocamentos pela cidade. Pelo que havia

sido combinado com antecedência entre a embaixada brasileira e o comitê de imprensa russo, os radialistas só poderiam se servir nas refeições de um pato assado, temperado com um molho esquisito. No segundo dia de estada em Moscou, Fiori reclamou com o representante do comitê, recusando-se a comer pato. “Não consigo comer isso. Parece cachorro louco. Se o problema é dinheiro eu pago para poder comer uma refeição melhor”, propôs o locutor, tirando um bolo de rublos (a moeda local) do bolso. Depois de gastar a saliva, Fiori conseguiu dobrar a russa, que autorizou a vinda de um outro prato. Minutos depois, um garçom deixou na mesa uma travessa com um prato coberto por uma tampa de inox. O radialista ficou impressionado com a bela apresentação da refeição e ficou com a boca cheia d’água. No entanto, assim que a tampa foi aberta, ele voltou a fechar a cara. A iguaria era uma simples omelete, acompanhada de uma fatia de pão de trigo” (Matéria retirada do acervo da família, recorte do jornal *Popular da Tarde*, edição de 25/11/1996).

O regresso à Rádio Bandeirantes aconteceu em 1963. “Na década de 60, a Bandeirantes realmente tomou conta do Brasil”, destaca Fiori, que lá era o principal locutor esportivo, e o rompimento com a empresa só aconteceu em dezembro de 1995. Fiori afirmou, em uma entrevista concedida à *Revista do Futebol*, que, até a metade de 1995, não imaginava sair da Bandeirantes.

A Bandeirantes era minha vida, minha amante, minha namorada. Afinal de contas, metade da minha vida eu dei para a Bandeirantes. Eu imaginava que a maneira como eles estavam dirigindo o departamento de esportes iria mudar, mas, como eles insistiam em manter aquele mesmo critério que me prejudicava, eu fui me preparando para deixar a casa. O impacto da saída foi muito grande, mas muito menor do que eu esperava. No final de 95 eu decidi deixar a Bandeirantes, então assinei com a Record, cheguei lá e disse: ‘Assinei contrato com a Record, vou embora e ponto final’. Mantive contato com o sr. João Luis Saad, o Sr. Samir Razuk, com todo mundo, ainda queriam arrumar para eu ficar na televisão, mas aí eu não queria mais. Saí me despedindo de todo mundo, e tudo aquilo de bom que a Bandeirantes me deu eu levo no meu coração, na minha vida, na minha história, agora o que de mágoa, de aborrecimento, de coisa negativa ela deixou para mim, eu joga fora, na sarjeta do passado. Porque eu, me transferindo para a Record, eu renasci. (Matéria retirada do acervo da família, *Revista do Futebol*, Ampla Editora, p.6-7; não consta número da edição nem data de publicação).

Em 1996, Gigliotti foi para a rádio Record para atuar como comentarista, levando ao público experiência e conhecimentos adquiridos nos mais de cinquenta anos narrando futebol.

Essa transição da Bandeirantes para a Record me revitalizou. Todo esse passado rico e bonito que a vida me deu eu armazenei para dar à Record como narrador esportivo. E quando o narrador não puder mais gritar gol ou desafinar nos gritos de gol, eu, se Deus quiser, vou me transformar num coordenador ou num comentarista.

Quando questionado sobre se a comunicação com o homem do Interior vai continuar na Record, Fiori é enfático:

Continua mais do que nunca. Porque a Record tem muita tradição no Interior., e todas as demais rádios de São Paulo relegaram o interior a um plano secundário. A Bandeirantes tirou do ar um programa que era exclusivo do interior e que eu criei em 1955, se não me engano, que se chamava Bandeirantes no Esporte e que era feito só em ondas curtas. Eu estava em férias, quando voltei o programa não existia mais. Então, cortou o cordão umbilical com o Interior. A Record tem um espaço nas aberturas das jornadas de domingo, onde ela faz a mescla entre capital e Interior das 14 às 15 horas. E no programa das 20 às 21 horas, o Jarbas Duarte, que é o coordenador e apresentador deste programa, introduz também uma parte muito grande de boletins do Interior. (Matéria retirada do acervo da família, Revista do Futebol, Ampla Editora, p. 6-7; não consta número da edição nem data de publicação).

2.4. O estilo Fiori de narrar

À medida que Fiori foi ganhando notoriedade em suas narrações, ele viu que não podia mais imitar os locutores Pedro Luís e Rebello Júnior. “Eu seria apenas mais um locutor entre tantos outros que faziam o mesmo”, disse uma vez ao jornalista João Areosa, da Revista Placar, em entrevista já referenciada neste trabalho. Foi então que mudou a terminologia do rádio esportivo. “Todo mundo falava: ‘Amigos ouvintes ou senhoras e senhores’. Então, passei a falar ‘torcida brasileira’. Torcida brasileira, boa-tarde. Você pode reparar que, quando o goleiro pegava na bola, todo mundo dizia: ‘abraça, pega firme’. Mudei para ‘seguuura com firmeza’. Quando há um levantamento de bola, o locutor normalmente fala: ‘Prepara o centro, vai centrar, olha o chuveirinho,

atenção...”Mudei para “balão subindo, balão descendo”. Digo “amortece no peito e põe na grama”. A maioria diz; ‘mata no peito e baixa na terra’, como era o caso do falecido Geraldo José de Almeida. E tem aquele tratamento carinhoso que dou prestigiando as cidades do interior, prestigiando os amigos, prestigiando principalmente estudantes, pois cheguei à conclusão de que a narração esportiva não pode ser exclusivamente a preocupação do locutor em correr atrás da bola. Honestamente acho que isso maltrata o ouvinte. É preciso suavizar o impacto que o futebol provoca em quem estiver ouvindo uma transmissão”, explica o próprio Fiori, ainda falando à Revista Placar.

Sua narração era tão diferenciada que ele dava até detalhes meteorológicos. “Esta é uma tarde azul, uma tarde de festa, sol brilhando, algumas nuvens brancas desfilando na passarela do céu, enfeitando o cenário, dando-nos exatamente a imagem mais bela para um acontecimento maravilhoso, misturado com as emoções do futebol. Agora, quando o tempo não está bom, quando o céu está meio trancado, todo mundo diz ‘tarde feia’. Aí, eu mudei: ‘Céu carrancuuuuudo, torcida brasileira”, exemplifica.

Os trechos a seguir são alguns exemplos das transmissões feitas por Fiori. As transcrições da final entre Santos e Corinthians, no Brasileirão de 1964, destacam o jeito Fiori de narrar, bem como seus bordões⁹.

Um motivo de festa para a torcida que se acha no Pacaembu, é um motivo de festa e de emoção para toda a torcida brasileira. O Corinthians defendendo o gol da acústica, o Santos naturalmente defendendo o gol de entrada [...] falta perigosa contra a cidadela santista, estamos no crepúsculo da primeira fase. Correu Flávio, chutou por cima. Linha de fundo, tiro de meta para Gilmar. Rádio Bandeirantes de São Paulo, rádio Alvorada de Londrina, rádio Vera Cruz de Marília, rádio Clube de Santos, comandando a cadeia verde e amarela quando termina a primeira etapa. Dois para o Corinthians, dois para o Santos, num grande espetáculo de futebol.

Balão subindo, descendo, vai saltando Pelé, Pelé cabeceia, levantou para Coutinho, Coutinho dominou, passou por um contrário, tenta devolver para Pelé, a bola é rechaçada, volta para Coutinho, domina, faz o breque, escapa de Amaro, virou, tenta o tiro, chutou para o gol, defendeu Heitor, largou vai para escanteio. Um bonito tiro de virada de Coutinho, Ênnio (Ênnio Rodrigues, comentarista da equipe de Fiori). Quem recebe, entretanto, é o santista zagueiro Ismael, Ismael dominou,

⁹ Áudios obtidos em <http://www.midiagols.com.br> do jornalista Vagner Lima. Acesso em 07/11/2009. Transcrição a partir do site para este trabalho.

parou em cima da intermediária corintiana, vai levantar, ergueu para a boca do gol, sobe Pelé, deixou para Coutinho, preparou, chutou, é goooooooooooooool, Coutinho. Outra vez Coutinho. Dormiu toda a defesa corintiana, todo mundo ficou parado. Coutinho não teve trabalho para virar, chutar rasteiro no canto direito. Coutinho, número 9. O tempo passa, 33 minutos de partida. Outra vez empatado o espetáculo, dois para o Santos, dois para o Corinthians. O que houve com a defesa alvinegra, Ênio? "Todo mundo atrapalhado com as constantes movimentações de Coutinho-Pelé. Acabou sobrando para Coutinho o leve toque. Lá vai o Corinthians, Fiori." Bola descendo na ponta direita...

2 a 2 Santos e Corinthians, etapa complementar, prepara-se Toninho para bater o levantamento de bola que pode levar perigo para a meta corintiana. Tudo pronto, Toninho correu, balão subindo, descendo, saltando Heitor, entra Pelé, goooooooooooooool. Pelé, de cabeça. Uma bola fácil para o recesso da defesa corintiana, Heitor saiu pessimamente. Ninguém da defesa corintiana para o desvio, para a cabeçada, Pelé subiu tranquilamente, enfia a cabeça na bola e coloca o Santos pela primeira vez em vantagem na tarde de hoje. O tempo passa, quatro minutos e meio, Pelé número 10. Três para o Santos, dois para o Corinthians. Bola movimentada para o Flavio, entregando para o companheiro que é Silva, Silva recua...

Devido à enorme experiência que tinha em radio e, principalmente, com locuções esportivas, frequentemente jovens estudantes pediam a Fiori dicas de como se tornar um bom narrador. Falando novamente, em 16/11/1999, ao jornalista Vagner Lima, da Universidade São Judas Tadeu, o narrador ensinava:

Olha, garganta acima de tudo precisa de descanso e de cuidados especiais, nada de gelado, nada de sereno, cuidado com o vento. Você vê, eu não estou trabalhando, que eu vou recomeçar, se Deus quiser, na Record no dia primeiro de dezembro, mas eu andei tomando friagem por aí, em pescaria, já me pegou a garganta, pegou a garganta. Agora, não tomo gelado, não... procuro não tomar friagem, eu não tomo banho frio, são cuidados meus. Às vezes, em outra, em outras pessoas, a coisa, a reação pode ser outra e completamente diferente. Mas é preciso, outra coisa, é preciso achar o... uma... a sua colocação de voz, de acordo com seu ritmo. Uma vez que você acha sua colocação de voz, você vai embora, que é uma coisa que eu achei, por isso que aos 71 anos de idade eu ainda coloco a minha voz com naturalidade, que sem a colocação de voz, você desequilibra e você se desgasta, você exige demais das suas cordas vocais e atrapalha porque a gente busca,

através da colocação de voz, não apenas o equilíbrio vocal, o equilíbrio naquilo que a gente diz, na tonalidade da voz, mas a própria indução, ou seja, a volta da voz através do fone e é isto que dá a você a tranquilidade pra você desenvolver com mais calma e com mais tranquilidade o seu trabalho”.

Citando novamente a entrevista concedida ao jornalista João Areosa, da revista Placar: encontra-se ali alguma coisa da rotina de um profissional que se “cuidava bastante”:

Se o jogo for à noite, eu procuro almoçar o mais cedo possível, obedecendo a um regime parecido com o de um atleta. Comida leve, porém bem revestida de proteínas. Durmo à tarde umas duas horas e parto para o estádio. Se o jogo é de dia, acordo cedo, como pouco e também não deixo de repousar de forma nenhuma. O problema é a minha rotina diária, pois também sou assessor de imprensa do Rui Silva, secretário de Esportes do Estado, escrevo para dois jornais e ainda tenho uma programação intensa no rádio. Sem contar o expediente que sou obrigado a obedecer diariamente dentro da minha sala, recebendo todo tipo de gente e telefonemas ininterruptos de todos os cantos. Os chatos? São raros, Mas aparecem. Me lembro de um padre, em Campos do Jordão, que só faltou querer ir ao banheiro comigo. Incrível!

Além do domínio das palavras, Fiori era um homem altamente inventivo. Sua imaginação o salvava, muitas vezes, da imprecisão dos fatos, mas seus ouvintes sempre ouviam verdades. O amistoso realizado em Oran, na Argélia, em 1960, é um destes exemplos. O locutor não tinha extensão de fio suficiente para chegar à mesa de onde deveria narrar. Assim, sem ver nada, inventou todo o jogo do Brasil contra a seleção local. O jornal paulistano *Popular da Tarde*, na seção Esportes, do dia 25 de novembro de 1996, rememora este grande feito do narrador.

Locutor cria lances imaginários. Uma das maiores peripécias de Fiori Gigliotti aconteceu em 1960, em Oran, na Argélia, num amistoso entre a seleção local e o Brasil. O locutor, que estava a serviço da Rádio Pan-Americana, ao lado do comentarista Leônidas da Silva, concluiu que não poderia fazer a transmissão da mesa que colocaram à sua disposição, à beira do campo, pois não tinha fio suficiente para fazer a conexão. Ele havia trazido cinco metros de fio quando eram necessários 12 metros. Para não perder a viagem, Fiori fez o seguinte trato com o

Diamante Negro – o apelido de Leônidas. Pediu para o comentarista ficar perto do gramado, enquanto ele fazia uma transmissão imaginária do ponto onde era possível fazer a ligação do fio. A missão do ex-jogador era o de avisá-lo, no pique, sempre que o gol surgisse. O Brasil venceu por 6 a 0 e a transmissão foi realizada, com direito a comentários de Leônidas, o único que, efetivamente, viu a partida.

Naquele tempo, os radialistas só sabiam se a transmissão tinha sido bem sucedida no dia seguinte, através de um telegrama vindo do Brasil. Na mensagem, Narciso Vernizi, que hoje trabalha como o homem do tempo da Jovem Pan, informou que devido a problemas técnicos só foram ao ar 18 minutos da partida. Ou seja, o exercício de imaginação de Fiori só foi recompensado em parte”.

2.5. Carinho do público

Em uma matéria do jornal *Grande São Paulo*, do dia 27 de junho de 1986, na coluna Cidades, há uma homenagem ao locutor, que estava cobrindo a Copa do Mundo do México. A matéria destaca a importância e a credibilidade do narrador perante a torcida, cedendo-lhe espaço até mesmo para opinar sobre o desempenho da seleção brasileira da época.

Fiori Gigliotti, narrador titular do Escreto do Rádio da Bandeirantes, está no México para transmitir pela Cadeia Verde e Amarela, que cobre todo o território Nacional, as emoções da Copa do Mundo. Fiori é veterano de Copas. Esta é a 7.^a que ele transmite com o mesmo “pique” e emoção. *“É como se fosse a primeira. É uma emoção cívica. A Copa é um grito de guerra no peito da gente, que envolve bandeira, patriotismo, amor pelo Brasil. É, enfim, uma explosão de alegria e fé num país. É uma integração mundial. É a oportunidade que os povos têm de dar as mãos”*, diz Fiori, 56 anos de idade, 39 de locução esportiva, iniciada na Rádio de Lins (SP).

E é com esse espírito, que Fiori Gigliotti está no México, país que visita pela 2.^a vez numa Copa Mundial. A primeira, ele transmitiu a partida final Brasil x Itália, com nossa seleção sagrando-se campeã. Este ano, Fiori, como todo o povo brasileiro, não leva fé na nossa seleção. *“Se não houver aquele espírito competitivo, aquela garra, aquela técnica de 70, será muito difícil ao Brasil, ser campeão”*, diz ele. *“Nosso time ainda não está muito seguro. Nossos craques estão confusos, alguns machucados. Telê ainda não achou o time ideal e se isso não acontecer já, era muito triste para nós, da Rádio Bandeirantes, transmitir um final da Copa, sem nossa Seleção”*. Fiori Gigliotti, o poeta da

locução esportiva, homem que leva as emoções a milhões de brasileiros, pensou em parar. Chegou a anunciar, com a contratação de um outro locutor pela Bandeirantes, que esta seria sua última Copa. Mas o panorama mudou. Ele é como o vinho. Quanto mais velho, melhor. Nem o aparecimento de novos narradores, consegue tirá-lo do 1.º lugar no coração do povo. Povo que já se acostumou com sua voz, sua palavra fluente, positiva e sempre renovada a cada partida. Só se renova o coração de Fiori. “*Aguenta, coração*”, grita ele pela Bandeirantes, e sua voz de líder das transmissões esportivas ecoa firme e gostosa pelos quatro cantos do País do futebol.

Nos documentos pessoais de Fiori, cedidos gentilmente pela família do locutor, há mais de cento e sessenta títulos de cidadão de municípios do interior paulista, como Bauru, Itararé, São Pedro, Araçatuba, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista. “Eu sou um homem do interior. Vivo em São Paulo, mas vivo em São Paulo com o interior no meu coração, na minha própria formação. E, me chamando de caboclo ou caipira, estão me elogiando”, comentou. O locutor é nome de rua em diversas ruas e avenidas do interior paulista.

Entre os títulos há a cadeira de presidente de honra permanente da comissão organizadora da Copa Varzeana de Futebol Lincoln Magalhães, em virtude dos incentivos ao esporte amador da cidade de Rio Claro, no interior paulista. Há até mesmo o agradecimento do padre José Carlos Pizzonia, responsável pela Paróquia de Sant’Ana, também em Rio Claro. Na carta, o pároco agradece a colaboração do locutor com a construção da igreja matriz da cidade. Tal documento revela o lado benevolente e cristão de Fiori.

A generosidade era também retratada e reconhecida pelos jornais. Como líder do time Escrete do Rádio, Fiori jogou por muito tempo em troca de arrecadações para fundos sociais. Em entrevista ao jornalista Alceu de Castro, Fiori conta como surgiu o time (texto extraído de recorte de jornal do acervo da família, sem referência a data e ao nome da publicação):

O escrete do rádio emergiu de uma maneira até engraçada: em 1964, Nicola Boreli um grande amigo da cidade de Brotas nos fez um convite para que fôssemos jogar amistosamente contra uma seleção local. Atendendo o convite, fomos; chegando lá, levamos uma acachapante goleada de 7 a 1, num jogo de muitas recordações, portanto inesquecível. A partir daí a coisa ganhou dimensões volumosas com

todos os municípios querendo enfrentar o escrete do rádio; são tantos os convites que sai ano e entra ano nosso agenda está sempre lotada.

O trecho a seguir foi publicado em um jornal da cidade de Ourinhos, SP, no dia 28 de agosto de 1982. O documento não discrimina qual é o nome da publicação nem mesmo o nome do jornalista.

Fiori: o benemérito do interior. *O estimado locutor esportivo Fiori Gigliotti, da Rádio Bandeirantes, continua sendo o mais querido radialista em todo país. Além da luta diária (e árdua) nos microfones da Bandeirantes ele ainda encontra tempo para percorrer o interior levando o Scratch do Rádio a tantas cidades quanto o fôlego agüenta, e, em todas elas, é o mesmo de sempre: simpático, atencioso e, por isso mesmo, querido.*

O que esse homem já fez em causas beneficentes não dá para contar. Em todas as cidades onde se apresenta o “scratch” as rendas são beneficentes, aliás, esta é a única exigência. Não joga por dinheiro, mas somente para colaborar com as diversas entidades promotoras dos jogos.

Na última visita a Ourinhos, o Scratch do Rádio enfrentou os Veteranos do Olímpico, dia 6 de agosto, no Ourinhense, ganhando por 1 a zero. E mais uma vez a figura simpática de Fiori foi a que mais chamou a atenção de adultos e crianças, todos querendo conhecer o mais laureado locutor esportivo do país. E depois de conhecê-lo, a opinião é unânime de que se trata de uma pessoa “fora de série”, como definiu um pequeno fã. Sem dúvidas, só quem o conhece de perto e teve o prazer de um bom papo para avaliar a simpatia e humildade de um homem que continua sendo o mais querido homem do rádio brasileiro.

Em Ourinhos, a vinda de Fiori e do Scratch foi promovida por Nelson Ribeiro de Carvalho, outro incansável promotor de eventos beneficentes. Esportista há muito tempo, já integrou velhas e saudosas equipes ourinhenses e ainda hoje bate bola nos clubes veteranos da cidade. Na promoção do dia 6 de agosto, Nelson Ribeiro de Carvalho contou apenas com a colaboração do pessoal do EC Olímpico e da imprensa para trazer o “scratch”. Foi oferecido pelo Olímpico um churrasco na Fazenda Paraíso e, depois do jogo, jantar na sede do Olímpico, uma equipe amadora que está superando diversos obstáculos e levantando sua sede social. Tudo na base da raça e do verdadeiro e mais puro amadorismo. Foi também entregue a Fiori Gigliotti uma placa em homenagem a sua vinda a Ourinhos. Da renda, Cr\$90 mil foram entregues à comissão de construção da Igreja do Sagrado Coração, da Barra Funda. E só não alcançou

Cr\$100 mil porque a diretoria do Clube Atlético Ourinhense fez questão de cobrar o aluguel do campo, na base de um salário mínimo – Cr\$ 16.800,00 – mesmo sendo uma promoção beneficente, com renda total à construção de uma igreja. Apesar disso, a presença de Fiori Gigliotti e dos integrantes do Scratch e o idealismo de Nelson provam que ainda é possível realizar alguma coisa beneficente, quando se tem boa vontade. Mesmo com as adversidades e incompreensão de alguns.”

No dia 02 de junho de 1997, Fiori recebeu a Moção de Aplauso, da câmara municipal de Paraguaçu Paulista, com o seguinte texto:

MOÇÃO DE APLAUSO – 15/97

CONSIDERANDO que o Sr. FIORI GIGLIOTTI sempre foi um cidadão que prestou várias homenagens aos Municípios Paulistas e Brasileiros através do rádio, divulgando-os através da Rádio Bandeirantes de São Paulo e agora na Rádio Record, onde procura com a alma e o coração dar vida ao Rádio, pois é sua vida;

CONSIDERANDO que recebeu o título de Cidadão Paraguaçuense pelos serviços prestados ao nosso Município;

CONSIDERANDO que foi e é considerado um dos mais populares narradores esportivos do Brasil, o qual é conhecido carinhosamente como o homem das multidões, agraciado com todos os títulos e troféus que um cidadão possa almejar, e que com toda a sua humildade continua a prestar essas condolências.

Requeiro, seja enviado um voto de Aplauso, reconhecimento, gratidão e carinho ao Sr. FIORI GIGLIOTTI pela comemoração dos cinquenta (50) anos dedicados ao Rádio Brasileiro, hoje Rádio Record, levando sua mensagem de Amor, de Fé, de Esperança e de Alegria a todos os Brasileiros, desde as crianças aos mais idosos e que assim como nós, aprendemos a admirá-lo, respeitá-lo e reconhecer o seu trabalho, seu talento, sua dedicação e principalmente o seu amor ao próximo.

Requeiro outrossim, que seja enviado cópias da presente Moção de Aplauso, à pessoa do Sr. FIORI GIGLIOTTI, à Rádio Record e à imprensa falada e escrita.

Sala de Sessões, 02 de junho de 1.997

JOÃO RIO ZAMPRÔNIO VILLARINO

Vereador

Clubes pequenos, como o Esportivo Flamenguinho, de Aparecida de São Manuel, e o Novorizontino, de Novo Horizonte – ambos do interior paulista – costumavam enviar cartas felicitando o locutor pelo aniversário, no dia 27 de setembro. Políticos também costumavam lembrar a data, enviando cartas oficiais a Fiori. A Câmara Municipal de Diadema fez uma homenagem ao narrador em virtude da data festiva, colocando até mesmo a justificativa, escrita de forma afetuosa e reconhecendo o trabalho de Fiori, para tal ato:

REQUERIMENTO Nº1761 / 99

PROCESSO Nº 1951 / 99

REQUEIRO À Douta Mesa, de conformidade com os termos regimentais, que seja registrado na ata da presente sessão e nos anais desta Casa Legislativa, um VOTO DE CONGRATULAÇÕES ao Ilmo Sr. Fiori Giglioti, acompanhado dos cumprimentos pela passagem do seu aniversário, o qual foi comemorado no dia 27/09/99.

REQUEIRO, ainda, que sejam enviadas cópias deste ao homenageado, Record e aos jornais Folha do Dia, Diadema Jornal e Diário do Grande ABC.

JUSTIFICATIVA

Como esquecer expressões como “Balão subindo, descendo”, “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo”, “Crepúsculo de Jogo, torcida brasileira” e “Aguenta Coração”?

Só mesmo alguém com voz privilegiada e capacidade inventiva para criar expressões marcantes nas transmissões esportivas, ao longo dos anos.

Fiori Giglioti viveu grandes momentos em vários jogos que narrou. Vibrou com as arrancadas de Pelé, Terto e Nei, as defesas de Valdir Joaquim de Moraes, Gilmar dos Santos Neves e Oberdan Catani, os gols de Pagão, Toninho Guerreiro, Leivinha, Ivair e Mirandinha e, atualmente, delira com as jofadas de efeito de profissionais como Marcelinho Carioca, Paulo Nunes, França, Dodô e Alexandre, sem contar as “pontes” de guarda-metas como Dida, Marcos, Zetti, Rogério Ceni e Adinan.

Este narrador guarda, para os corações diademenses um carinho peculiar, pois foi um dos raros locutores a destacar Denílson, ex-jogador do São Paulo Futebol Clube e, atualmente, no real Betis de Sevilha (Espanha), como uma das crias surgidas dos muitos campos de várzeas do Brasil para a glória no futebol europeu, destacando-o como “garoto de Diadema”.

Diante disso, reverenciamo-nos ao seu talento no rádio, congratulando-o pelo seu aniversário. Feliz no ser que traz dentro de si o respeito pelo passado, valorizando as pessoas e os fatos que fazem parte da história, postulado para as gerações futuras os conhecimentos deixados pelos antepassados, a prova de tudo o que eles construíram.

Sala de Sessões, 30 de Setembro de 1999.

VEREADOR ZEZITO

VEREADOR LAÉRCIO SOARES

VEREADORA ELIETE MENEZES

O relacionamento de Fiori com políticos vem de longa data. Como costumava destacar os jogadores, citando no rádio as cidades de origem dos atletas, muitos políticos, também fãs de futebol, viam prestígio e vaidade ao ouvirem suas cidades no dial. Os torcedores também se envaideciam e costumavam pedir ao locutor que mandasse um “alô” ou um “abraço” para as respectivas cidades. O próprio poder retórico e o jeito simples e simpático de Fiori, além do cargo que lhe tornava uma pessoa pública, denunciavam uma certa tendência política do narrador.

Em 1994, ele se candidatou a deputado estadual, sob o número 15217. Os argumentos para convencer o eleitor a votar nele eram sempre ligados ao futebol, paixão nacional e área de atuação do locutor. Contudo, naquele ano aconteceu a Copa do Mundo, nos Estados Unidos, e como candidato, ele não pode irradiar o mundial. Fiori tentou recursos, mas não adiantou. Nesta nota de jornal, não identificado, nos documentos cedidos pela família Gigliotti, torna-se pública a situação vivida pelo narrador:

Fiori luta na Justiça para narrar Mundial. Como a nova lei do TRE (Tribunal Regional Eleitoral) antecipou a data a partir da qual candidatos a cargos públicos ficam proibidos de participar de transmissões de programas de rádio e televisão, o veterano narrador de Copas Fiori Gigliotti, 65, da Bandeirantes AM, não vai fazer sua nona cobertura de Copa do Mundo. O radialista se candidatou ao cargo de deputado estadual e não contava com a mudança da lei.

“Eu estava esperando transmitir no mínimo a primeira fase da Copa. Esperava que o tribunal fosse proibir os comunicadores e fazer programas a partir de 3 de julho, o que corresponde a 90 dias antes das eleições, como era a lei nas eleições passadas. Agora anteciparam

a data. Comunicadores de rádio e TV não podem participar em programação apresentada ou comentada a partir do dia em que sai a homologação da candidatura. A minha saiu no dia 1º de maio”, diz Fiori.

Ele afirma que o texto da lei deixa uma brecha na interpretação, no trecho em que diz “programação apresentada ou comentada”. Isto fez com que ele entrasse com pedido de uma liminar, junto ao tribunal, já que Fiori se diz “narrador e não apresentador ou comentarista”. *“Não vou desistir. Espero que haja compreensão por parte do tribunal.”*

“A narração do Fiori é muito importante para nós. Se ele não puder mesmo entrar na cobertura desta Copa, ele vai ficar na direção das equipes nos Estados Unidos”, diz o diretor do departamento de esportes da Bandeirantes AM, Sérgio Cunha, 53”. [assinado por SM]

Segundo Marcelo Gigliotti, filho do locutor, em entrevista a este autor, aquele foi um ano difícil para Fiori. “1994 foi um ano terrível, pois meu pai não conseguiu cobrir a Copa do Mundo que, além de tudo, levou o Brasil ao título de tetracampeão, e ele ainda perdeu as eleições”.

Nos documentos há ainda o título, informal, de Melhor Narrador Esportivo de todos os tempos, conferido pela Torcida Brasileira. O carinho que vinha dos fãs era expresso de várias maneiras. No dia 27 de março de 2000, o auto-intitulado fã de carteirinha José Maurício Cavalheiro escreveu a seguinte carta a Fiori:

“... o tempo passa ... e este locutor está cada vez mais em forma.

Quando vi o anúncio da sua ida ao programa do Boris Casoy, pensei que iria esclarecer uma dúvida a seu respeito, pois com certeza o Boris iria perguntar: (como de fato perguntou) “Fiori, prá qual time você torce?”

Aí tal qual “bagre ensaboado” você respondeu e eu continuo na dúvida, embora algo me diz que és palmeirense.

Bem, deixe-me apresentar. Sou **santista (“peixe roxo”)**, tenho 48 anos, casado, pai de três filhos e quem me deu seu endereço foi o nosso amigo **sãopaulino** Alemão Scacabarozzi. Tenho um irmão, Luiz Carlos Cavalheiro, **corintiano** que é apaixonado por rádio. Inclusive, ganhou uma vez um rádio portátil num sorteio da Bandeirantes. Ele é daqueles que vê jogo na TV sem som, e ouve pelo seu Transglobe da Philips.

Meu caro Fiori, eu tenho com você enorme gratidão.

Uma vez que viestes em Vargem Grande do Sul, no campo da Vargeana, o Alemão apresentou-lhe meu pai (que já é falecido) e vocês trocaram um aperto de mão e breves cordialidades.

Caro Fiori, você não imagina a alegria de meu pai em ver de perto e apertar a mão daquele que durante anos e anos ouvia e admirava à distância através do rádio.

Veja se de vez em quando manda um abraço para os seus amigos aqui de Vargem Grande do Sul.

Um abraço

Do seu fã de carteirinha.

José Maurício Cavalheiro”

O locutor sempre dizia que seu time do coração era o Linense e há relatos dele se declarando flamenguista ou então palmeirense. No acervo da família é grande o número de menções e homenagens do Palmeiras a Fiori, bem como participações do narrador em atividades e solenidades do clube alviverde. O filho do narrador, o são-paulino Marcelo Gigliotti, chamava o pai de Mancha Verde, uma referência à torcida uniformizada do Palmeiras.

A esposa, Dona Adelaide – que é torcedora da Portuguesa, devido a sua ascendência – é categórica ao afirmar que “Fiori era torcedor do Palmeiras”. Apesar de ter morado por 20 anos em frente ao estádio do Linense e ter jogado neste mesmo clube, além de ter afirmado em entrevistas que “nacionalmente torcia pelo Flamengo”, o locutor queria se manter imparcial, dentro do possível. Com milhares de fãs, o cronista esportivo preferiu omitir o time do coração para não decepcionar ninguém e manter o profissionalismo.

Fiori não costumava escrever nenhum texto; usava seus jargões de forma muito natural. *“Eu não gosto de escrever, “Cantinho de Saudade” eu fazia de improviso, eu fazia a “Ave Maria” na rádio de Lins, fazia de improviso, eu sempre fui muito religioso, sinceramente falando. Eu gosto de fazer discurso, gosto realmente, tenho facilidade para discursar. Eu nunca, mas nunca, escrevi nenhum dos meus bordões”*, comentou uma vez¹⁰. Devido a tal improviso e espontaneidade, o locutor nunca se

¹⁰ Texto disponível no site PEÇAS RARAS - <http://www.pecasraras.com/> - entrevista a Marcelo Abud e Vanessa Toledo; acesso em nn/nn/nnnn.

interessou pela TV, achando mais emocionante o uso do rádio, que depois do surgimento dos aparelhos à pilha, refinou e exigiu ainda mais do trabalho do locutor esportivo. “Agora, televisão, eu nunca, jamais gostei de televisão, sinceramente. Não faz o meu gênero, eu nasci para fazer rádio, participo de programas de vez em quando, antes de eu sair da Bandeirantes, queriam que eu participasse do programa do departamento de esportes da TV Bandeirantes, fazendo piloto, coisa e tal, mas não fazia meu gênero. Eu acho que a televisão é muito fria, ela mostra uma cara fria e o rádio não, o rádio é alma e é coração, por isso que eu sou rádio e vou ser rádio até morrer”.

A revista *VIP Exame*, edição 170, de junho de 1999, fez uma homenagem a Fiori, colocando-o em destaque na seção “Grandes Brasileiros Vivos”. O jornalista Ruy Gandra ressaltou a importância da presença de Fiori nos domingos dos brasileiros, como já parte da nossa cultura.

“HOUVE UM TEMPO em que as tardes de domingo tinham cura. Bastava que, em qualquer estádio brasileiro, Fiori Gigliotti aproximasse seu bigodinho à Clark Gable do microfone e proferisse as habituais palavras mágicas: “Abrem-se as cortinas... Comeeeça o espetáculo”. Pronto! Estava revogado o tédio. Pelos próximos 90 minutos seguintes sustava-se, ainda que momentaneamente, a melancolia dominical. Desfrutávamos essa trégua encantada por Fiori, sua voz e seus bordões: “Balão subindo”, “Tentar passar, mas não passa”, “Seguuura, coração!...” E Explodíamos, de alegria ou de ódio, quando subitamente sua locução acelerava, espalhado em ondas o apoteótico “É fogo, torcida brasileira... É goooooool. Que be-le-za de gol”.

[...] Fiori é o pai da narração futebolística moderna, mestre de toda uma geração de locutores mais jovens, de rádio ou TV, como Osmar Santos, José Silvério, Dirceu Maravilha, Galvão Bueno, Silvio Luiz – e o único cuja voz, até hoje, tem trânsito irrestrito e empatia assegurada junto às maiores torcidas de todo o Brasil. “Sou longevo porque sou fiel ao meu estilo romântico”, ele diz. “Sempre narrei o futebol pensando no ouvinte, e sei o quanto os domingos são melancólicos.” Nada fácil, a tarefa. Suprima a imagem da TV e tente se divertir com um Bangu X Americano narrado por Galvão Bueno. Com Fiori, não. Na sua voz, qualquer jogo é épico. Espécie de Castro Alves dos gramados, ele é um romântico incorrigível, que transforma

magicamente palavras em imagens. Fiori é alguém que fala com o coração.

As emoções são sua matéria-prima. Em termos de manuseio eficaz delas, só um outro programa se iguala a um jogo narrado por ele num dia inspirado – e, não à toa, é ele mesmo quem o apresenta. Chama-se Cantinho da Saudade (Record AM, domingo, 14h), provavelmente o quadro mais Cult já surgido na história do nosso rádio esportivo. Nele, ao som de melodias miseravelmente tristes, Fiori relata a glória e a miséria de tantos craques brasileiros: a infância pobre, a chance, o despontar, a fama, os gols, o apogeu, a bebida (ou drogas, mulheres...), o ocaso, a indigência, muitas vezes a morte. Só mesmo Fiori para transformar esse miserê danado num clássico do dial.

Fiori tem andado um tanto grave. “O rádio está virando um tablóide – precisa cada vez mais de erotismo e manchetes escabrosas para vender”, ele diz. Triste, o nosso homem? Não exatamente. Aos 71 anos, continua na ativa. Ainda faz como ninguém o que sempre fez como ninguém: salva-nos da melancolia. Tristes deveríamos estar nós, que o abandonamos num cantinho qualquer de nossos tediosos domingos”.

A Federação Paulista de Futebol concedeu ao locutor, em 2005, a “medalha da Ordem Nacional do Mérito Futebolístico”. "Eu confesso que hoje vivo um momento de muita emoção. É um daqueles momentos de rara felicidade que nos fazem ter alegria de viver", disse ele na ocasião (extraído de um recorte de jornal do acervo da família, não identificado).

2.6. A morte do locutor – “Crepúsculo de jogo”

Recordista absoluto em narrações em Copas do mundo – ao todo foram dez mundiais no currículo como locutor e 3 como comentarista. Em seus últimos meses de vida, ele trabalhou na Rádio Capital como comentarista e tinha planos para a equipe esportiva da casa. Perguntado sobre o maior jogo que já narrou, ele sempre destacava a final da Copa Intercontinental de 1962. “O Santos massacrou o time do Benfica com 4x2”, destacava.

Dona Adelaide afirma que “Fiori, embora fosse muito inteligente e perspicaz, leitor ávido e estudioso perseverante, nunca fez um curso superior”. As experiências e a

própria essência formaram o homem e o profissional tão sensível com as palavras. Já bastante debilitado devido ao câncer de próstata, escreveu o poema “Quando eu não mais existir” que dedicou à esposa, pedindo que o lesse somente após sua morte:

Quando eu não mais existir, procure-me,
Numa flor desabrochando,
E você sentirá o perfume,
Da minha saudade...

Quando eu não mais existir,
Procure-me
Na ansiedade dos namorados,
Você me achará no nosso
Primeiro beijo
Que eu nunca esqueci...

Quando eu não mais existir,
Procure-me na tarde morrendo,
Você me achará
Na solidão do pássaro triste,
Voltando só para seu ninho...
Quando eu não mais existir,
Procure-me
Nos olhos de uma criança chorando
Você me achará
Na ternura das lágrimas caindo...

Quando eu não mais existir,
Procure-me,
Na miséria dos abandonados,
Você achará meu coração
Orando por você

Quando eu não mais existir,
Procure-me
No riacho que corre
Você me achará
Nas águas da cascata
Lamentando a minha dor...

Quando eu não mais existir,
Procure-me
Na solidão da noite
Você me achará,
Na luz de um pirilampo
Iluminando seus caminhos...

Quando eu não mais existir,
Procure-me
Na sombra de uma árvore triste
Você me achará
Na beira dessa estrada
Esperando você passar...

Quando eu não mais existir
Procure-me
Entre as estrelas do céu
Você me verá
Pela janela da saudade
Dizendo... para o mundo ouvir...
JAMAIS DEIXAREI DE TE AMAR..."

No dia 08 de junho de 2006, nas vésperas da Copa da Alemanha, cerca de 10 dias depois de construir o poema e presentear sua esposa, Fiori faleceu aos 77 anos, no Hospital Alvorada, no bairro paulistano de Moema. E foi assim que se despediu da esposa e dos dois filhos (Marcos e Marcelo), da família, dos amigos, das locuções... da vida. Com romantismo e usando palavras simples, sem termos rebuscados, como suas narrações, tocando aquele que o ouvia com a graça da simplicidade. E é esta a marca de Gigliotti na cultura do futebol brasileiro, um homem que emocionou a torcida e os ouvintes de rádio com a arte da palavra.

Em homenagem a Gigliotti, na estréia do Brasil na Copa do Mundo de 2006, o locutor Galvão Bueno iniciou a transmissão, pela TV Globo, com o jargão mais famoso de Fiori: "Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo".

Para a imensa torcida brasileira, o espetáculo já não teria mais tanto brilho.

CAPÍTULO III – A NARRAÇÃO ESPORTIVA DE FIORI GIGLIOTTI

3.1. “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo!”

Com estas palavras, Fiori Gigliotti aguçava o imaginário popular ao transmitir as partidas de futebol, numa carreira de radialista esportivo de mais de 50 anos. Sua narrativa sensacionalista era capaz de espetacularizar um evento chocho e pobre em emoções. Sua forma de descrever o que via ou imaginava ver dentro do campo encontrava eco na forma como seus ouvintes, nos mais longínquos rincões do país, esperavam que as coisas acontecessem. “Lá vai o moço de Piraju, é fogo!” E toda a região de Piraju sentia-se homenageada naquele momento. “É o crepúsculo do jogo, não adianta chorar, torcida brasileira!” E a torcida do time que perdia já começava a conformar-se e a esperar uma nova oportunidade. As palavras emocionadas e carregadas de simbolismos retumbavam nos ouvidos do seu público e, a seguir, magicamente, se transfiguravam em imagens de cores fortes para impregnar a tela montada nas mentes que as recebiam. Era possível “ver” uma cobrança de pênalti perfeita e também “ver a ponte” que o goleiro fazia para defendê-lo. Aí estava o encanto. Pode ser isto chamado de *Oratória da Sedução*?

Voltando no tempo, a história registrou Górgias, Sócrates, Isócrates, Anaxímenes, Platão, Aristóteles, Demóstenes, na Grécia Antiga; Marco Antonio, Cícero e Quintiliano, na Roma dos Césares; Padre Antonio Vieira, no século XVII, e tantos outros, como grandes expoentes da oratória universal, por causa de sua retórica bem articulada. Esta arte teve sua origem na Sicília, no século V a.C. e Roland Barthes (1985) descreve assim seu surgimento:

A Retórica nasceu de processos de propriedade. Cerca de 485 a.C., dois tiranos sicilianos, Gelão e Hierão, efetuaram deportações, transferências de população e expropriações, para povoar Siracusa e lotear os mercenários; quando foram depostos por uma sublevação democrática e se quis voltar à *ante qua*, houve processos inumeráveis, pois os direitos

de propriedade eram pouco claros. Estes processos eram de um novo tipo: mobilizavam grandes júris populares, diante dos quais, para os convencer, era necessário “ser eloqüente”. Esta eloqüência, ao participar simultaneamente da democracia e da demagogia, do judicial e do político constituiu-se rapidamente em objeto de ensino. Os primeiros professores desta nova disciplina foram Empédocles de Agrigento, Corax, seu aluno de Siracusa (o primeiro que cobrava pelas suas lições), e Tísias (BARTHES, 1985:23).

O próprio Barthes interpreta esta origem, “a arte da palavra ligada a uma reivindicação de propriedade”, vendo na retórica um mero instrumento de poder, somente uma técnica de domínio pela linguagem, aplicável a qualquer atividade humana (BARTHES, 1985:24). Entretanto, a evolução do homem encarregou-se de demonstrar que o binômio retórica-oratória não manteria suas características iniciais e acabaria por incorporar outros atributos, outras formas de ação.

Não se pode ignorar que em nossos dias é mais e mais refinado o estudo da oratória. Uma sociedade mediatizada, de comportamento instável, fortemente assediada pela tecnologia, exige novas formas de ensino da arte de falar.

As afirmações de Adilson Citelli (2006) não deixam dúvidas a esse respeito:

... neste livro é possível ler que o discurso verbal – a palavra em interação de mão dupla com a cultura – compondo códigos complexos tem, ainda, papel fundamental, mesmo em uma sociedade marcada, fortemente, por outras variáveis de linguagem, pela profusão e riqueza das imagens, pelas novas possibilidades abertas à composição dos sentidos... tornou-se lugar-comum a afirmativa de que vivemos no interior de uma batalha perdida para a força da visualidade, cuja tradução pode ser encontrada no encantamento do *game*, na rapidez do *clip*, no imperativo vídeo-tecnológico. Mais vale uma imagem do que mil palavras. Ainda que seja óbvia a mudança no *sensorium* dos jovens, na ativação de novas maneiras de ver, perceber e sentir a experiência humana, este livro entende que é muito cedo para realizar o enterro das PALAVRAS. Aliás, muitos dos que afirmam a morte precoce do discurso verbal são dele usuários intensos...(CITELLI, 2006:orelha e contracapa).

Na prática, o que se observa é que as platéias de hoje pedem uma linguagem mais natural e direta, sem as filigranas e as técnicas rígidas que permeavam a oratória de antigas gerações. Assim, a retórica, nascida da rudeza de um conflito, foi, com o tempo,

ganhando suavidade, novos contornos e características, tornou-se erudita, simplificou-se e aí está hoje a serviço de toda a humanidade, em qualquer tipo de aplicação.

Esta pesquisa faz também uma escala num porto novo: a cultura do ouvir, como origem de vínculos sonoros na contemporaneidade. Nas palavras do orientador (Menezes, 2007) da pesquisa:

... quando falamos de cultura do ouvir buscamos as raízes dos processos comunicativos... a compreensão do universo da cultura do ouvir nos remete tanto aos tempos das grandes narrativas mitológicas como também à atual valorização das histórias que, antes de dormir, algumas famílias ainda contam às crianças. Nesse contexto, ainda consideramos pouco estudada a passagem da ênfase no ouvir para o processo civilizatório que gerou o predomínio do ver ou cultura da imagem.”¹¹.

3.2. A oralidade no rádio

O sucesso de um pleno envolvimento do ouvinte depende da maneira de se conduzir uma narração e das escolhas e combinações da posição dos diversos elementos da linguagem radiofônica.

Armand Balsebre (2005) diz que no rádio, o jornalismo é a “dramaturgia da realidade” e o radio-teatro a “dramaturgia da ficção”.

Na narrativa radiofônica, o quadro pintado é estático. O silêncio é uma tela em branco que não contém nada e que não influencia de forma alguma o espectador e é esse o ponto de partida de uma narrativa radiofônica. Enquanto em ambientes visuais se pode observar cada detalhe de tudo que envolve a situação, em uma narrativa radiofônica se parte do zero. O rádio cria uma televisão na cabeça de cada ouvinte. A narração de um gol, por mais precisa e poética que seja – e Fiori Gigliotti a transformou numa arte – é uma forma de ligar essa televisão que existe na cabeça de cada um.

O trecho que segue é a transcrição de parte da narração feita por Fiori Gigliotti, de uma partida entre Corinthians e Santos, realizada no Estádio Municipal do Pacaembu em 1964 (ver anexo VII). No momento que antecede o início da partida, o locutor tem o cuidado de descrever os elementos necessários para criar no ouvinte a sensação do ver-

¹¹(Menezes, José Eugênio de O. Trabalho apresentado no XXX Congresso da Intercom (Santos, 2007))

ouvindo; todo o cenário é transformado em palavras para criar o clima com o necessário grau de expectativa e emoção. No momento em que soa o apito inicial, o ritmo muda, torna-se mais intenso, o ver-ouvindo se estabelece e a partir daí o vínculo sonoro que conecta narrador e ouvinte está consolidado. Esse quadro pode ser constatado a partir do áudio-vídeo que também se encontra anexo:

Um motivo de festa para a torcida que se acha no Pacaembu; é um motivo de festa e de emoção para toda a torcida brasileira. O Corinthians defendendo o gol da acústica, o Santos naturalmente defendendo o gol de entrada. Pelo comando do ataque de Vila Belmiro, Coutinho. Na arbitragem, outra vez, Armando Marques que olha curiosamente para o seu relógio, faz um gostoso movimento de corpo, procura observar os mais diferentes aspectos do gramado e vai determinar este que pode ser o grande espetáculo de futebol neste crepúsculo de 64. Apita o árbitro, bola correndo. Movimenta Coutinho dá para Pelé, Pelé na ponta direita a Toninho, Toninho recebe, recua, vai Bazani em cima dele, tentou passar por Bazani, tentou, passou, retarda o couro a Ismael, levanta na linha de zaga, então, a Modesto, Modesto dá na esquerda para Mengálvio, Mengálvio ainda na defesa do quadro de Vila Belmiro a Lima, Lima correu, recebeu, ajeitou, chutou, a bola bateu, entretanto, num corintiano que é exatamente o dianteiro Ferreirinha, quase que sai, não sai, Lima recupera, domina, recua, bola curta, vai sobrar então para o médio Haroldo, Haroldo suspendeu para Mengálvio, ergue no ataque, subiu Pelé, tentou entregar na esquerda para Coutinho, quando domina um corintiano e desvia para escanteio, num momento de indecisão da retaguarda alvinegra... (DVD e Anexo VII) .

Nos meandros da cultura do ouvir, pontuando a questão dos vínculos sonoros, Menezes (2007) comenta:

A obra radiofônica é capaz de criar um mundo próprio com o material sensível de que dispõe, partilha o estado de ânimo do narrador e das personagens, descreve a personalidade e o caráter dos protagonistas, exhibe a desenvoltura e a amabilidade do repórter, cria com suas próprias leis um universo acústico da realidade e, por isso, tem o poder de seduzir os ouvintes (MENEZES, 2007:116).

Para que se crie uma narrativa coerente e envolvente, é necessário ter a priori a percepção de que a própria narrativa para o rádio é diferente de uma narrativa que

acompanha qualquer tipo de imagem. É por isso que jogar uma série de *fatos-imagens* em uma tela sem cenário nada mais é do que tentar estabelecer um diálogo entre um surdo-mudo e um cego, cada qual usando de sua linguagem.

A narrativa que acompanha imagens tem papel secundário e complementar, enquanto a narrativa que se propõe para o rádio tem papel principal e múltiplo, é ela que cria o ambiente, a situação, os personagens, o clima, o ânimo, o ser e o estar, tudo isso na voz de quem narra, sem que o próprio narrador faça parte do contexto que descreve, isto é, sem interferir no cenário, para que este não fique prejudicado, contaminado com a presença do próprio narrador. Esse cuidado é que mantém limpo, puro, o cenário criado no imaginário do receptor.

Nos textos clássicos de Walter Benjamin, em que ele escreve sobre o narrador, podemos destacar tópicos que dão a dimensão exata dessas reflexões. Alguns deles:

[...] por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva, ele é algo distante [...] vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador se destacam nele [...] os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. [...] (BENJAMIN, 1994: 197,205).

Balsebre (2005) trará em sua obra o seguinte questionamento: Tem o rádio uma linguagem específica? A linguagem existe quando há um conjunto sistemático de signos que permite certo tipo de comunicação. A função comunicativa da linguagem engloba três aspectos: o código em que opera a linguagem, a mensagem que se quer passar e seu uso sociocultural. Assim, a mensagem seria um agrupamento ordenado de elementos concentrados em um repertório que constitui uma seqüência de signos reunidos segundo determinadas regras. A comunicação só é possível quando o repertório de elementos lingüísticos é conhecido pelo emissor e pelo receptor da mensagem, operando em um mesmo sistema sociocultural.

Esse é um dos sentidos em que Fiori se destacava na condução de sua narração. Seu repertório de elementos da linguagem era muito próximo do repertório popular. A condução de sua narração era dirigida para o povo e não para uma minoria instruída da população. Embora não haja registro de que Fiori tenha prosseguido em seus estudos

formais para além do ensino primário, não se pode afirmar que Fiori não fosse uma pessoa letrada. Ele próprio, em várias ocasiões, em entrevistas concedidas a colegas do rádio e em palestras para estudantes, era enfático ao dizer que desde muito jovem foi apegado aos livros, lia muito, colecionava revistas, buscava conhecimentos gerais e sempre atualizados para o momento que atravessava. Conseguiu assim acumular um patrimônio cultural que dava amparo seguro e consistente à sua narrativa. A cada viagem internacional – Fiori visitou mais de 110 países – procurava conhecer aspectos culturais, geográficos, econômicos, religiosos, políticos, tudo que pudesse ser útil para compor um discurso narrativo que, uma vez iniciado, não poderia sofrer interrupções. “A bola pode parar, o jogo termina, meu discurso, não.”, costumava dizer. Para sustentar-se no ar todo o tempo, sua bagagem cultural deveria mesmo ser vasta.

Novamente, o apoio em Walter Benjamin, com seus escritos sobre narrador e narrativa, facilita a compreensão de mais essa característica de Fiori Gigliotti.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em-si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994:205).

3.2.1. A hipotipose

O discurso de Fiori é construído e fundamentado sobre dois elementos: *emoção* e *paixão*. Fiori fazia questão de destacar em suas entrevistas que um dos componentes de seu trabalho era o profundo respeito que devia ao seu ouvinte. Sabedor que seu público se espalhava por todo o Brasil e era composto por representantes de todas as camadas da população, adequava seu discurso a quem imaginava estar na outra “ponta da linha”. A emoção presente na narração de Fiori que vai impressionar o imaginário do ouvinte, desencadeando a paixão, se apóia numa figura de retórica explosiva, conhecida como *hipotipose*, assim descrita por Olivier Reboul (1998):

Mas a mais explosiva provavelmente é a hipotipose (ou quadro), que consiste em pintar o objeto de que se fala de maneira tão viva que o auditório tem a impressão de tê-lo diante dos olhos. Sua força de persuasão provém do fato de que ela ‘mostra’ o argumento, associando o *pathos* ao *logos* (REBOUL, 1998:136).

Na transmissão esportiva no rádio, o locutor não conta com o recurso da imagem, apenas sua voz está ali para informar, deleitar, encantar, convencer. Nesse sentido é que Júlia Lúcia Albano da Silva (1999), pensando sobre o texto radiofônico, aponta para a seguinte reflexão:

Como “um meio cego”, o rádio lança signos no éter e luta contra a fugacidade para perpetuar sua mensagem na memória de seus rádio-ouvintes. Sem a possibilidade de retorno ou correção, o signo sonoro, efêmero e inscrito temporalmente, encontra em cada ouvinte a sua possibilidade de ressonância e, portanto, de perpetuação (SILVA, 1999:41).

O texto a seguir foi transcrito de um programa da série Memória, de Milton Parron, levado ao ar pela Rádio Bandeirantes de São Paulo, em 03/03/2007, homenageando Fiori Gigliotti, nove meses depois de sua morte. Neste trecho está a narração do gol de Basílio para o Corinthians, contra a Ponte Preta, na decisão do Campeonato Paulista de 1977. O áudio pode ser conferido no CD anexo que contém todo o programa Memória já citado.

Programa Memória: Fiori Gigliotti, o locutor da torcida brasileira. (Narração do jogo Ponte Preta X Corinthians). (som do estádio - gritaria da torcida...)

- ... dá para Basílio, Basílio avançando, empurrou na ponta esquerda para Romeu, Romeu correu, alcançou, preparando emoção, atenção, jogada perigosa para a Ponte Preta, abre o jogo na ponta direita para Vaguinho, deixou para Zé Maria, correu, vai alcançar, alcançou, arrumou, vai levantar pela ponta direita, preparou, cruzou, a bola acabou batendo em Ângelo, levantou os braços, é toque. O árbitro da partida marca. Ele põe as mãos sobre a cabeça, mas é claro, para tentar perturbar ou confundir, mas houve o toque, Roberto.

- O jogador bateu com ambas as mãos na bola. É uma falta perigosíssima contra Carlos.

- Esperança corintiana, tormento para a Ponte Preta. Prepara-se Zé Maria para levantar, balão subindo, descendo, cobrou, movimentada a

bola, acabou ficando na boca do gol, confusão, entrou [...].. ... correu Basílio, GGGOOOOOOOOOOOOLLLLLLLLLLLLLLLLLL... Basílio, Basílio, Basílio, torcida brasileira, um gol que pode valer o título, o gol do grito, o gol do desabafo, o gol que pode fazer explodir a cidade num carnaval sonhado, esperado, programado, preparado pela torcida alvinegra. Houve uma confusão tremenda, torcida brasileira, a bola chegou a bater no poste e voltou, a bola bateu na defesa e voltou, Basílio ali na boca do gol não perdoou, castigou... Basílio, Basílio! Basílio para a história, torcida brasileira, todo mundo gritando, todo mundo cantando, gente chorando, gente rindo, gente festejando, os foguetes espocam no ar, a fumaça ofusca tudo, mas não ofusca a grande alegria da torcida corintiana. O tempo passa: 36 e 45 minutos etapa final...

Observa-se aqui o esforço do narrador ao adotar uma retórica emocionada, com o objetivo de facilitar a memorização e favorecer uma permanência mais estendida da mensagem no imaginário popular, o que quer dizer ‘transformar seu discurso em uma mensagem memorável’, tudo isso para compensar a inexistência do reforço de uma imagem e combater a efemeridade de seu signo. Não se sabe até onde Fiori conhecia essas teorias. O fato é que sua inteligência e arte, como grande comunicador que era, é ressaltada no uso de uma linha narrativa que utilizava uma linguagem que talvez não pertencesse ao seu âmbito pessoal e cotidiano, mas que pertencia ao âmbito do cotidiano de sua imensa audiência, em nível nacional. Utilizar elementos lingüísticos do cotidiano popular não significava que a linguagem que empregava era menos atrativa ou fora das regras formais, pelo contrário, era uma linguagem espontânea, viva, vibrante... e correta.

Armand Balsebre (2005) formulou ainda teorias interessantes para o rádio a partir de estudos da Semiologia. Segundo o autor:

A linguagem radiofônica é um conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação se vê determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, 2005:329).

Balsebre cuidará em sua obra, a partir daí, de estabelecer conceitos de um sistema semiótico radiofônico com a intenção de criar o que ele chama de *teoria*

expressiva para o veículo. Ele parte do princípio defendido por Rudolf Arnheim¹² de que o rádio é um meio de comunicação e expressão e não só um veículo de difusão de informação, definindo os componentes da linguagem radiofônica como sistemas expressivos da palavra, da música e dos efeitos sonoros, mas irá além ao trazer o *silêncio* como sistema expressivo *não sonoro*.

Ao se aprofundar no entendimento de cada um dos elementos, identificará a ilimitada riqueza expressiva e o grande poder sugestivo que exercem sobre o ouvinte como o denominador comum entre seus elementos.

O rádio seria um veículo da emoção e da sedução, que poderia estimular sentimentos, causar envolvimento, atrair e chamar a atenção dos ouvintes para que eles pudessem criar seus próprios cenários mentais através da narrativa, imaginando e fazendo parte da situação ou do acontecimento. Para tal seria necessário um discurso harmônico e uma habilidade sonora composta pela plenitude de elementos de sua linguagem.

O sucesso de um pleno envolvimento do ouvinte depende da maneira de se conduzir uma narrativa, e das escolhas e combinações da posição dos diversos elementos da linguagem radiofônica. Tudo depende da integração entre o estético e o semântico para que a comunicação seja eficaz e o meio traduza toda a sua potencialidade expressiva a partir de seus próprios recursos narrativos.

Passemos novamente pelos ensinamentos de Walter Benjamin:

[...] a natureza da verdadeira narrativa, tem em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária; essa utilidade pode constituir ou um ensinamento moral, ou uma idéia prática, ou um provérbio ou uma norma de conduta – de qualquer modo, o narrador é um homem que lembra a figura de um conselheiro [...] aconselhar é mais sugerir a continuação de uma história que está sendo narrada do que responder a alguma pergunta [...] o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria [...] (BENJAMIN, 1994:200)

Fiori Gigliotti foi um sábio, grande dramaturgo da realidade nos anos dedicados ao jornalismo esportivo. A possibilidade de transmitir emoção é uma das características

¹² Rudolf Arnheim publicou em 1936 a obra *Radio, an art of sound*, traduzida para o espanhol em 1980 por Manuel Figueras Blanch como *Estética radiofônica* e publicada pela Editorial Gustavo Gili de Barcelona.

que potencializa o rádio como meio de expressão e isso não faltava a Fiori. Através da expressividade, da intensidade, da fala articulada, dos silêncios bem colocados, era construído o imaginário que trazia plasticidade, emoção e vida para o discurso.

Balsebre (2005) enfatiza a qualidade estética, que caracteriza a mensagem radiofônica, como sendo determinante para a compreensão do fenômeno expressivo e significativo do rádio:

O semântico é tudo que diz respeito ao sentido mais direto e manifesto dos signos de uma linguagem, transmite o primeiro nível de significação sobre o que se constitui o processo comunicativo. O estético é o aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos de percepção. A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais ou sensoriais. E a informação estética da mensagem influi mais sobre nossa sensibilidade do que sobre nosso intelecto. A comunicação será mais completa e eficaz dependendo da proximidade sócio-cultural dos códigos do emissor e do receptor. Para a eficácia da mensagem é também necessário um equilíbrio entre informação estética e semântica, pois ambas representam de forma mais completa a polissemia que abrange toda produção de significado e sua interpretação em um contexto comunicativo (BALSEBRE, 2005:327-328).

Mais uma vez, quando se analisa a linha narrativa de Fiori Gigliotti, fica a impressão de que, num lance de magia ou num movimento sobrenatural, ele se apropriou de análises que surgiriam posteriormente ao seu tempo para formulá-la. Sua linguagem é uma perfeita composição sonora invisível de palavras, ruídos, silêncios, enunciada em tempo real e compartilhada entre emissor e receptor, transmitida sempre no presente individual do seu ouvinte e no presente social em que está inserida.

De novo, a formulação da narrativa de Fiori se aproxima das teorias de Balsebre, quando este pondera, parece que falando daquele:

Todos estes recursos expressivos fundamentam o sentido simbólico, estético e conotativo da linguagem radiofônica. Para isso, é preciso que o profissional do rádio saiba conjugar de forma criativa e equilibrada a dialética forma/conteúdo, previsibilidade/originalidade e informação semântica/informação estética. A audição radiofônica e não necessariamente apenas da ficção dramática ou do ritmo musical de um “disc-jockey”, mas também de um programa informativo pode causar

uma verdadeira emoção estética, reutilizando assim a linguagem radiofônica como um autêntico instrumento de comunicação e expressão (BALSEBRE, 2005:330).

Outro autor que se ocupou de tratar de teorias do rádio foi Gaston Bachelard, em sua obra *O direito de sonhar* (1985). Ao comentar seus escritos, Doris Haussen (2005:135) traz uma citação de Fernando Peixoto (1980:5) referindo-se a sua infância, anterior à universalização da televisão, que se torna extremamente oportuna:

O rádio era um instrumento mágico que nos transportava para um universo de fuga e fantasia. Diante do rádio, uma vez pensei que ia morrer: pela primeira vez senti a perna ‘adormecer’; imaginei que a sensação iria tomar conta de todo o corpo. Olhei a família reunida junto ao aparelho, preferi ficar calado e concentrado, na medida do possível, nas palavras que o rádio transmitia (PEIXOTO, 1980:5, apud HAUSSEN, 2005:135)

Haussen irá comentar ainda a questão analisada por Bachelard sobre a formação de arquétipos. Segundo Haussen:

Bachelard vai chamar a atenção para a questão do arquétipo como um tema verdadeiramente enraizado no psiquismo de cada indivíduo. Assim, para atrair o ouvinte ‘pode-se convidá-lo a sonhar com um domicílio, com o interior de uma casa. Mas não se trata de uma regressão, de retornar a felicidades esquecidas e sepultadas. Trata-se de mostrar, pouco a pouco, ao ouvinte, a essência do devaneio interior’. Ao abordar o arquétipo da casa, o autor lembra que o rádio, ao se referir sobre o mesmo, vai fazer um convite ao devaneio. E lembra que a falta da imagem deste veículo de comunicação não se configura como uma desvantagem porque ‘a ausência de um rosto que fala não é uma inferioridade: é uma superioridade; é precisamente o eixo da intimidade que vai se abrir’. Isto porque, cada ouvinte possui o seu arquétipo de casa natal, e alguma coisa é mais profunda que este arquétipo: “aquilo que é chamado de a casa onírica, a casa de nossos sonhos” (HAUSSEN, 2005:135,141).

Há que se concordar com Bachelard quando ele chama a atenção para o direito de sonhar proporcionado pela transmissão radiofônica e como ele mesmo alerta, para tal é necessário descobrir no inconsciente dos indivíduos as bases da originalidade humana.

E para que o rádio não se repita e tenha uma função de originalidade, para que continue criando esse mundo de sonhos e continue proporcionando aos seus ouvintes o direito de sonhar, o narrador tem que saber trabalhar com uma narração imaginativa e diversa, envolvendo seu ouvinte, despertando em seu interior um mundo que parte do real, sem que se perca seu caráter informativo, mas que faça despertar os arquétipos guardados no fundo de sua psique.

Apesar de Fiori Gigliotti usar muito alguns bordões, hoje comuns à narrativa esportiva, suas narrativas jamais eram iguais, pois sabia transformar o mundo que via diante de seus olhos em cenários diversos e particulares, como são as situações do cotidiano, para que cada ouvinte projetasse na informação que lhe chegava a situação que estava sendo exposta: a cor da grama, a temperatura no estádio, a cor da camisa e do calção dos times, o jeito de correr, pular e driblar dos jogadores, a dor na falta sofrida e a emoção do gol marcado ou sofrido. Era possível “quase” sentir a dor do atleta que saía machucado, a raiva do goleiro que tomava o gol. E, no meio da sala de casa, a festa que comemorava o gol favorável ou ainda a tristeza do gol contra confirmava o realismo das imagens que chegavam numa narrativa emocionada, evocando os sentimentos mais profundos guardados no íntimo de cada um.

Trazendo essa reflexão para os dias de hoje, cita-se aqui novamente o professor Anderson Gurgel de Campos, já referenciado (p.19, cap. I) que, em depoimento a este autor, afirma que “o estilo de Fiori Gigliotti tem ainda grande importância no cenário atual, se visto pelo olhar do espetáculo, mais do que pela técnica. O espetáculo hoje é constituído por uma colcha de retalhos, há componentes vindos de inúmeras origens: misturam-se celebridades, especialistas, programas de auditório, humoristas, supostos jornalistas, formadores de opinião. Não sei exatamente onde, mas com toda a certeza o Fiori está lá.”

3.2.2. A criação da referência

Em uma entrevista no dia 16 de novembro de 1999, mediada pelo jornalista Vagner Lima, Fiori falou bastante sobre a arte de narrar uma partida de futebol para a

Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo¹³. O trecho selecionado mostra a preocupação de Fiori em criar referências e se diferenciar do comum:

No início do papo com Vagner Lima, ele falou[...] da paixão pelo rádio e o futebol...[...]

[...]“Bem, eu precisava me diferenciar, que todo mundo começa pelo menos inspirado num ídolo. Nelson Gonçalves começou imitando Orlando Silva, no fim ele achou sua própria aaahh linha de de de de de canto, sua própria qualidade, seu estilo e acabou se diferenciando e revelando ao mundo uma das vozes mais bonitas entre os cantores do mundo inteiro. Agora, eu queria me diferenciar porque o Edson Leite, o Pedro Luiz, o Aurélio Campos eram monstros sagrados da época; se eu imitasse um deles, eu ía ser carbono, eu também queria ser matriz. Então como é que eu teria que fazer? Eu teria que inventar coisas diferentes pra que o ouvinte, ele distinguisse num rádio e no outro rádio, se eu estivesse irradiando, quem era quem e que, em que rádio estava sintonizado, a rádio Panamericana, naquele tempo, a rádio na qual eu trabalhava. E foi aí então que eu comecei a buscar bordões. Todo mundo dizia, por exemplo, que "Apita o árbitro, começa o jogo"; eu já: "Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." Quando o goleiro pegava a bola todo mundo gritava: "e ele agaaaarra, defeeende"; eu já lancei: "seguuuura com firmeza". No crepúsculo de jogo, no fim do jogo, todo mundo dizendo que o jogo tava dramático, simplesmente dramático, mas eu já criei o meu, o meu, o meu célebre bordão: "crepúsculo de jogo, torcida brasileira". E assim foram nascendo esses bordões de acordo com a a a reação do do ouvinte, porque que eu sempre fui um pesquisador. Dependendo da reação do ouvinte, eu insistia, se a reação fosse negativa eu eliminava. Por exemplo, num determinado tempo eu criei um slogan que eu achei interessante e hoje, ainda hoje, eu encontro ouvintes que reclamam por que razão eu não dei continuidade àquele bordão, mas muitos também reclamaram: "tem bicho na roça, torcida brasileira". Quer dizer, quando o cara tava perto do gol, a gente entendia que aquilo era um momento de perigo para o adversário, mas acabei me afastando desse bordão e deixando ele de lado. Em compensação, pouco a pouco, eu fui criando outros e outros bordões: "o tempo passa" ééé... outros... na copa de 78 e de acordo com as dificuldades que o Brasil enfrentava, eu lancei o "aguenta coração" e "aguenta coração" é bordão exatamente de copa do mundo. "Agueeeenta coração". Quer dizer, a coisa tá dramática, tá difícil, então a gente grita "aguenta coração". "Balão subindo, balão descendo", "balão subindo, balão descendo.. cabeeeeça na bola e sossega a defesa do Corinthians." Quer dizer, então são coisas

¹³ Áudio obtido no site <http://www.midiagols.com.br/audios/reportagens/143-entrevista-com-fiori-giglioti.html> do jornalista Vagner Lima, em 03/11/2009. Transcrição a partir do site para este trabalho.

diferentes pra marcar um estilo, estilo que vai se consagrando no interesse, na aceitação popular, na medida em que esses bordões estiverem ajudando. E foi o que aconteceu com a minha própria carreira. De repente, quando o Edson parou, o Pedro Luiz também parou, todo mundo me distinguia com facilidade porque o meu estilo prevaleceu e eu fui o sucessor do Edson e o sucessor do Pedro Luiz.”

De novo, não há como não voltar a Walter Benjamin e ao seu narrador:

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios [...] sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio [...] pode se servir do acervo de toda uma vida [...] seu dom é poder contar sua vida, sua dignidade é contá-la inteira [...] o narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida [...] (BENJAMIN, 1994:221).

Como pontua Baitello Jr. (1999:65):

“O ouvir nos permite gerar imagens, nossas próprias imagens, e essas imagens são geradas por nexos, sentidos e não são imagens oferecidas prontas de maneira a cercear a capacidade imaginativa. Imaginação vem de imagem. Mas é a geração de imagens. E esta geração de imagens é provavelmente mais fértil no tempo do ouvir do que no tempo de ver”.

Cremilda Medina, quando define a narrativa como “uma das respostas humanas diante do caos” (2006: 67), escreve:

“Dotado da capacidade de produzir sentido, ao narrar o mundo, o sapiens organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que o talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital”.

Cabe aqui retomarmos alguns conceitos desenvolvidos por Paul Zumthor (2005) para tentarmos entender o que fazia da narrativa de Fiori uma narrativa complexa e empolgante, que tomava de empréstimo o imaginário do ouvinte, retirando-o do mundo

físico que o rodeava no momento da transmissão e o levava ao mundo fantástico da partida narrada.

Zumthor irá tratar do *empenho do corpo*, dizendo que é através do corpo que nos relacionamos com o mundo, é através dele que tocamos, cheiramos, representamos e sentimos. Tem-se, nesse sentido, o importante papel que ele desempenha e tem-se na voz o instrumento que transcende o limite do corpo físico. A voz é o instrumento corpóreo que faz o homem ir além dos seus limites corporais físicos, ela “desaloja o homem do seu corpo”.

Irá retomar pressupostos da Antiguidade, onde a retórica tinha papel central na organização social e na difusão do conhecimento, a palavra escrita era considerada pagã e assumia um papel secundário na difusão da cultura. Ao retomar a “retórica esquecida pelos séculos de surdez”, Zumthor nos dirá que atingir um discurso significa atravessar a espessura e a resistência das palavras. O corpo, sob a forma de intervenção vocal, explícita ou interiorizada, é decisivo nesta ação de produzir sentido; pensa-se com o corpo, ele dá a medida do mundo, é o seu referente.

A voz como extensão do corpo está a serviço da comunicação, da representação e da expressão, se apresenta como extensão corpórea à materialidade das letras. Conseqüentemente, a dimensão dinâmica da voz poderá ser abordada como movimento corporal sonoro, pois a dimensão dinâmica é presença, intervenção e espaço. É a determinação material da voz com seus parâmetros concretos como o volume, a intensidade, o timbre e a altura que a torna material. É a voz como ação e movimento que atua no espaço perceptivo permitindo instaurar relações intercorpóreas.

Tais elementos se fazem fundamentais para o entendimento das questões inerentes à performance, centrada no jogo de expressão e percepção entre o contador e o receptor no ato imediato da comunicação.

Nesse sentido, Zumthor apresenta em sua obra subsídios para uma audição atenta, num tempo de pobreza de escuta e de excessos de elementos sonoros. Mas é preciso reconhecer que nem tudo pode ser estabelecido a partir de como o fenômeno performático é recebido, pois a recepção representa apenas uma parte desse processo. O que está em jogo é o empenho do corpo, ou seja, o investimento corporal que é efetuado no momento de sua materialização e que é gerenciado em momentos anteriores da história individual de cada sujeito que “performa”. A partir das idéias de Paul Zumthor, podemos inferir que a vocalidade é plena de materialidade, pois envolve o empenho do corpo do locutor que determina uma situação comunicativa e alimenta a ação simultânea

entre o emissor e o receptor.

Assim, retomamos que a ação corpórea, expressa na voz do narrador, é elemento fundamental na construção das paisagens sonoras que se pretende formar. Fiori, consciente ou inconscientemente, fez de elementos subjetivos como a entonação e o ritmo da voz, as pausas, as várias formas da descrição do espaço físico e temporal, ferramentas de reforço do significado da mensagem que se pretendia passar, gerando reações especiais nos ouvintes não somente no momento de sua performance, mas também nas narrações gravadas. Centrada no ato da comunicação, a performance de Fiori fazia-se singular ao estabelecer um contexto cultural e situacional.

Foi através da oralidade mediatizada, que levava em conta esse elemento, que Fiori fez sua a voz anônima do povo através da sonoridade, da entonação, do ritmo e dos gestos sonoros, os grandes aliados que reforçavam o significado da mensagem que deveria chegar aos seus ouvintes.

3.3. A bola em jogo

Em todo trabalho, as diferenças entre os profissionais que o executam sempre existirão e na locução radiofônica não será diferente. Os mais diversos estilos de narração estarão em convívio pacífico, até que uma nova jornada esportiva comece. O grito de gol foi criado como artifício para abafar o alarido vindo das arquibancadas a cada marcação de um tento. Ary Barroso tinha sua famosa gaitinha que ele soprava a cada gol marcado e, com mais ímpeto no gols do Flamengo. De acordo com Barbeiro & Rangel (2006:54), a locução brasileira é das mais entusiasmadas, repleta de emoções, totalmente diferente da locução européia que é fria e sem-graça.

As variações no modo de narrar o que se passa no cenário de um jogo se devem a vários fatores: conhecimentos gerais, conhecimentos específicos do local do jogo, análise prévia das equipes com suas possíveis escalações, análise da tabela de classificação do campeonato, análise da arbitragem, e tantas outras coisas. Ensinaamentos de Fiori Gigliotti que chegava ao estádio duas a três horas antes do início do jogo para estudar todos esses detalhes; em palestras que fazia com frequência a estudantes de vários cursos de Comunicação deixava sempre instruções preciosas revelando “o caminho das pedras”.

Edileuza Soares aparece novamente em cena, quando define:

A narração do jogo é o centro do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo. Para enriquecê-la, os locutores investem na criação de códigos de fácil compreensão por quem tenha um conhecimento prévio do futebol (dimensões e desenho do campo, posição e formato do gol, regras do jogo). Com essa linguagem repleta de expressões muitas vezes engraçadas e redundantes, eles recriam o ambiente e os movimentos da partida, acrescentando-lhes entusiasmo e multiplicando suas emoções. (SOARES, 1994:61)

Para ilustrar a opinião de Soares, segue trecho de longa entrevista que Fiori concedeu em julho de 2002 ao jornalista Pedro Vaz, da Rádio Gazeta. Nesta oportunidade, falou da vida pessoal, da carreira, dos amigos, das copas do mundo, das mágoas, das inúmeras viagens. Particularmente, de uma delas, para a Argélia, ficou uma lembrança curiosa que é relatada a seguir, numa transcrição de parte da entrevista:

“Agora, um capítulo completamente diferente, que marca o rádio esportivo e que deixou uma imagem que merece ficar como luz, como uma orientação didática pro radialista é o seguinte, e nessa altura eu já estava na Panamericana: eu fui irradiar Brasil e Argélia em Oran, a capital é Argel, mas Oran é a segunda cidade. E chegando no estádio, o estádio era completamente aberto, tinha aquelas paredes arcadas, bonitas, aquelas aberturas todas arredondadas em cima e de repente eu percebi que a entrada era gratuita, ninguém pagava nada. Então os argelinos eles chegavam e o que faziam? Iam correndo logo pra beira do campo, nas marginais do campo, quem chegava sentou-se, acompanhando todas as laterais e as linhas de fundo do campo e os outros que iam chegando iam ficando em pé. E eu não tinha fio pra chegar até lá, porque a tomada tava junto das arcadas. Eu tinha o quê? Uns 3 metros de fio. E como é que eu ia ver o jogo? Não tinha condição de ver o jogo. E tinha dois rapazes da Bandeirantes: o Braga Junior e o Darci Reis. Darci, infelizmente já morreu, o Braga tá vivo, é testemunha viva do que eu vou contar. E eles tinham um rolo de fio, coisa que eu, orientação que eu sempre deixei pra Bandeirantes, porque eu sempre fui muito prevenido. Eu fui pedir pra eles, eu falei: "Gente, pelo amor de Deus, não dá pra vocês me arrumarem pelo menos uns 5 metros de fio, porque eu não vou chegar lá. Eu não vou ver o jogo se vocês não me emprestarem." Eles disseram: "Ah, Fiori, sabe? Nós somos profissionais, nós não podemos fazer isso." " Eu falei: "Tudo bem." O meu comentarista era o Leônidas da Silva. Ele queria brigar, bater. Eu falei: "Não, fica quieto." Então, vocês sabem que eu fiz? Isto aqui é

um momento diferente do rádio, mas isto mostra do quanto o rádio é capaz e que a televisão não pode fazer de jeito nenhum. Eu chamei o Leônidas e disse assim: "Leônidas, vem cá." Ele "Não, eu vou bater nesse cara." "Vai bater coisa nenhuma, fica aqui. Acredita em Deus, deixa o resto por minha conta, acredita em Deus. Você tem papel, tem lápis. Tudo bem. Então você vai ficar na beira do campo, em pé, a hora que o jogo começar, quando sair gol, você toma o nome do cara que fez o gol, se for dos argelinos marca com um certo cuidado, o tempo do gol e traz pra mim. "Eu vou fazer a abertura, vou fazer a irradiação do jogo inteiro, vou transmitir todos os gols, final do primeiro tempo, intervalo você vem aqui pra comentar, vou encerrar tudo." "Mas como?" "Vai lá, e eu vou fazer sentado na grama, não vou ver nada do jogo e vai sair tudo." Vocês acreditam que eu fiz a abertura sentado na grama? "Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo" não via espetáculo coisíssima nenhuma. Um a zero pro Brasil, eu fiz o gol, dois a zero, três a zero, seis a zero para o Brasil. Eu irradiei os seis gols. O primeiro tempo acabou, o segundo tempo, acabou o jogo: "Crepúsculo de jogo, fecham-se as cortinas e termina o espetáculo, torcida brasileira." Fiz o encerramento, tudo normal, como se tivesse tendo o retorno perfeito. E aí naquele tempo quando a gente acabava de irradiar, ia pro hotel. Esperava o tão ambicionado telegrama de alguém da rádio pra dizer se saiu mal se saiu bem. Às 4 horas da manhã o mensageiro bateu no meu quarto, chegou o telegrama: "Fiori, só saíram os últimos 18 minutos da nossa transmissão, mas som impecável, soubemos tudo sobre o jogo. Os outros estão esperando o som até agora." Vocês acreditam? A única rádio que teve o som que chegou ao Brasil pra ouvir e saber de tudo foi a Panamericana, os últimos 18 minutos, então eles souberam quanto foi o jogo, os marcadores, ouviram comentário. Os outros, inclusive a Bandeirantes, os dois rapazes que me negaram o fio, não saiu nada. Por isso que eu digo, o rádio é fantástico. A facilidade de improvisar do rádio é um negócio maluco. Isso entre outras e outras coisas." (Esta entrevista pode ser conferida na íntegra no anexo I).

Vimos até aqui uma contextualização básica do que pode vir a ser a linguagem radiofônica esportiva brasileira. Embora não haja registro de uma escola bem definida que lhe tenha dado um norte, aparentemente a comunidade do esporte trabalha com a idéia de que a linguagem radiofônica esportiva vem sendo construída com a contribuição de todos que militam na área desde o seu surgimento.

Analisando a trajetória de Fiori Gigliotti, já identificamos a aderência de suas performances às teorias de Balsebre, Arnheim, Bachelard e Zumthor. Uma análise mais detalhada revelou que as falas de Fiori acabavam por incorporar, mais cedo ou mais

tarde, todas as funções da linguagem que Samira Chalhub¹⁴ descreve na sua obra *Funções da Linguagem* (2001). São elas:

Função Referencial: determina ênfase no Fator Referente – organiza os signos em função do referente, *do quê se fala*.

Função Emotiva: determina ênfase no Fator Emissor – organiza os signos em função do emissor, *de quem fala*.

Função Conativa: determina ênfase no Fator Receptor – organiza os signos em função do receptor, *para quem se fala*.

Função Fática: determina ênfase no Fator Canal – organiza os signos em função do canal, *onde se fala*.

Função Poética: determina ênfase no Fator Mensagem – organiza os signos em função da mensagem, *como se fala*.

Função Metalingüística: determina ênfase no Fator Código – organiza os signos em função do código, *com o quê se fala*.

A seguir, para complementar o estudo da Linguagem, voltamos à abordagem de Soares (1994:61) que descreve:

Após analisarmos a narração de jogos e entrevistarmos alguns desses profissionais, classificamos a irradiação esportiva em duas categorias, segundo exclusivamente os signos usados para designar os elementos do jogo (objetos, praticantes, desenvolvimento, espaço físico etc.):

- 1) Escola Denotativa: seus representantes preocupam-se em dar ao ouvinte a imagem da partida pela utilização de signos denotativos, isto é, limitando seu vocabulário ao “primeiro significado derivado do relacionamento entre um signo e seu objeto”¹⁵. Exemplo: ao citar a esfera que, no futebol, deve ser impulsionada pelos pés dos jogadores para dentro do gol, o locutor desta escola diz: “bola”.
- 2) Escola Conotativa: seus representantes caracterizam-se pelo uso de signos conotativos, entendidos de acordo com Coelho Netto, como aqueles que “...põe(m) em evidência significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo/objeto”. Na Escola Conotativa, a bola do jogo é citada como “balão”, “balão de couro”, “caroço”, “couro”, “criança”, “gorduchinha”, “leonor”,

¹⁴ Chalhub, Samira. *Funções da Linguagem*. Série Princípios. São Paulo. Ed. Ática, 11ª ed. 2001.

¹⁵ Netto, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1980, p.24

“maricota”, “menina”, “nega”, “pelota” e “redonda”¹⁶. O uso de uma dessas palavras durante a narração de futebol remete o receptor ao signo denotativo “bola”.

Como exemplos de aplicação dessas teorias, podem ser citados os bordões que Fiori criou e com os quais pontuava suas narrações esportivas. A cada inserção de um bordão, uma função de linguagem estava presente. Essa capacidade de conectar-se ao seu ouvinte e de com ele estabelecer vínculos sonoros consistentes fazia do narrador uma figura que recebia a predileção do grande público.

Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira. - Prefixo utilizado pelo narrador no início do jogo. Nenhum outro narrador copiou este bordão.

Agueeeenta coração. - Um clássico, criado durante a copa da Argentina, 1978, para momentos cruciais da partida. Fiori dizia que este é um bordão de Copa do Mundo, porque todos torcem para um mesmo time. Copiado por diversos outros locutores. Galvão Bueno, da Rede Globo, sempre o repete em momentos decisivos do jogo.

Crepúúúússculo de jogo, torcida brasileira. - Quando o jogo está terminando. Se algum time não conseguia reagir, logo depois desse, entrava o **Não adianta chorar!** Aqui, ao ouvinte torcedor que perdia já chegava uma advertência de que deveria começar a pensar na partida seguinte do seu time.

O teeeeempo passa - Prefixo para informar o tempo e o placar da partida.

Torcida brasileira, carinhosamente, boa-tarde – Saudação inicial, usada na abertura da jornada esportiva, cerca de duas antes do jogo.

Essa predileção do público pela narrativa sedutora de Fiori era confirmada pelas centenas de cartas que chegavam à Rádio Bandeirantes todas as semanas, endereçadas ao narrador. Foi assim durante todo o tempo em que ele esteve na emissora – 38 anos – e assim continuou, mesmo depois de ele ter ido trabalhar em outra casa. Fiori faleceu em 08/06/2006, dez anos depois de sair da Bandeirantes. Em 03/03/2007, o jornalista Milton Parron, coordenador do Centro de Documentação da Band – CEDOM – levou ao

¹⁶ O autor do livro A Linguagem Popular do Futebol, José Maurício Capinussú, elaborou uma relação de 434 vocábulos e expressões idiomáticas usadas por profissionais que cobrem o futebol.

ar seu programa “Memória” homenageando Fiori Gigliotti (o CD com o áudio do programa, gentilmente cedido por Parron, encontra-se anexo). Acompanhe, pela transcrição abaixo, o início do programa:

Olá pessoal! Aqui estamos com mais um programa da série Memórias. Hoje eu vou falar de um personagem que, embora falecido há muitos meses, continua sendo recordista de cartas e e-mails que recebo neste programa. É daquelas figuras que o rádio eternizou em nossa memória e em nosso coração. Jamais se falará sobre determinado segmento do rádio sem que ele seja imediatamente citado. De tal maneira ele popularizou as transmissões esportivas da rádio Bandeirantes que ainda hoje, graças a ele, os profissionais que trabalham nesta casa são surpreendidos com as manifestações de carinho que as cidades do interior nos prestam das mais variadas formas.[...] É de um locutor esportivo que nós vamos falar. Um dos mais conhecidos, mais queridos e mais respeitados. "Aguenta, coração!". O coração generoso de Fiori Gigliotti não resistiu ao câncer de próstata e parou de bater no dia 08 de junho do ano passado. Morreu aos 77 anos, encerrando uma trajetória de 60 anos do rádio, 10 copas do mundo, e uma infinidade de prêmios, incluindo mais de 160 títulos de cidadania, recorde absoluto no Brasil. Pertenceu a gerações que revelaram locutores esportivos consagrados, como Jorge Cury, Édson Leite, Oduvaldo Cozzi, Rebello Jr., Pedro Luíz, Geraldo José de Almeida, Valdir Amaral, Osmar Santos e José Silvério. Hoje Fiori é nome de rua numa cidade chamada saudade."Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira!".

Observa-se aqui (e é mais sentida, claro, no áudio) a emoção do apresentador Milton Parron que esteve próximo de Fiori por longo tempo na Band. Mais à frente, entra no programa outra criação de Fiori, esta revelando a evolução do profissional. Fiori começou como radialista, apenas escrevendo para outro locutor. Passou a locutor, fazendo locução e auditório, foi a narrador, atingindo aí altos níveis de excelência e de popularidade, chegando a cronista, grande conhecedor da alma. Foi como cronista que teve a idéia de criar o programa “Cantinho de Saudade”, que ia ao ar no início da jornada esportiva da Band. No programa “Memória” também se falou disso:

Fiori Gigliotti, extremamente sensível, ficava comovido com as histórias de jogadores que tinham os estádios a seus pés e no dia imediato caíam no mais completo esquecimento. Muitos deles inclusive

na miséria. Já nome consagrado no rádio, Fiori criou um quadro que antecedia as transmissões esportivas da rádio Bandeirantes, que tornou-se um dos maiores atrativos da emissora. Chamava-se "Cantinho da Saudade". E reverenciava aqueles que um dia protagonizaram os grandes espetáculos e com a idade foram jogados ao mais absoluto ostracismo. Como aconteceu com Veludo, um negro de 1 metro e 80, robusto, que a morte veio buscar quando ele estava reduzido a 48 quilos, esquelético, cabelos já brancos, encharcado pela bebida. O Veludo, de riso fácil, mãos ágeis, desaparecera, ficando em seu lugar Caetano da Silva, um homem que vivia do passado. Fiori Gigliotti se comoveu:

“- Torcida brasileira, só Deus sabe o que se esconde por trás das montanhas do futuro. O que nos espera no vale das nossas ilusões. Os caminhos misteriosos que teremos de atravessar no amanhã que chega tão depressa. Por isso, olhando pra trás, quando começa a subida da montanha, a consciência mostra que poderíamos ter feito muito mais do que fizemos. Feliz de quem assim pensa e mais feliz ainda, quem puder enfrentar a subida da montanha do futuro semeando flores ou espalhando bondade e amor pelos caminhos da vida. O futebol é assim como uma montanha. Grandes subidas, montanha de grandes descidas também. Quem muito sobe, mais cuidado precisa tomar para não cair. Porque o tombo é sempre duro, é sempre violento. Como pássaro sem asas poderosas pra alçar vôos tão altos, despencando do vazio para o impacto da verdade, muitos jogadores de futebol, levados pelas asas frágeis da vaidade e da presunção, como que querendo dominar o mundo, sentindo-se rei do mundo, acabam se arrebatando no chão duro da realidade que não perdoa ninguém. O horizonte é uma esperança e uma advertência também. Um desafio. E o passado é quase sempre uma lição. Nem todos aprendem o necessário pra evitar o pior. Nem todos têm chance para aprender, como também nem todos querem ou gostam de aprender. A lei do mínimo sacrifício, nem sempre merece respeito. Assim aconteceu com um dos maiores goleiros do Brasil. Um crioulo alto, sabia quase tudo dos segredos do gol. Pouco sabia, entretanto, dos cuidados ou dos segredos da própria vida para evitar o pior. Ele subiu com rapidez fulminante a montanha das ilusões, mas chegou lá em cima sem fôlego, ofegante, sem dosar nada, sem o mínimo cuidado, sem o mínimo senso de responsabilidade. Na primeira batida de asas dos abutres ele despencou. E ele subiu muito depressa, como um foguete, mas desceu mais depressa ainda. E da queda não sobrou nada, absolutamente nada. Se é verdade que a gente precisa cair para aprender a se levantar, não é menos verdade que certos tombos não oferecem chance pra mais nada. Assim foi com ele. E ele foi um craque excepcional, grande no Fluminense, estupendo no Santos, empolgou no futebol do Uruguai. Foi goleiro da seleção brasileira da copa do mundo de 54. Incrível como ele, em tão pouco tempo, se projetou. Mais incrível ainda, como em menos tempo ainda ele sumiu. Foi assim como

que de repente, um vento zangado que vem a gente não sabe de onde, passou pela sua vida e levou tudo. E como tudo o que ele fizera estava escrito na areia da praia dos enganados, os ventos, as ondas tudo levaram. Torcida brasileira, estamos falando de Veludo. Do grande Veludo do Fluminense, do Santos, que brilhou no Uruguai, que vestiu a camisa da seleção brasileira. Hoje pouca gente sabe que há muito ele morreu. Como lembrança e como advertência ele merece ser lembrado. Veludo vai ficar por todo o sempre incrustado na ternura e na sinceridade do nosso Cantinho de Saudade.”

No programa Memória, o locutor da torcida brasileira, Fiori Gigliotti. Voltamos num instante.

Com todos esses elementos, torna-se um pouco mais facilitada a compreensão do que era o estilo de narrar de Fiori Gigliotti. Um estilo rebuscado, poético, vibrante, emocionado, endereçado à alma de todos os amantes do esporte mais popular do país. Essa gente, embalada nas ondas do rádio, todas as semanas ligava seu radinho e decretava o fim do tédio nas tardes de domingo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

In principium erat verbum...

“O homem cumpre um dever essencial ao agradecer aos deuses que lhe outorgaram o privilégio da voz.”
(Plutarco de Querónia)

Este espaço do trabalho foi reservado para algumas considerações sobre aquele que é o principal elemento na composição dos ambientes sonoros: a voz humana. O livro do Gênesis relata que a primeira manifestação do Criador é uma citação vocal, a comunicação de uma ação criadora através da fala. “E Deus disse: ‘Faça-se a luz!’” (Gen. 1,3). Desde então, a força da voz humana deixou suas marcas na história e vem se perpetuando como fator de integração da humanidade. Anterior à palavra, é o que há de mais inerente à existência do homem. Anterior à linguagem, aparece no primeiro choro do bebê, revelando a sua presença e indicando que através dela está estabelecido um canal de comunicação.

Impossível separar voz e linguagem, embora sejam coisas diferentes. Piccolotto & Soares, quando tratam do tema, ensinando técnicas de imitação, ressaltam que “É necessário diferenciar voz, fala e linguagem. Voz é a emissão de sons produzidos na laringe. A fala compreende a articulação e a emissão de fonemas. A linguagem engloba o todo necessário para a comunicação de idéias e pensamentos” (1991:7). Logo mais à frente, concluem: “A habilidade de falar é tão importante, que se torna difícil conceber a vida sem linguagem” (1991:7).

A imagem que representa a transmissão de conhecimento entre gerações está no memorial de todos: ao centro, uma fogueira; ao redor, pessoas conversando; homens, mulheres, velhos, jovens e crianças partilhando não somente o calor do fogo, mas também dividindo saberes, preocupações, alegrias, tristezas, afetos. A comunicação oral, embalada nesse clima de calor humano entre pais e filhos, era a ferramenta que garantia o sucesso dessas “aulas”. Essa “narrativa que floresceu num meio artesão”,

segundo Walter Benjamin, não tinha o propósito de transmitir somente o núcleo da informação. Juntavam-se a narrativa as particularidades da vida do narrador e a história saía com sua marca (BENJAMIM, 1994:205).

O interesse por ouvir histórias está presente na vida das pessoas. Apesar disso, nessa imensa avalanche de informações novas que recebemos todos os dias, nem tudo passa por nossos olhos e ouvidos. O que nos chama a atenção? O que fica gravado? Que tipos de informações somos capazes de reter? As pessoas querem histórias verdadeiras, simples, que aqueçam suas vidas, que possam ser compartilhadas. Essa é a “dimensão utilitária das narrativas” de que falava Benjamin. O poder das histórias está na sua capacidade de capturar emoções, definir valores, simplificar, transformar o racional em afetivo, criar vida.

Nesse contexto, o que Fiori Gigliotti realizou numa trajetória profissional de seis décadas como radialista/redator, locutor, narrador e cronista no mundo esportivo foi uma verdadeira encarnação das teorias de estudiosos das comunicações, sem, contudo, – e segundo a pesquisa apurou com sua família, amigos, colegas e colaboradores – ter lido, estudado ou sequer se aproximado da obra desses pensadores. Seu conhecimento, sua cultura geral, a base sustentadora de sua narrativa, tanto nos estádios quanto nos estúdios, estava apoiada em fontes não identificadas, como ele mesmo diz: “... eu estudava demais, eu lia demais...” (ANEXO I:84); “eu sempre fui muito estudioso, muito interessado em saber um pouco, cada vez mais...” (ANEXO I:90). E, sabedor que a voz também envelhece, tinha com ela especial cuidado: “... olha, garganta acima de tudo precisa de descanso e de cuidados especiais, nada de gelado, nada de sereno, cuidado com o vento...” (em entrevista ao jornalista Vagner Lima, p.42).

Aí estão detalhes de uma vida dedicada ao rádio, à criação e ao desenvolvimento de um processo narrativo em cujo centro está a voz humana, desempenhando um papel de tal relevância, que levou Paul Zumthor (2005) a considerá-la como “extensão do corpo, elemento que transcende o limite do corpo físico” e se coloca a serviço da comunicação, da representação e da expressão. Invisível, porém material, a voz, imanente, chega a ter a mesma importância de uma impressão digital. Presente na palavra, a voz é responsável por sua modulação, pelo seu ritmo, pela sua vibração. Ela nos identifica em alguns momentos e em outros nos diferencia.

Na oralidade mediatizada, sem imagem, o único recurso do narrador é a voz. Já refletimos aqui, juntamente com Julia Lúcia Albano da Silva (1999), sobre a efemeridade e a perpetuação do signo sonoro lançado pelo rádio. O signo só se perpetua

quando encontra ressonância no seu receptor. Esse pensamento tem profundas afinidades com as idéias de Gaston Bachelard (2005), para quem o fenômeno se constitui a partir da combinação repercussão/ressonância. Há imagens poéticas no ar; o devaneio proporcionado por elas só se apresenta quando essas imagens se instalam na consciência, vindas diretamente da alma, do coração. O encantamento produzido pelas imagens poéticas leva o indivíduo encantado a mergulhar em sua psique, gerando a repercussão. Esse mergulho, profundo, produz no devaneador um grande desejo de falar, gerando assim as ressonâncias. Identifica-se aqui um ponto de tangência entre essas reflexões e as teorias de outro autor, Rudolf Arnheim, apenas citado no corpo da pesquisa, como base para o trabalho desenvolvido por Armand Balsebre, este sim, bastante discutido.

Rudolf Arnheim (2005) procura diferenciar o mundo sonoro, que se cria através do rádio, do mundo da cegueira, que se respalda apenas no sentido da audição. Seu propósito é teorizar sobre como simular um mundo visual através da percepção auditiva, na tentativa de utilizar a mesma linguagem da percepção visual. Arnheim toma como base as manifestações artísticas do início do século XX transmitidas através do rádio na Alemanha. Vale destacar que o rádio europeu de então ocupava-se na difusão da cultura e do saber, aproveitando-se da novidade de poder entrar nos lares e atingir um grande contingente de pessoas. Ao propor uma narrativa radiofônica onde o ambiente é criado pela própria narrativa, através de recursos a ela inerentes, como se fosse um romance impresso em páginas em branco, sem imagens visuais, mas criando um contexto imaginativo complexo e amplo, o autor chama a atenção para um tema que viria a ser, mais tarde, muito discutido por inúmeros estudiosos: o poder das imagens. Em suas teorias, naquele momento a comparação com o cinema mudo era inevitável. Segundo Arnheim, naquilo que se via no cinema mudo, uma imagem bastaria para se entender todo o contexto em que se envolviam diversos personagens complexos, inúmeras interferências na situação, e com um personagem se destacando em relação aos demais. Por quê? Simplesmente, porque ali, na imagem, tudo se explicita e as falas não são necessárias para se entender o que se passa. Seu argumento poderia, guardadas as devidas proporções, se enquadrar no chavão popular “uma imagem vale por mil palavras”. O quadro está pintado e nele a situação é descrita de forma completa.

Em certo ponto de sua obra, pondera Arnheim:

[...] A arte radiofônica parece sensorialmente deficiente e incompleta diante das outras artes – porque ela não conta com o nosso sentido mais importante, que é a visão. Nos filmes mudos a falta da fala é menos notada, pelo fato de que a visão fornece por si só uma imagem bem mais compreensiva do mundo. [...] O olho sozinho dá uma imagem bastante completa do mundo, mas o ouvido sozinho fornece uma imagem incompleta. Portanto, torna-se uma grande tentação para o ouvinte ‘completar’ com sua própria imaginação o que está ‘faltando’ tão claramente na transmissão radiofônica. [...] O artista de rádio deve desenvolver a maestria de limitar-se ao audível. O que mede o seu talento é a capacidade de produzir o efeito desejado apenas com os elementos sonoros, e não a possibilidade de inspirar os ouvintes a complementarem a falta de imagem adicionando vida ou realismo. Pelo contrário: se a obra demanda tal suplementação é porque é ruim, não alcançou seus objetivos por seus próprios meios, teve um efeito incompleto (ARNHEIM, 2005:62).

Essa análise sugere comparação com as narrações esportivas, especificamente as do futebol, anteriores às de Fiori Gigliotti, em que o narrador limitava-se a tentar formar imagens nas mentes dos espectadores através de uma narração sem vida própria, uma cadência de *fatós-imagens*, todos desconexos, que tinham no momento do gol – o ponto alto, o ápice do enredo – apenas mais uma imagem desconexa daquele espetáculo. No Museu do Futebol, instalado no Estádio Municipal do Pacaembu, em São Paulo, há uma sequência de narrações, realizadas por vários locutores esportivos, de trechos de partidas ocorridas em diversos momentos da história. Nota-se ali, na diversidade de estilos e nas características peculiares de cada narrador, uma tentativa de se aproximar do ouvinte e dividir com ele a informação sobre o que estava acontecendo no gramado. Quando se chega à gravação de Fiori Gigliotti, o que se ouve é algo novo, inédito, surpreendente, predestinado a fazer escola. Sua narração aparece apoiada em figuras fortes de retórica capazes de impressionar o imaginário do ouvinte e aqui nos chama a atenção o fato de que ocorrem variações de intensidade, impostação, cadência, tudo isso pelo efeito de emoções intensas, criadoras de paisagens sonoras capazes de produzir um grau de sedução irresistível. Esse conjunto de características foi responsável pelo surgimento de legiões de ouvintes absolutamente fiéis ao locutor, por mais de cinquenta anos. Ainda hoje, quase cinco anos após a morte de Fiori, encontram-se nos sites relacionados ao futebol referências elogiosas à sua narrativa, vindas de amigos, colegas, admiradores e anônimos em geral.

Fiori Gigliotti parece ter encontrado nas idéias de Arnheim a linha mestra de sua narração, embora, como já dito, não se saiba se chegou a lê-lo alguma vez em sua vida. Enquanto os narradores que o antecederam criavam narrativas como se estivessem descrevendo as fotos dos jogos que saíam no jornal da manhã seguinte, Fiori colocava na sua forma de expressão verbal as características de um romance. Descrevia o cenário, o ambiente, a situação, os personagens, o clima, o ânimo, o ser e o estar. Aprofundava-se na densidade psicológica dos personagens, fazia do som da torcida que vazava no microfone mais um elemento da narrativa. (Aquele menino do interior, que nunca havia visto seu time jogar, que nunca havia ido a um estádio de futebol, se sentia participante da cena, envolvido em algo que seus olhos não viam, mas sua imaginação era capaz de tornar real: paisagens sonoras povoadas de emoção e encanto, com as alegrias da vitória e, no contraponto, as tristezas de uma derrota. Memórias deste autor.)

Nesse universo de símbolos que estruturam a narração, a voz humana responde pelo ser e o pensar, o ser e o fazer, que estão em total correspondência, simplesmente pela produção da palavra e pela força que ela carrega em si mesma. No dizer de Cecília Meirelles, “Ai, palavras, ai, palavras, estranha potência a vossa.”

Já vimos que a voz tem sua presença na palavra e não foi criada com outro objetivo que não seja servir de ponte entre humanos, circular pelos ambientes, preencher vazios e, possivelmente, encontrar ecos.

Na magia da voz humana podem ser encontradas inúmeras possibilidades que foram consideradas por Werner Klippert ao escrever “Elementos da peça radiofônica” (2005). Em seu texto, Klippert destaca alguns artifícios inerentes ao narrador, afirmando que a voz pode tornar conhecido o sujeito falante, o que o move a falar, quais os seus sentimentos, a partir de onde e de qual situação, por que e com que fim fala. Destaca ainda elementos acústicos passíveis de serem percebidos e interiorizados pelo ouvinte, como o som bruto da voz e alguns significados que, através das palavras, envolverá o ouvinte em sua totalidade, trazendo à tona emoções sugeridas pelo narrador e complementadas por alguma lembrança que aflora por frações de segundos no momento em que escuta a narrativa. Segundo Klippert, a voz traz em si uma identidade, podendo “fazer ver” todo o sentimento que nela se expressa. O autor aponta para a capacidade que tem a voz de mostrar o sujeito que está por trás dela, abrindo um leque de possíveis significações da conjuntura exposta pelo narrador ao ouvinte. Klippert nos dirá que através de vínculos e lembranças criadas pela familiaridade de determinados sons, entre

eles a voz, é possível despertar sensações que podem ser experimentadas por todo o corpo.

É na linguagem, na sua autonomia baseada na exploração das infinitas possibilidades que se abrem através do jogo entre os seus meios de expressão que são a palavra, o ruído, o silêncio, que se consolida uma estética essencialmente sonora e seus desdobramentos revelam-se como um caminho inspirador em direção a um universo novo no qual palavra e som, ruídos e silêncio, retomam uma realidade criativa surpreendente e inovadora. Embora Klippert esteja analisando mais especificamente peças radiofônicas alemãs surgidas na década de 1930, não se pode deixar de perceber seus elementos na estrutura narrativa de Fiori Gigliotti e no seu modo de adentrar o imaginário coletivo.

No encerramento dessas reflexões ficam duas certezas: primeira, a oportunidade da pesquisa, cuja utilidade não será somente a técnica/acadêmica, mas também o resgate da imagem e da trajetória de um grande profissional do rádio esportivo brasileiro; segunda, confirmar na prática a realização das idéias concebidas nas pranchetas dos teóricos.

Fiori Gigliotti, com sua longevidade profissional, com os enormes braços de seu talento para o rádio, conseguiu abraçar e colocar em convívio pensadores como Benjamin, Zumthor, Bachelard, Arnheim, Balsebre, Klippert, Albano, Menezes e Schafer.

Ao trabalhar em sintonia com todas essas ideias, Fiori criou um estilo de narrar que, recuperado historicamente nesta dissertação, pode fundamentar a formação das novas gerações de locutores esportivos.

E neste ponto, para este trabalho, “fecham-se as cortinas e termina o espetáculo!”.

REFERÊNCIAS

ALBANO, J. L. *A Peça Radiofônica e a Contribuição de Werner Klippert*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) *Teorias do Rádio – Textos e contextos*. Vol.1, p.191-198. Florianópolis: Insular, 2005.

ARNHEIM, Rudolf. *O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Teorias do rádio - textos e contextos*. Vol.1, p.61-111. Florianópolis: Insular, 2005.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: DIFEL, 1985

_____. *Devaneio e rádio*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Teorias do rádio - textos e contextos*. Vol.1, p.129-142. Florianópolis: Insular, 2005.

BAITELLO Jr., N. A cultura do ouvir. In: ZAREMBA, L. e BENTES, I. (1999). *Rádio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea 3*. p.53-69. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, Publique, 1999.

_____. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____. e outros (orgs.). *Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume/CISC, 2006.

BALSEBRE, Armand. *A linguagem radiofônica*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) *Teorias do rádio - Textos e contextos*. Vol.1, p.327-346. Florianópolis: Insular, 2005.

BARBEIRO, H. & RANGEL P. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. e Prefácio de José Augusto Seabra. Lisboa: Edições 70, 1972.

_____. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *A aventura semiológica*. Lisboa: Edições 70, 1987 (1985).

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política*. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil*. *Histórica*, São Paulo, v. 3, n. 24, ago. 2007.

BOTELHO, A. R. M. *Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920)*. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS,

R. P. dos (Orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad – Faperj, 2006. p. 313-335.

BRASIL CULTURA. *Esporte no rádio, 2009*. Disponível em: <http://www.brasilcultura.com.br/perdidos/esporte-no-radio/> Acesso em 10/02/10

CANDIDO, A. et. al. *A Crônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

CAPRARO, A. M. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. 2007. Tese de Doutorado em História – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007

CITELLI, A. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006.

COELHO, F. O. *Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular*. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (Orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad – Faperj, 2006. p. 228-258.

COSTA, Felipe Rodrigues da. *Derrotas da seleção brasileira: futebol e identidade nas crônicas de Tostão*. 2009. 111 f. Dissertação de Mestrado em Educação Física - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

_____. *Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?* In: *Explorações de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, pp.101-120.

_____. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

HAUSSEN, D. F. *Bachelard e o rádio: o direito de sonhar*. In: MEDITSCH, E. (org.). *Teorias do Rádio – Textos e contextos*. Vol.1, p.135-141. Florianópolis: Insular, 2005.

KLIPPERT, W. *Elementos da peça radiofônica*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.) *Teorias do Rádio – Textos e contextos*. Vol.1, p.175-190. Florianópolis: Insular, 2005.

MARQUES, J. C. *O futebol ao rés do chão*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2000, Manaus. *Anais...* Manaus: Intercom - GT Esporte e Mídia, 2000. 1. CDROM.

MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MEDINA, Cremilda. *Narrativas da contemporaneidade*. In: *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2002.

_____. *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo: Paulus, 2006.

MENEZES, José Eugenio de O. *Trabalho apresentado no XXX Congresso da Intercom*. Santos, 2007.

_____. *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007

MOISÉS, M. *A criação literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

NETSABER.COM. *Biografia. Nicolau Tuma*. 2006. Disponível em: http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_4585.html Acesso em 25 de março de 2010.

NOGUEIRA, Armando. *O Botafogo e eu...* In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 119.

_____. *O Homem e a Bola*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

PEIXOTO, Fernando. *Descobrimo o que já estava descoberto*. In: SPERBER, G.B. (Org.). *A peça radiofônica*. São Paulo: E.P.U., p.5-10

_____. *A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

PICCOLOTTO, L. & SOARES, R. M. F. *Técnicas de impoção e comunicação oral*. São Paulo: Loyola, 1991.

RAMADAN, M. I. B. *A crônica de Armando Nogueira: metáforas e imagens míticas*. 1997. 145 f. Dissertação [Mestrado em Língua Portuguesa] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997a.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RODRIGUES, N. *Mário Filho, o criador de multidões*. In: MARON FILHO, O.; FERREIRA, R. (Orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram*. Rio de Janeiro: Europa, 1987. p. 136-138.

_____. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SÁ, J. de. *A crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, Júlia L. de O. A. da. *Rádio: oralidade mediatizada – o spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 2ª Ed., 1999.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Em Tese. Belo Horizonte, Vol. 2, p. 105 – 113, Dez. 1998.

SOARES, E. *A Bola no Ar*. São Paulo: Summus, 1994.

ZUMTHOR, P. *O empenho do corpo*. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Teorias do Rádio – Textos e contextos*. Vol.1, p.249-257. Florianópolis: Insular, 2005

ANEXO I –

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE FIORI GIGLIOTTI CONCEDIDA AO RADIALISTA PEDRO VAZ, RÁDIO GAZETA

[Transcrição do áudio que contém uma entrevista com Fiori Gigliotti realizada no estúdio da Rádio Gazeta, São Paulo, em julho de 2002 ...inicialmente há uma conversa com o repórter na qual se combina o que vai ser dito... quase não se ouve a fala do(a) repórter, Fiori faz alguns comentários... até perguntar: Posso contar...?] ... e começa:

Bem, eu sou um homem de rádio, antigo. Na verdade, eu comecei em jornalismo. Meu nome é Fiori Gigliotti, antes de mais nada. 38 anos de Rádio Bandeirantes, agora 6 anos de Rádio Record, mas também 5 anos de Rádio Panamericana. Eu, como toda criança, gostava de futebol, gostava de ler jornais esportivos, revistas esportivas, de ouvir rádio naquele tempo e isso começou em Lins. E naquele tempo a gente ouvia rádio, ouvindo de maneira específica a Rádio Nacional do Rio de Janeiro que era a rádio mais forte do Brasil e a rádio do governo. A rádio Nacional do Rio naquele tempo tinha talvez mais força do que teve a TV Globo no auge do absolutismo da sua influência como poder econômico e como poder de audiência. Gostava de jogar futebol, morava na frente do campo do Linense. Perdi meu pai com 12 anos de idade, a minha vida se complicou seriamente, mas, em homenagem principalmente a meu pai, eu programei determinadas coisas, semeei ideais na minha cabeça, tudo forjado através de uma religiosidade muito forte. Minha família sempre foi muito religiosa.

Meu primeiro emprego não foi nem num jornal e nem numa rádio, foi numa casa de tecidos chamada Casa Combate, em Lins, de um sírio chamado Salim Chaim, não demorou mais do que três dias, porque no terceiro dia foram duas mulheres ricas fazer compra lá, a Dona Celina e a Dona Maria Tereza, me lembro como se fosse hoje, compraram um fardo de tecidos, aí seu Chaim botou aquele mon... monte de tecidos em cima da... do balcão e falou pra mim levar até a casa delas, era longe pra chuchu. Aí, naquele tempo tinha charrete no ponto de... de aluguel, na esquina da Praça Coronel Pisa com a rua Osvaldo Cruz. Eu tentei levantar o fardo de tecidos que aquelas mulheres haviam comprado e praticamente nem consegui. E eu perguntei: seu Chaim, eu vou

pegar uma charrete... e ele nom, nom, bõe nas costa devagarzinho, cê vai parando, vai parando bra descansar, depois de lá cê já pode ir bra casa. Mas era pesado demais, eu não ia fazer aquilo, nunca me... me senti um burro de carga. Aí eu disse: vou tomar um café e volto já, já, seu Chaim. Fui tomar o café, não voltei até hoje, nem quis receber os três dias que... que eu tinha direito.

Bom, mas aí eu tinha que procurar emprego de todo jeito. Eu era menino de tudo, acabei arrumando emprego num jornal, o Correio de Lins, na redação. Abria a redação, entregava jornal, vendia jornal, fazia cobrança. Depois de pouco tempo eu passei a fazer a Coluna Esportiva do jornal Correio de Lins e eu assinava as minhas colunas como FIGI, FI de Fiori, GI de Gigliotti. Depois de mais um pouco tempo, que eu estudava demais, eu lia demais, eu queria ser alguma coisa na minha vida, principalmente em homenagem a meu pai. Aí, eu passei a ser colunista social também, de repente eu me transformei num num num redator de de acontecimentos gerais, Lins era uma cidade em evolução, naquela época era o maior centro cafeeiro do mundo, tinha 29 milhões de pés de café, era o décimo-quarto centro bancário do país, não era - hã - foi uma fase de ouro da cidade de Lins. E em pouco tempo era o redator-chefe do jornal, era bi-semanal, passei para tri-semanal, passei pra diário, foi o primeiro jornal diário da Noroeste. Aí surgiu uma rádio em Lins, a Lins Rádio Clube ZYB3 e eu quis escrever um programa prum rapaz apresentar, o Antonio Marcos, e consegui autorização. Ele apresentava um programa que se chamava Marcha do Esporte. Mas ele não gostava de esporte, não tinha sentimento, não fazia a apresentação do programa do jeito que eu sonhava, que eu gostaria que fosse feito. Comecei a pedir pro gerente do jornal, o falecido Ramiro Vieira, da da Rádio, pra que me deixasse apresentar também o jornal, o programa. Aí insisti, insisti, até que um dia ele autorizou e eu fui apresentar o programa. Na medida em que eu comecei a apresentar o programa, tomei realmente gosto pelo rádio. Ouvindo Antonio Cordeiro, Aurélio Campos, éééhhh, Rebello Júnior, que foi na verdade quem muito me inspirou naquele tempo, ouvindo os grandes apresentadores do Rio de Janeiro, César de Alencar, Manoel Barcelos, Carlos Frizo, o grande repórter Esso, da Rádio Tupi, ouvindo um extraordinário narrador esportivo que se chamava Oduvaldo Cozzi, talvez o narrador mais talentoso que o rádio já teve até hoje, embora de um estilo muito lento, muito cadenciado e depois que comecei a apresentar o programa, eu tomei gosto pelo rádio e o gerente de rádio gostou do meu estilo, aí começou ele me sugerir programas pra apresentar. Eu passei a apresentar o programa Alô, gurizada, depois um

programa de calouros, Calouros B3, aí depois veio a minha grande ambição que, na verdade, eu queria irradiar futebol porque eu já pegava uma latinha de massa de tomate, tirava a tampinha por inteiro, pegava uma ripinha de uns 20 centímetros, pregava atrás da latinha e ia treinar no no no campo do Linense. Eles treinavam e eu pegava a latinha e ficava fazendo uma transmissão fictícia. E os jogadores gostavam porque eles se sentiam assim privilegiados, como se eu estivesse, na verdade, irradiando de verdade. E demorou pra eles concordarem, mas acabaram concordando e até que no dia 27 de maio de 1947, não é brincadeira, "fazem" [sic] 55 anos, me deram autorização pra irradiar o primeiro jogo de futebol.

Isto é uma mensagem de estímulo, principalmente para os jovens. Quem luta, consegue; quem tem fé, chega; quem busca, acha; quem perde, encontra e quem tem fé, tá na bíblia, move montanhas. Aí me deram autorização pra irradiar e eu fiz a minha primeira irradiação no dia 27 de maio de 1947 no campo do comercial na cidade de Lins no jogo entre o Linense e o Comercial, e o São Paulo de Araçatuba, o Linense ganhou por 1 X 0 gol do Parafuso. Aí a minha carreira deslanchou. Aí até acabei largando o jornal, porque eu não aguentava fazer as duas coisas, criei 2 programas sentimentais, que eu sempre gostei de música e poesia. O Primeiro chamava-se Crepúsculo Romântico, às 18h30min; o segundo as 10 e meia da noite Quando Fala o Coração predominava Tango e Bolero que naquela ocasião o negócio era Tango e Bolero e comecei a transmitir jogos regionais acompanhando o Linense, meu nome começou a virar destaque na região, recebi uma proposta muito, muito importante em 49 pra trabalhar na Radio Cultura de Araçatuba, acabei indo porque me dobraram o salário, quatro, me pagaram o salário 4 vezes mais alto, aí não pude deixar de aceitar essa proposta e por sinal, Araçatuba me homenageia no mês de Agosto me entregando, entregando o título de cidadão Araçatubense. Motivo muito importante, de orgulho pra mim, o que me balança porque representa evocações inesquecíveis uma vez que eu passei um período de ouro na cidade de Araçatuba. Depois por causa de um problema amoroso eu saí fugido de Araçatuba, voltei pra Lins e recomecei minha vida irradiando futebol na cidade de Lins e comecei receber propostas de rádios na capital. Por incrível que pareça eu recebi proposta de todas as rádios que faziam futebol naquela época: da Panamericana, da Bandeirantes, da Difusora, da Tupi, de todas rádios. Acabei aceitando a proposta do Edson Leite da Bandeirantes, aí eu vim pra São Paulo, como na minha carreira tudo foi difícil, eu costumo dizer que o homem cresce na diversidade, quando cheguei em São

Paulo pra fazer o teste e pra conversar com o Edson Leite, o Edson disse assim pra mim: "Olha, se você quiser, se você topar fazer um teste diferente, você pode irradiar hoje ao vivo, da Vila Belmiro o jogo treino entre o Santos e a Seleção Paulista, você é capaz?" Eu falei: "Uai, eu sou. Se vocês quiserem, "vam bora", vamos mandar a brasa." Desci a serra e fiz o teste. Ao vivo, à noite, a Seleção ganhou do Santos por 3 a 2, eles me esperavam na, na, na sede da rádio bandeirantes, naquele tempo era na rua Paula Sousa, 181. Isso já era o quê? Duas, quase três horas da manhã e eu voltei ansioso evidentemente, pra saber se eles haviam gostado ou não, se eu fecharia contrato com eles ou não. Acabaram concordando, aceitando, me fizeram proposta pra eu ganhar 5 mil e 500 reais naquela ocasião e eu aceitei. Aceitei, mas pedi pra que eu começasse trabalhar só no dia 1º de Julho, porque eu tinha muitos compromissos em Lins, eu não queria abandonar a rádio de uma hora pra outra, eu tinha um bar, Bar do Fiori, montei a primeira sorveteira automática da, da, da Noroeste, não é brincadeira. A gente comprava Sonho de Valsa, nenhum freguês acabava conseguindo adquirir porque eu e o delegado, meu amigo, minha gente! comia todos os Sonhos de Valsa que a gente comprava, mas foi muito lindo. E no dia 1º de Julho eu vim embora pra São Paulo e fiz a minha primeira transmissão no dia 19 de Julho, no campo do Corinthians, o Corinthians ganhou da Ponte Preta por 3 a 1. Eu nunca me esqueço de um detalhe importante que... o tempo passa, as coisas vão mudando, as oportunidades vão surgindo, a gente é que tem que abraçar as oportunidades e tem que aproveitar essas chances que a vida dá. E a vida é um trem que passa sem parar, perdeu o trem... tem que pegar o trem no estribo, pulando. Perdeu o trem, ele não volta. A vida é assim. E meu primeiro jogo, minha primeira transmissão, ela foi marcada por um detalhe inesquecível. Eu sentei numa ban, num banco que havia na cabine do Corinthians, a gente chamava aquela cabine de verdadeiro galinheiro, porque parecia realmente um galinheiro e cheguei cedo no estádio, sentei, de repente sentou do meu lado direito o Aurélio Campos, que era um jornalista fantástico, narrador tremendo, ele inclusive que apresentava aquele "O Céu é o Limite". "Absolutamente certo", tinha um... ele falava de maneira assim, com voz bem impostada, maravilhoso. E do meu lado esquerdo sentou o Pedro Luiz. Eu no meio dos dois monstros sagrados daquela região, daquela ocasião. Aí eu olhei assim, o Aurélio me desmanchou o cabelo, nunca gostei que me desmanchasse o cabelo. Até hoje eu fico bravo. Nem minha mulher, nem meu filho, não sei o por quê, eu não gosto. Aí o Aurélio já me virou o cabelo, me desmanchou "Ô magrelo, você veio de Lins, você sabe por quê? Porque você tem qualidade, queria que você estivesse na minha, na minha equipe.

Olha, irradia como você costuma irradiar lá, não começa a botar banca, não." Eu falei: "Seu Aurélio, SEU AURÉLIO, fica tranquilo, eu vou irradiar como eu tô acostumado irradiar em Lins, quero agarrar com unhas e dentes, com toda a força da minha fé essa oportunidade." E o Pedro não deu bola pra mim, nem me olhou na cara, e isso me marcou. Por incrível que pareça, isso me marcou. Eu não, eu não podia admitir, eu falava: "Meu Deus, ele deve ter começado como eu comecei, com a humildade que eu trago aqui na minha alma, no meu sonho, nos meus ideais, Deus tem que dar uma chance pra quem procura, e ele deve ter procurado a chance e teve." E eu to fazendo essa revelação até, pela primeira vez publicamente agora, aquilo me marcou. Não é que me machucou, porque nada me machuca quando a minha vida, a não ser a perda do meu pai, da minha mãe, essas coisas realmente me machucaram, porque me fracionaram, me, me empobreceram. Mas a reação dos outros nunca me, nunca me machucou. Ao contrário, eu acho que quando alguém quer me machucar eu cresço, eu supero todo tipo de problema. Sempre foi assim, graças a Deus. E como o Aurélio me deu aquele incentivo fantástico, eu cresci naquilo que o Aurélio me disse e me, e me sugeriu, na mensagem de fé, de esperança e de humildade que ele me deu. Aí deslanchei. E aí começou realmente a minha carreira na Bandeirantes. A minha primeira viagem internacional eu ganhei em Janeiro de, de 53, eu conto pra vocês, é quase que inacreditável. Estava na Bandeirantes o Hélio Prioli, ele já tinha 14 anos de Bandeirantes, e eu tinha 6 meses, mas o Edson Leite queria que fosse eu pro Peru fazer o campeonato Pan-americano com ele e o comentarista Paulo Planet Buarque. E eu, e eu não gostei. Não é que eu não gostei, eu achei que estava acontecendo uma injustiça, porque eu tinha 6 meses de rádio Bandeirantes e o Hélio Prioli tinha 14 anos. Eu sempre fui muito justo, eu falei: "Não tá correto isso. O Prioli tem 14 anos, ele é que tem que ir. Eu tenho 6 meses aqui, sou muito mais novo do que ele, o caminho do meu futuro é muito mais longo, muito mais largo do que o dele." E o Prioli se abateu muito e eu insistindo que não era justo, que ele ia ficar magoado e eu também ia ficar triste, aí inventaram um sorteio pra definir quem iria pro Peru pra fazer o campeonato Pan-americano com o Edson Leite e o, e o, e o Paulo Planet Buarque. Olha, vocês podem não acreditar, eles acharam o sorteio do palitinho. Quem fizesse 3 pontos primeiro é que iria pro Peru. E eu comecei perdendo por 2 a zero. Vocês acreditam? E virei, ganhei por 3 a 2. Aí, aí não teve jeito. Mas o Prioli, coitado, ele pediu demissão. Eu falei: "Bom, o que que eu posso fazer mais? Foi na base do sorteio, eu perdia por 2 a zero, consegui virar por 3 a 2 e ele pede demissão? Eu acho que já é um problema irreversível. E na

verdade aí que começou minha carreira na Bandeirantes, eu era sempre muito humilde, muito aplicado, muito estudioso, lia demais, nunca tive vergonha de perguntar o que eu não sabia. Prova que no Sul Americano de 53 eu até cometi um erro de gramática ao lado do Oduvaldo Cozzi e ele me corrigiu. Eu disse: "No futebol ganha aquele que fazer mais gols". Imagina. Então ele falou: "Menino, aquele que fizer mais gols." Mas eu juro que foi um descuido meu, porque eu tinha realmente um português bastante razoável. Eu sempre fui muito aplicado e muito, muito responsável na aplicação da gramática, mas de qualquer maneira, nunca mais cometi aquele erro, agradei ao Oduvaldo Cozzi, porque na vida ninguém sabe tudo, o importante é saber o necessário.

Bom, aí em 1958, o Edson Leite levou o Pedro Luiz pra Bandeirantes e a Panamericana foi me buscar pra ser titular da Panamericana exatamente no lugar do Pedro Luiz. Como o Pedro foi, foi pra dividir com o Edson, eu passei a ser o terceiro, quer dizer, então, ao invés de eu subir, eu fui rebaixado, mas eu aceitei, porque eu não podia me comparar ao Pedro Luis e ao Edson Leite naquela ocasião. Mas como a Panamericana me consultou se eu queria ir pra lá, me pagando muito mais do que eu ganhava na Bandeirantes, eu também concordei. Eu concordei porque eu entendia a coisa da seguinte forma: se a Bandeirantes leva o Pedro Luiz pra lá e a Panamericana quer me levar pra ocupar o lugar do Pedro, eu acho uma boa pra mim, como a ida do Pedro pra Bandeirantes também foi uma boa. Aí eu falei pra Bandeirantes que a Panamericana queria me levar e que eu estava disposto, realmente, a ir pra lá porque a chance que eu teria, seria uma chance muito grande. O que que a Bandeirantes fez: "você vai se a Panamericana pagar a rescisão do seu contrato." Comigo acontece tudo. Ninguém jamais pagou rescisão de contrato na história do rádio. Ninguém, ninguém, ninguém. Aí eu voltei pra Bandeirantes e falei "ele paga." "Tá bom, se pagando, você vai." E naquele tempo o Paulinho Machado de Carvalho tava no auge, porque era o tempo da Jovem Guarda. O Paulinho Machado de Carvalho arrumou os office-boys dele, amigos de banco, gerente de banco e arrumaram tudo em nota, por exemplo, de um real, hoje um real. E eu cheguei lá no outro dia e ele falou "A Bandeirantes falou que quer que você pague a rescisão. Olha, tá aqui o preço da rescisão." Tinha um bruto de um pacote em cima. Mas o que que é isso? "Ué, pode levar. Tá aí o valor da sua rescisão." Eu falei "Meu Deus do céu, será que esse cara não tá fazendo uma gozação comigo?" Aí, levei na Bandeirantes, quando viram aquele pacote: "Mas o que que é isso?" "O Paulinho disse que isso aqui é o valor da rescisão." "Mas como? Um pacote desse aqui?" Aí abriram, tinha um monte de nota, da nota de menor valor daquela época, chamaram dois ou três caras da, da

contabilidade, da tesouraria lá, pra contar, mas paguei. O único caso de gente de rádio que pagou multa aconteceu comigo. Bom, aí na Panamericana, que hoje é a Jovem Pan, é que eu comecei a criar os meus célebres bordões, porque eu queria fazer algo diferente que identificasse a minha transmissão, porque naquela época todo mundo ou imitava o Pedro Luiz, ou imitava o Aurélio, imitava o Edson, eu falei: "Eu quero ser um entre os que hoje estão conseguindo sucesso, mas eu quero ser um daqueles que começam a mostrar alguma coisa pra poder chegar até onde chegaram os monstros sagrados daquela época." Foi aí que eu comecei a criar: "Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo.", "o tempo passa", "balão subindo, balão descendo", "segura com firmeza", "crepúsculo de jogo, torcida brasileira". Quer dizer, essas coisas todas, e deu resultado. Ah, lancei na Panamericana, também, o meu Cantinho de Saudade, que marcou época na Bandeirantes. Era uma mensagem sentimental que eu fazia em homenagem a um jogador que morreu ou que não morreu, que teve vida trágica ou não e que merecia ser lembrado, que já tivesse recebido os aplausos do torcedor e poderia merecer esse tipo de reverência. E na verdade teve uma audiência fantástica. Lancei também na Panamericana, mas em 60... Ah, bom, aí eu irradiei a minha primeira copa na Panamericana. Foi a copa de 62, a copa do Garrincha. O romance do Garrincha com a Elza começou no meu apartamento no Hotel Vila Inglesa, em Campos do Jordão. A Elza assistiu a copa da minha cabine. Veja cada coisa que eu tô revelando em homenagem ao rádio. E com a Elza estava também, estive a Carmélia Alves, uma cantora de muito sucesso daquela ocasião e... segui a minha vida. Depois, em 1963, a Bandeirantes, que tinha uma equipe fantástica, numerosa quantitativa e qualitativa, não sei o que que houve, um desencontro de salários, mas de interesses pessoais também, ela acabou sofrendo uma cisão, uma espécie de fragmentação. A equipe se dividiu em 3 grupos: um foi pra Record, o outro pra Tupi, o outro pra Rádio Excelsior, e eu estava na Panamericana. A Bandeirantes foi me buscar de volta. Aí eu aceitei a proposta, voltei, refiz a equipe da rádio Bandeirantes, contratei novos valores. Eu voltei no dia 13 de outubro de 1963, fiquei como titular até dia 31 de dezembro de 1995, 32 anos consecutivos como titular e diretor de uma equipe de esportes importante como a da Bandeirantes. E aí que eu fiz todas as copas, lancei frases e bordões e comecei a ganhar título de cidadania, fundei o escrete do rádio, aquele time de futebol que eu transformei num, num instrumento de beneficência. Visitamos quase todas as cidades do interior, fizemos quase 500 jogos em São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Santa Catarina, foi um sucesso, um negócio maravilhoso. Hoje eu tenho 161 títulos (silêncio). Bom,

lembrando, inclusive, pra vocês, na Bandeirantes, nesses 32 anos e somando com o meu primeiro período de Bandeirantes e 5 anos de Panamericana, o rádio me deu o privilégio de conhecer o mundo inteiro. Já saí do Brasil mais de 100 vezes. Se eu não me engano, 107 vezes, 117, alguma coisa assim. Conheço 60, 70 países. Tirei um proveito muito grande disso, porque eu sempre fui muito estudioso, muito interessado em saber um pouco, cada vez mais. Contrariando o que a maioria dos jornalistas fazem [sic], eu, toda vez que eu chegava num determinado lugar eu queria saber onde é que era o museu, o que que, o que que essa cidade, o que que esse país tinha de bom pra me ajudar, pra enriquecer meus conhecimentos gerais, porque história é uma luz que alarga a mente da gente. História, geografia, contato com línguas diferentes, povos diferentes... e tirei muito proveito disso, que a maioria dos jornalistas chega num país e a primeira coisa que quer saber é onde é que estão as prostitutas e os bares pra encher a cara, e eu era diferente. Sinceramente sempre foi... também não fui santo, mas eu primeiro queria colocar alguma coisa importante na minha vida e depois que eu via isso, via aquilo. Estive no Egito duas vezes, visitei Jerusalém duas vezes, estive na Rússia 3 vezes, estive dezenas de, de, só na Itália, em 90, pra vocês terem uma idéia, em 90, no ano da copa, só na Itália eu estive 7 vezes. Já e voltava, já e voltava, eu conheço a Itália de ponta a ponta. Da, da, da Sicília, da Calábria, terra do meu pai, onde meu pai nasceu em Catanzaro, até Turim, que é a Pepícoli Parigi, que fica no Norte da Itália, eu conheço Assis, onde nasceu São Francisco de Assis e toda aquela região como eu conheço a Europa inteira, a África inteira, a Ásia inteira, a América do Sul inteira, adoro os Estados Unidos, conheço a América do Norte inteira, conheço o Canadá, conheço tudo o que um homem poderia ambicionar e que gostaria de conhecer, eu conheci. Então eu sou um felizardo, só que eu sempre, em toda a volta das minhas viagens, eu contava o que eu via, o que Deus me, me legava, o que Deus me oferecia, o que eu extraía das minhas viagens, dos meus passeios, o que, que, o que eu aprendia nessas viagens. Prova que toda copa do mundo que eu fazia, no final, eu fechava os olhos e fazia uma espécie de viagem evocativa, retrospectiva para que o torcedor ouvinte, o ouvinte torcedor fechasse os olhos e viajasse comigo pelos mesmos caminhos que eu viajei, pra poder completar toda uma transmissão de copa do mundo e dizendo o que, o que, o que era uma cidade, a primeira cidade, o que produzia, o que tinha, a estrada pela qual eu passava, o que eu encontrava nas estradas, o que, o que uma determinada região produzia, as características, as peculiaridades, o folclore, eu sempre fiz isto. Porque eu sempre fui muito grato a Deus e, principalmente, grato ao ouvinte de rádio. Porque nós

dependemos do ouvinte. O nosso "pão nosso de cada dia" na verdade, os nossos degraus pra gente subir, ficar ou descer é a preferência que o ouvinte tem, é o carinho que o ouvinte tem. Até que, voltando da Copa de 94 nos Estados Unidos, a Bandeirantes resolveu mudar a administração e botaram um jornalista chamado Alberto Luchetti, e eu falo o nome dele, por que não? Não tenho rancor dele, eu tenho pena dele. Aí ele começou minar o meu trabalho, ele queria aparecer e eu era um dos fortes da Bandeirantes, começou se intrometer no meu departamento, nas escalas, mudando a filosofia de trabalho e eu fiquei muito desgostoso e consultei a alta direção, haviam dado plenos poderes pra ele, ele terceirizou ele e a equipe dele e isso me aborreceu de um jeito que eu voltei a falar com a direção da Bandeirantes que eu estava insatisfeito e daquele jeito não podia continuar. Aí eu recebi convite da Record, recebi convite da rádio América, recebi convite da rádio Capital, recebi convite da rádio Ômega e o convite da rádio Record me satisfazia plenamente porque ela me daria uma cota comercial, coisa que a Bandeirantes nunca me deu. E resultado, eu acabei rompendo com a Bandeirantes. Só que numa reunião na sala do diretor comercial, com o Johnny Saad, que era o vice-presidente, filho do Seu João, aí discutindo, eles não queriam que eu saísse "não, porque nós te damos cota agora, vamos acertar, não queremos que você saia..." "como é que vocês não querem que eu saia? Com esse monstrengo aqui dentro, eu preciso sair. Eu não posso continuar, essa não é a minha Bandeirantes. A minha Bandeirantes é a família Bandeirantes, é um clima diferente, um clima de respeito, um clima de lealdade, não de traição, de safadeza." E aí não deu, só pedi que eles acertassem comigo, fizessem um destrato compatível com o que eu havia feito pra rádio Bandeirantes e pra TV Bandeirantes sem ter sido homem de televisão. O que eu fiz pela TV Bandeirantes, não dá tempo de contar aqui nem, nem, nem me convém contar aqui. Vocês não imaginam o que eu fiz pra essa empresa, dinheiro que arrumei pra essa empresa, sem me dar um tostão de comissão, nada. Nunca pedi, de tanto que eu amava a Bandeirantes. Só lembrando rapidamente, eu fui, a pedido do diretor-presidente já falecido, um homem que eu muito presava, eu fui procurar o sr. Vicente Matheus, que a Bandeirantes, na mudança de parte técnica da Vila das Mercês pra Vila Oliviero em Diadema, precisava de 120 metros de concreto, ahn..., de cento e, 1 metro e 20 de circunferência e custava uma nota. Aí sr. João pediu pra que eu consultasse o Vicente Matheus, porque ele tinha fábrica disso e como isso custava muito caro, ele queria que a gente conseguisse alguma permuta ou então um preço razoável. E eu fui falar com o Matheus, o Matheus me queria muito bem, como sempre eu quis muito bem a ele e a

dona Marlene. Aí fomos almoçar e o Matheus falou "o que que você quer?" eu falei "eu quero isso, Seu Matheus presidente, a Bandeirantes tá gastando muito dinheiro e tá precisando de concreto pra poder fazer uma nova instalação no seu sistema de transmissão e eu sei que custa caro" aí eu falei isso "ê, mas isso custa caro" aí eu falei "então, eu to aqui pedindo pro sr. fazer um preço bom, um preço camarada ou então fazer permuta." "Não, eu não preciso de permuta." Aí eu falei, "então, mas vamos fazer um negócio." Aí almoçamos, aí ele acabou de almoçar e falou assim "Bom, então você precisa de 120 metros?" Eu falei "É." Você sabe o que ele respondeu? "Você sabe quanto custa isso?" Eu falei "não tenho ideia." "Dez mil dólares, dez mil dólares", ele falava mais ou menos desse jeito. Eu falei "Meu Deus do céu!" "Mas sabe o que que eu vou fazer? Eu vou dar pra você! Tudo isso, os dez mil dólares eu dou pra você!" Eu falei "Presidente, pelo amor de Deus." Aí me deu, me deu "e você faça o que você quiser!" Aí cheguei na Bandeirantes, procurei todos os responsáveis e falei "olha, ele me deu isto pra mim fazer o negócio que eu quisesse com vocês, então os 10 mil, os 120 metros de tubos estão a disposição da Bandeirantes." Não falaram nem "muito obrigado" pra mim, nem aí. Isso foi uma das coisas. Quer dizer, isso é que feriu. Bom, mas o pior é que no acerto de conta, o acerto compatível que juraram que fariam comigo, respeitando os meus 38 anos de Bandeirantes, juntando as duas épocas, eu ganhava 30% por holerite, isso é muito bom pra juventude hein, cuidado com os patrões hein, cuidado com a lealdade excessiva. O problema não é a lealdade, o problema é fazer o que compete a você fazer, ou então sem esperar nenhum tipo de retorno, mas no meu caso não foi retorno, foi direitos sagrados que não respeitaram e que deveria respeitar. Eu ganhava 30% por holerite e 70% por nota. Aí eles me pagaram o que eu tinha direito apenas sobre 30%. Vocês acreditam? Então eu recebi o quê? Depois de 38 anos eu recebi 72 mil reais da Bandeirantes. Aí depois de 1 ano e meio eu entrei com um processo. Vocês acreditam? Depois de um ano e meio. Eu não queria entrar de tanto que eu amava a Bandeirantes, a Bandeirantes tinha sido a minha vida. Sr. João Saad me havia prometido emprego com um lugar de diretor, ele me chamou um dia lá e falou: "Você vai ter que parar de irradiar um dia, mas eu quero que, quando você parar, você vai subir aqui no 3º andar e vai ser um dos meus diretores", então eu me acomodei, coisa que eu nunca fiz na minha vida, eu nunca me acomodei. Eu sempre fui um tigre insaciável, entendeu? Sempre fui um tigre insaciável, nunca me acomodei. E não é que eu aprendi a não acreditar nos homens, eu aprendi a não me acomodar, essa é que é a verdade. E depois de um ano e meio eu entrei com processo, processo mais fácil do

mundo. Aí, sua excelência a justiça do trabalho, primeira sentença, reclamações improcedentes. Vocês acreditam? Aí, eu recorri e ganhei todas, só que agora sabe lá Deus, vai pra Brasília e volta, aquela dança dos 7 véus aí e a gente vai ter que esperar. Mas esta é uma síntese da minha carreira, eu sou o narrador esportivo vivo que mais fez copas do mundo, eu acho que os meus 32 anos seguidos como titular da Bandeirantes é outro recorde imbatível na história do rádio esportivo, como um modesto homem de rádio, eu tenho mais de 160 títulos de cidadania, nenhum presidente da república tem isto, não sou um homem rico, porque se eu tivesse num investimento o que eu gastei do meu bolso com o escrete do rádio, jogando em caráter beneficente, hoje eu seria um homem rico e acomodado, mas não importa, porque, meu Deus, eu acho que meu grande patrimônio é a minha saúde e é o bem da minha família, é a unidade da minha família, eu tenho 73 anos, continuo irradiando futebol como irradiava antes, eu vou me queixar de quê? Então, eu sou um homem feliz. O tempo passa, torcida brasileira, mas a gente continua trabalhando, gritando "gol" sem desafinar. A equipe de esportes da rádio Record é uma beleza e hoje a rádio Record está exatamente instalando os seus novos transmissores digitalizados, dois transmissores de 100 mil watts, que podem dar até mais do que isso através da linha rígida. E uma vez que isto tudo entrando no ar, a Record vai se transformar na rádio mais forte da América do Sul. E o meu sonho em sair da Bandeirantes era exatamente esse, é que a Record demorou demais pra botar no ar, porque a Record era pra ter botado no ar os novos transmissores já em 96, que ela já tinha os transmissores. Mas problemas, que não nos cabe discutir aqui, impossibilitaram. Agora, com estes novos transmissores e essa potência fantástica, a Record me dá uma situação privilegiada também porque eu sonhava em irradiar futebol numa rádio com 200 mil watts de potência, coisa que a Bandeirantes não teve e nunca poderá ter porque ela não tem canal exclusivo e internacional como tem a rádio Record. É uma síntese da minha vida: não desanimar, acredite sempre, acredite em Deus, acredite em você, acredite nos seus sonhos. Sonhe sempre, sonhe bastante, acredite na sua família, olhe pra frente. Se um dia você bater numa porta e lá estiver escrito "Hei de vencer" mas a porta não se abrir, vá buscar outra porta, lute, lute, seja um guerreiro, um guerreiro esfomeado, insaciável, mas seja leal, seja limpo, seja honesto com você mesmo, porque o mundo hoje, ele está inundado de desamor, de desencanto, de frustrações, de fracassados. Não seja um fracassado, porque o fracassado, ele se aproxima de quem? Daquele que não é um fracassado. É o caso do amor, se você estiver bem no amor, fuja daqueles que estiverem mal do amor, porque você sabe que quem

estiver mal na vida, principalmente mal no amor o que vai fazer? Vai fazer tudo pra você ficar do lado dele, mais um, mais um mal amado. Então fuja dessa gente, viva a sua vida, acredite em você. Cuidado com grupelhos, grupelho é um negócio terrível. Não existe esse tipo de lealdade em todos, então cuide bem de você, da sua família e olha, faça suas orações, acredite em Deus, acredite em você. Você vai superar todo tipo de obstáculo, porque é na univer... na adversidade, no fracasso que a gente cresce. Cair, todo mundo cai. Quem não cai, não experimenta o sabor gostoso do sucesso que é cair. Por quê? Porque é perdendo que você aprende a ganhar. Por isso que eu deixo pra vocês, como um homem de rádio, dos mais antigos, acima de tudo esta mensagem de fé, de carinho e de gratidão, também porque o rádio é uma coisa maravilhosa, o rádio é viajar num tapete flutuante, o rádio é acordar no amanhecer do Pantanal, o rádio é acordar nas estrelas, o rádio é subir aos céus sem foguete, o rádio é alegria, o rádio é dor, mas o rádio, acima de tudo, é um amigo leal, maravilhoso.

Conta pra gente uma curiosidade marcante da sua carreira.

Olha, como um homem de rádio, eu vivi momentos inesquecíveis e momentos diferenciados. Quando eu fui fazer um jogo na Rússia em 62, a porta de entrada pra Rússia era Helsinque, capital da Finlândia. O meu comentarista, o Mauro Pinheiro, ele era muito sossegado. e ele ficou pra entrar por último. Ficamos na... fomos os últimos passageiros da fila pra entrar no Tupolev, aquele avião russo, que era uma droga, era um galinheiro desgraçado, não tinha nem porta-bagagem em cima, era tudo na base de redinha, não cabia nada. E eu dizia: "Mauro, vamos andar logo que esse avião é pequeno, a gente nunca entrou aqui." Era a primeira vez, resultado: nós ficamos fora do avião. Tivemos que dormir em Helsinque. Nunca esqueço o nome do hotel: Hotel Santa, Sata, Sata, Satacuntapalo, Satacuntapalo. Veja que nome desgraçado, mas até o nome do hotel eu lembro. Aí ficamos jogando baralho a noite inteira, porque ficamos eu, o Mauro, o Wilson Brasil e um jornalista do Rio de Janeiro. E por coincidência, aquela foi a noite mais curta do ano. Vocês sabem que aquela noite durou 3 minutos? Escureceu até 3 pra meia noite, de repente clareou, mas clareou, à meia-noite voltou a escurecer. Por coincidência, foi um negócio fantástico. A gente esperou aquele momento e vivemos aquele momento. Tudo bem, no outro dia, nós seguimos de qualquer maneira pra Moscou. Chegando em Moscou, por isso que eu digo, cuidado com amigos, viu. Amigo não é aquele que enxuga as lágrimas, amigo é aquele que faz tudo pra você não

chorar, esse é o amigo. Chegamos lá, fomos ver na rádio Central de Moscou se estava tudo certo com a nossa linha. Aí "Não, mas é.. disseram aqui que a Bandeirantes iria transmitir pela onda curta da Rádio Central e não pela Embratel." Eu falei: "Não senhor, pode ver aqui uma carta assinada por mim, nós estamos pedindo o circuito exclusivo da Embratel e o negócio com a Rádio Central é outra coisa." Então eu pedi também a autorização pra transmitir pela onda curta da Rádio Central porque eu queria uma alternativa, ninguém pediu porque chegou tarde, mas eu cheguei primeiro. Olha, deu um bode desgraçado. Aí, naquele tempo o telefone era diferente, você não conseguia, tinha que fazer na base de telegrama. Resultado: eu tava sem linha pra transmitir, tava sem linha, porque a Rádio Central, ela era forte, mas tinha aquele "fade" aparecia, desaparecia, você ouvia, de repente sumia. Eu sei que foi uma luta terrível. Aí na hora do jogo, a Rádio Central de Moscou recebeu autorização pra liberar o circuito pra Bandeirantes, também via Embratel e depois a gente esperava o telegrama pra saber como é que as irradiações tinham saído. Os que fizeram tudo pra me prejudicar, nem saíram e a transmissão da Bandeirantes, a minha transmissão foi a melhor de todas, graças a Deus. Agora, um capítulo completamente diferente, que marca o rádio esportivo e que deixou uma imagem que merece ficar como luz, como uma orientação didática pro radialista é o seguinte, e nessa altura eu já estava na Panamericana: eu fui irradiar Brasil e Argélia em Oran, a capital é Argel, mas Oran é a segunda cidade. E chegando no estádio, o estádio era completamente aberto, tinha aquelas paredes arcadas, bonitas, aquelas aberturas toda arredondadas em cima e de repente eu percebi que a entrada era gratuita, ninguém pagava nada. Então os argelinos eles chegavam e o que faziam? Iam correndo logo pra beira do campo, nas marginais do campo, quem chegava sentou-se, acompanhando todas as laterais e as linhas de fundo do campo e os outros que iam chegando iam ficando em pé. E eu não tinha fio pra chegar até lá, porque a tomada tava junto das arcadas. Eu tinha o quê? Uns 3 metros de fio. E como é que eu ia ver o jogo? Não tinha condição de ver o jogo. E tinha dois rapazes da Bandeirantes: o Braga Junior e o Darci Reis. Darci, infelizmente já morreu, o Braga tá vivo, é testemunha viva do que eu vou contar. E eles tinham rolo de fio, coisa que eu, orientação que eu sempre deixei pra Bandeirantes, porque eu sempre fui muito prevenido. Eu fui pedir pra eles, eu falei: "Gente, pelo amor de Deus, não dá pra vocês me arrumarem pelo menos uns 5 metros de fio, porque eu não vou chegar lá. Eu não vou ver o jogo se vocês não me emprestarem." Eles disseram: "Ah, Fiori, sabe? Nós somos profissionais, nós não podemos fazer isso." " Eu falei: "Tudo bem." O meu

comentarista era o Leônidas da Silva. Ele queria brigar, bater. Eu falei: "Não, fica quieto." Então, vocês sabem que eu fiz? Isto aqui é um momento diferente do rádio, mas isto mostra do quanto o rádio é capaz e que a televisão não pode fazer de jeito nenhum. Eu chamei o Leônidas e disse assim: "Leônidas, vem cá." Ele "Não, eu vou bater nesse cara." "Vai bater coisa nenhuma, fica aqui. Acredita em Deus, deixa o resto por minha conta, acredita em Deus. Você tem papel, tem lápis. Tudo bem. Então você vai ficar na beira do campo, em pé, a hora que o jogo começar, quando sair gol, você toma o nome do cara que fez o gol, se for dos argelinos marca com um certo cuidado, o tempo do gol e traz pra mim. "Eu vou fazer a abertura, vou fazer a irradiação do jogo inteiro, vou transmitir todos os gols, final do primeiro tempo, intervalo você vem aqui pra comentar, vou encerrar tudo." "Mas como?" "Vai lá, e eu vou fazer sentado na grama, não vou ver nada do jogo e vai sair tudo." Vocês acreditam que eu fiz a abertura sentado na grama? "Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo" não via espetáculo coisíssima nenhuma. Um a zero pro Brasil, eu fiz o gol, dois a zero, três a zero, seis a zero para o Brasil. Eu irradiei os seis gols. O primeiro tempo acabou, o segundo tempo, acabou o jogo: "Crepúsculo de jogo, fecham-se as cortinas e termina o espetáculo, torcida brasileira." Fiz o encerramento, tudo normal, como se tivesse tendo o retorno perfeito. E aí naquele tempo quando a gente acabava de irradiar, ia pro hotel. Esperava o tão ambicionado telegrama de alguém da rádio pra dizer se saiu mal se saiu bem. Às 4 horas da manhã o mensageiro bateu no meu quarto, chegou o telegrama: "Fiori, só saíram os últimos 18 minutos da nossa transmissão, mas som impecável, soubemos tudo sobre o jogo. Os outros estão esperando o som até agora." Vocês acreditam? A única rádio que teve o som que chegou ao Brasil pra ouvir e saber de tudo foi a Panamericana, os últimos 18 minutos, então eles souberam quanto foi o jogo, os marcadores, ouviram comentário. Os outros, inclusive a Bandeirantes, os dois rapazes que me negaram o fio, não saiu nada. Por isso que eu digo, o rádio é fantástico. A facilidade de improvisar do rádio é um negócio maluco. Isso entre outras e outras coisas.

O rádio faz uma prestação de serviço que nenhum outro veículo faz com tanta precisão e agilidade. Mas nos anos 50, com o aparecimento da televisão, falou-se em desaparecimento do veículo, né, com o advento da televisão. Agora com esse rádio digital, eu queria que o senhor me falasse um pouco da relação do rádio com a internet e como é que vai ficar o espaço do rádio daqui pra frente.

Bom, lembrando de passagem assim o evento da televisão, realmente, ela prejudicou e prejudica muito o rádio, porque logo que ela começou, havia poucos aparelhos de televisão e predominava o aparelho de rádio. Depois veio o evento do rádio portátil, apareceu aquele radinho amarelo, chamado Rádio Spika. E o rádio continuou tocando a sua vida, mas a verdade é que o rádio, ele não se preparou para a concorrência quando chegou a televisão. Então, logo que a televisão ganhou uma dimensão maior, ganhou essa penetração nacional, com a aparição de novas marcas e fábricas de modelos de televisão, a televisão balançou o rádio. Mas é um capítulo singular, que eu faço questão de dizer pra vocês. Você veja, a Globo fez com exclusividade a Copa do Mundo de 2002, do Japão e da Coréia. Sozinha, TV Globo, eles se orgulhavam quando dava 70% de audiência. Pela Bandeirantes, na copa do mundo de 66, com mais cinco rádios de São Paulo, aí eu tenho que usar, infelizmente o pessoal, a primeira pessoa, EU tive 75% de audiência. Rádio não é brincadeira. 75% de audiência. Agora, acontece o seguinte, a televisão, a imagem, favorece a comodidade das pessoas, o relax das pessoas, a descontração das pessoas em casa e tem outro tipo de atrativo. Só que a televisão, ela tem um detalhe curioso, que é o que sofre o Galvão Bueno, você tá vendo o que o Galvão Bueno tá dizendo, se houver conflito de palavreado, de observação, de jornal, mensagem jornalística, você critica o narrador: "Pô, o cara tá falando uma coisa, eu to vendo outra." Entendeu? E já no rádio não, porque a televisão é imagem, é o visual, é a cara. O rádio é a alma e é o coração. Então, no rádio você faz o jogo. Eu na minha vida, por exemplo, toda vez que o jogo tava ruim, eu nunca dizia pro ouvinte: "Iii, o jogo tá uma droga, Deus que me livre, o jogo tá um xarope, ninguém tá jogando nada." Porque na medida em que você disser estas coisas, você está espantando o ouvinte. Então, você tem que mudar o seu palavreado e tem que fazer do espetáculo pobre, triste, vazio, um espetáculo recheado, colorido e atraente pro cara seguir te ouvindo, senão ele desliga o rádio. E já na televisão, você faz o seguinte: ah, o jogo tá lá, eu vou na geladeira, pego uma coisa, eu vou puxar uma soneca.. entendeu? É, e o cara se desinteressa, mas não desliga a televisão, não desliga a televisão. Agora, o detalhe significativo de hoje, é que a televisão hoje faz o que o rádio fazia. Vocês devem recordar o que a TV Globo fez dessa copa do mundo, ela fez vestiários, ela fez mais do que o rádio deveria fazer ou sempre fez. Vocês se recordam que acabou a copa do mundo, acabou o Brasil pentacampeão, todos os jogadores do Brasil foram na cabine da Globo e o rádio não entrevistou ninguém. Por quê? Por causa do monopólio. Porque a própria Globo não deixou que o rádio tivesse acesso aos vestiários, porque na Copa tem a chamada Sala

Mista. Então tem, um, um, o treinador dá a coletiva e mais dois ou três jogadores se apresentam pra serem entrevistados pela imprensa escrita, falada ou televisa [sic]. E por esse aspecto a televisão leva vantagem, principalmente quando ela faz com exclusividade. Mas o rádio é um todo, o rádio é um todo. Você não pode analisar o rádio só por uma cobertura de uma Copa do Mundo. Você veja, quando acontece tragédia, o rádio é muito mais imediato, o rádio tem um dinamismo tremendo. É que o rádio não pode se acomodar. Eu tenho idéias completamente diferenciadas de rádio. Eu gostaria de fazer um rádio interativo, um rádio, um rádio, é... mais íntimo. Eu acho que o rádio hoje, ele deve ter gente diariamente em todos os supermercados, em todos os supermercados, andando pela rua, nos pontos de ônibus. O ônibus atrasou. Por que eu o ônibus atrasou? Você tá satisfeito com o trabalho dessa linha de ônibus aqui? O preço do ônibus tá bom? Tá ruim? Ele tem que se aproximar mais do povo, aonde a televisão não vai. E na Record, eu tenho um projeto de fazer isso. Por exemplo, todo mundo, é..., faz cobertura de trânsito na saída ou na entrada da estrada, e não interessa. Qual é o ponto crucial de uma viagem que você faz? É o pedágio, é o pedágio. Então, a minha idéia é botar repórteres exatamente em cada pedágio. Porque andando pouco, ou não, você vai andando desde que você entra numa estrada. Agora, tem pedágio que tem dia que você para e faz fila de 8 km, 10km, é uma loucura. Então eu acho que o rádio, ele tem que ser mais informativo, mais dinâmico ainda e mais jornalístico. Mas os donos, os gênios do rádio precisam entender como é que é. Os gênios do rádio não estão ajudando, um copia o outro. Tá faltando idéias, tá faltando luz. Agora, você veja, o rádio tá completando oitenta... oitenta anos. Não é brincadeira, já é um bisavô. Tá na hora do rádio mudar em alguma coisa, mudar não é só no som, só na qualidade de som, tá na hora do rádio é, é..., ser mais corajoso. Eu acho que o rádio precisa ser mais corajoso, dar oportunidade para os talentos. O rádio afastou os talentos. Hoje o rádio quer quantidade e quer pagar pouco. Tá errado. Porque que os programas da Globo fazem sucesso? Ela paga, ali estão os maiores artistas. Não vou dizer que o rádio só tenha que exigir talentos, mas tem que haver uma mescla. Cada segmento tem que ter um talento que é o professor. Cada segmento tendo um talento e você reunindo um grupo solidário, um grupo estudioso, aplicado, interessado, você forma uma equipe maravilhosa. Agora, é preciso que haja ajuda, que haja suporte, que haja... é... incentivo. Por isso que nos 80 anos de rádio, você vê, hoje você é obrigado ainda a falar no repórter eco, do repórter Esso. Quem é que tem repórter Esso? Não tem mais. Quem faz o chá das 5 que a Sônia Ribeiro fazia? Ninguém mais faz isto. Por que que os programas

de auditório acabaram, se o programa do Raul Gil, esse arroz e feijão, bate a Globo com Caldeirão de Hulk e companhia limitada? Porque o povo gosta. E por quê? Porque dá oportunidade para os esquecidos, porque entre os esquecidos sempre há talento. Talentos que estão desprezados pela realidade atual, pela fugaz impressão de que o rádio já tá completo, que a televisão já tá completa e que só grandes nomes fazem sucesso. Esta é que é a verdade. Agora, a gente faz uma homenagem, por exemplo, ao rádio. Você não pode esquecer quem fez "A Praça é Nossa", "A Praça da Alegria" ? Foi o Carlos Alberto? Foi nada, foi o pai dele, o Manuel da Nóbrega. Não é? Onde começou o Sílvio Santos? No rádio. Onde começou o Fausto Silva? No rádio. Onde começou o sr. Galvão Bueno? No rádio. Então o rádio é a mãe da televisão, o rádio é a matriz desses grandes valores que hoje ganham milhões e milhões. O Ratinho. Onde é que começou o Ratinho? No rádio, ainda hoje ele tem rádio. Quer dizer, então, dizer que a televisão vai matar o rádio, vai matar uma ova, vai matar coisíssima nenhuma. A televisão sim, que está se acomodando. Hoje a televisão tá fazendo tanta besteira, botando tanto matadouro no, no, no... no vídeo que a própria televisão vai começar a abrir espaço pro rádio, desde que o rádio saiba tirar proveito. Porque quando a televisão entrou e começou a se expandir, jornalisticamente falando, o rádio se acomodou. Agora a televisão tá abrindo espaços dos quais o rádio tem que se aproveitar. Se não aproveitar essa chance, aí sim ele vai sucumbir. Agora, dificuldade, problemas de venda todo mundo tem: o rádio tem e a televisão vive o seu pior momento, como o futebol em si tem, como qualquer segmento de atividade tem. Essa dificuldade é pra todo mundo, mas o rádio, minha filha, vou dizer uma coisa pra vocês: nada vai bater o rádio, o rádio é como futebol, o rádio é paixão. Paixão é diferente de amor, paixão é a desgraça que entra aqui, ó, e nada tira. Amor a gente troca. Agora, trocar de time, quem é que troca? Você troca de mulher, de carro, de casa, de cueca, de blusa, mas de time ninguém troca. E rádio é assim, rádio é imbatível.

ANEXO II –

TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA *MEMÓRIA*, DE MILTON PARRON, RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 1

[este anexo contém a 1.^a parte do programa Memória, no qual Milton Parron faz uma homenagem póstuma ao radialista e narrador esportivo Fiori Gigliotti. Contém trechos de entrevistas concedidas pelo homenageado durante sua permanência naquela emissora. Este programa foi ao ar no dia 03 de março de 2007, nove meses após seu falecimento. O áudio encontra-se em CD anexo.]

Olá pessoal! Aqui estamos com mais um programa da série Memórias. Hoje eu vou falar de um personagem que embora falecido há muitos meses, continua sendo recordista de cartas e e-mails que recebo neste programa. É daquelas figuras que o rádio eternizou em nossa memória e em nosso coração. Jamais se falará sobre determinado segmento do rádio sem que ele seja imediatamente citado. De tal maneira ele popularizou as transmissões esportivas da rádio Bandeirantes que ainda hoje, graças a ele, os profissionais que trabalham nesta casa são surpreendidos com as manifestações de carinho que as cidades do interior nos prestam das mais variadas formas. Eu diria que os compositores John Phillip Souza e Pedro Salgado, nosso Pedro Salgado, perderam lugar no repertório e quantas bandas e fanfarras marciais que hoje, nos seus desfiles usam as trilhas musicais da rádio Bandeirantes preterindo as tradicionais marchas militares e dobrados. Pelas ruas de Jaú, por ex., ecoa sempre a mais famosa trilha musical da Bandeirantes do rádio paulista cada vez que uma de suas fanfarras marciais desfila. (vinheta da jornada esportiva da Bandeirantes) É de um locutor esportivo que nos vamos falar. Um dos mais conhecidos, mais queridos e mais respeitados. "Aguenta coração!". O coração generoso de Fiori Gigliotti não resistiu ao câncer de próstata e parou de bater no dia 08 de junho do ano passado. Morreu aos 77 anos encerrando uma trajetória de 60 anos do rádio, 10 copas do mundo, e uma infinidade de prêmios incluindo mais de 160 títulos de cidadania, recorde absoluto no Brasil. Pertenceu a gerações que revelaram locutores esportivos consagrados como Jorge Cury, Édson Leite, Oduvaldo Cozzi, Rebelo Jr., Pedro Luiz, Geraldo José de Almeida, Valdir Amaral, Osmar Santos e José Silvério. Hoje Fiori é nome de rua numa cidade chamada saudade. "Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira!". Fiori nasceu

em Barra Bonita mas foi criado em Lins onde também se iniciou nas narrações esportivas, depois de adquirir experiência em outras áreas da rádio Clube, inclusive apresentando o programa de auditório, isto lá por volta de 1946, quando tinha então apenas 17 anos de idade. Convivi com Fiori alguns anos, tanto aqui na Bandeirantes como na Panamericana, onde eu o conheci em 1959, ao chegar de Avaré, ainda com a botina amarela que compunha o nosso uniforme cáqui do colégio Cel. João Cruz. Humilde rádio-escuta no departamento esportivo da Panamericana me senti mais acanhado do que de costume ao ser apresentado a Fiori por um colega, também no rádio ainda hoje, Marco Antonio Vaz (?). Nunca esqueci o que disse ao estender a sua mão: "Deixou a mala na estação da luz?" É um prazer muito grande, Milton, você tá invocando e lembrando (?) certas coisas que mexem com a sensibilidade da gente, mas faz parte da vida, faz parte da história. Graças a Deus isso tudo aconteceu há muitos e muitos anos, mas você fez (?), você começou ali e hoje você é um dos nomes mais importantes do rádio. Mas o rádio está perdendo quase tudo o que tinha de bom, inclusive a sua própria cara. A gente precisa aceitar porque nós não vamos mudar, mas o seguimos vivos, graças a Deus. Essa entrevista foi para o programa Memória, gravada nos estúdios da rádio USP, às vésperas do mundial de 2002, da qual participaram também outros convidados, inclusive o jornalista Juarez Soares. Quantas histórias de bastidores Fiori Gigliotti testemunhou, tendo inclusive protagonizado algumas delas. (Música: Vocês vão ver como é, Didi, Garrincha e Pelé, dando seu baile de bola...). Jackson do Pandeiro, saudoso Jackson do Pandeiro e sua Almira, Almira ainda viva, "esse jogo não pode ser um a um" também com ele (?), também ele, Jackson do Pandeiro, essa aqui foi... é... a comemoração do bicampeonato no Chile, você estava lá, né Fiori? 62, estava lá sim. Foi lá no..... que explodiu ou eclodiu o romance estromboli da história do futebol, entre o Garrincha e Elza Soares. Mas eu vivi todas as emoções de 62 num campeonato que o Garrincha teve 90% de importante porque o Pelé, logo no jogo contra a Tchecoslováquia se machucou e de repente apareceu um menino lá, o Amarildo, e deu conta do recado logo na estréia fez dois gols contra a Espanha, mas na verdade o grande artista do Brasil foi o extraordinário Garrincha. Foi a grande copa do Garrincha. Na verdade o romance do Garrincha e da Elza Soares começou no meu apartamento, o romance carnal, não é verdade? O roman... o coloquial começou ali realmente no programa do Airton Rodrigues. Mas eu tinha muita amizade com o Garrincha, então eu estava hospedado no Hotel Vila Inglesa onde estava hospedada a seleção brasileira, com Paulo Machado de Carvalho, João Carvalhaes, esse homem que

foi, ninguém lembra dele, todo mundo do dr. Paulo, Feola, Aymoré, é, mas nessas copas todas, claro que o Dr. Paulo foi o grande marechal da vitória. Mas ninguém se lembra de um nome de um homem chamado Carlos Nascimento, que era o cacique. Esse foi o braço direito do dr. Paulo. Eu tinha muita amizade com o pessoal, em 62 no Hotel Vila Inglesa, eu tinha no meu quarto uma garrafa de whisky e uma garrafa de conhaque escondida e quase, a maioria dos jogadores davam uma pitadinha lá no meu quarto. Mas eu tinha também uma medidinha e o Garrincha era o meu melhor freguês. Mas eu ficava bravo com ele. Botou segunda dose eu fecho a porta. Aí chegaram a Elza Soares e a Marta Mendonça pra cantar pra fazer um show, você deve lembrar disso. Não tinha lugar pra elas se trocarem. Aí eu mandei um "Chofiori", porque nordestino encarado me chama de Fióri, ô Fióri. A menina táí, não tem um lugar pra se trocar. Eu falei, peraí, que que cê tá pensando? Empraste seu, seu apartamento pra elas, companheiro, que aqui o negócio é... Eu falei: bom, peraí, eu vou fazer um negócio. Eu vou na recepção, pego a chave, entro no apartamento, abro o apartamento, deixo a chave por dentro e olha lá o que você vai fazer! Nãããoo!!! Fica tranquilo, companheiro. Tudo bem. Mas aí eu fiquei de botuco no final do corredor. A Elza entrou, ele entrou atrás, fechou a porta. Que que aconteceu? É fogo, torcida brasileira! (risos). Eu quase... Começou ali. Começou ali. (Música). As histórias de Fiori Gigliotti encheriam as páginas de uns dez livros. Nessa copa de 62 que o Garrincha carregou nas costas, ele acabou expulso no jogo anterior à decisão do campeonato. Sua presença era absolutamente imprescindível, porém, dependendo do relatório do árbitro e principalmente do testemunho de um dos bandeirinhas diante do qual aconteceu o lance que resultou na expulsão, dificilmente Garrincha escaparia de uma suspensão. O que fez o dr. Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação brasileira? Pouquíssimas pessoas ficaram sabendo na ocasião. O Dr. Paulo..... Se você tiver onze Pelés e não tiver representatividade fora do campo, você não ganha copa não, meu filho! E nem campeonato paulista, viu? E nós tivemos um grande representante em 62, porque o árbitro que, é..., apitou o jogo Brasil-Chile, expulsou o Garrincha. Aí viria a partida final, Brasil e Tchecoslováquia. Ele deu um pontapé no lateral Rodrigues do Chile. O que é que fez esse árbitro? Levou a súmula embora pro Uruguai. Ele saiu do Chile e foi embora pro Uruguai com a súmula.. Ele era bandeirinha nesse jogo. - Era bandeirinha? E o Esteban Marino... _ O Esteban Marino _ O Esteban Marino foi convocado pelo tribunal pra poder, é..., servir de testemunha contra o Garrincha porque ele era o bandeirinha na lateral que o Garrincha... _ O Garrincha estava na frente dele... _ Tava na frete dele, agora, você é acusado, aí você

vai pra julgamento, não tem testemunha, o que que acontece? Não tem julgamento! _ Claro! _ Aí... _ Ele foi embora, foi embora pra.... o João Édson..... _ Sumiu! O Esteban Marino sumiu! E o resultado, Garrincha ficou livre. João Édson era o juiz brasileiro que tava lá. O Dr. Paulo chamou o João Édson e falou: _ João Édson, você que é amigo do Estevão Marino, dá essa passagem pra ele, dá essa verba pra ele pagar o sanduíche no avião, e você manda ele de volta pelo amor de... e mandou ele de volta, ele saiu assim mesmo. _ Foi dessa forma. _ E aí ele... Aí não houve testemunha e o Garrincha saiu livre, graças a Deus. Aí você vê um negócio, quando é a favor da gente a gente ri, né? Até do fato da irregularidade, né?! A gente, a gente leva pelo lado folclórico, quer dizer, _ Cadê a testemunha, tá? _ Não! _ "Seu" Garrincha, tá absolvido. _ Tá absolvido. _ Aí ele entrou em campo e.... _ E aqui, depois disso... _ Só, só um... um rodapezinho: depois disso, adivinha onde foi apitar futebol o Esteban Marino? _ Federação Paulista de Futebol! _ Ponto final! No programa Memória hoje, as histórias do locutor da torcida brasileira, Fiori Gigliotti. Daqui a pouquinho, o início de carreira e uma das criações mais famosas de Fiori: Cantinho de Saudade! (Mix de trechos narrados por Fiori) _ "Apita o árbitro! Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira!"... _ "O moço de Morungaba! Um gol que pode valer um título!"... - "Estremece o Morumbi, torcida brasileira!".... _ "Balão subindo, descendo"... _ "O tempo passa, já estamos além do tempo regulamentar!"... _ "Valdir segura a bola, correu Valdir, segurou, largou, saltou de novo e seguuuuuura com firmeza!... _ "Goooooolllllll!... _ "Aguenta coração!"..... _ " O gol do grito, o gol do desabafo! O gol que pode fazer explodir a cidade do carnaval sonhado, esperado, programado, preparado pela torcida... _ "Feçam-se as cortinas e termina o espetáculo!"

ANEXO III –

TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA *MEMÓRIA*, DE MILTON PARRON, RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 2

Programa Memória: Fiori Gigliotti, o locutor da torcida brasileira. (Narração do jogo Ponte Preta X Corinthians. Som do estádio - gritaria da torcida...) _ “..... dá para Basílio, Basílio avançando, empurrou na ponta esquerda para Romeu, Romeu correu, alcançou, preparando emoção, atenção, jogada perigosa para a Ponte Preta, abre o jogo na ponta direita para Vaguinho, deixou para Zé Maria, correu, vai alcançar, alcançou, arrumou, vai levantar pela ponta direita, preparou, cruzou, a bola acabou batendo em Ângelo, levantou os braços, é toque. O árbitro da partida marca. Ele põe as mãos sobre a cabeça, mas é claro, para tentar perturbar ou confundir, mas houve o toque, Roberto. O jogador bateu com ambas as mãos na bola. É uma falta perigosíssima contra Carlos. Esperança corintiana, tormento para a Ponte Preta. Prepara-se Zé Maria para levantar, balão subindo, descendo, cobrou, movimentada a bola, acabou ficando na boca do gol, confusão, entrou..... correu Basílio, GGGOOOOOOOOOOOOLLLLLLLLLLLLLL... Basílio, Basílio, Basílio, torcida brasileira, um gol que pode valer o título, o gol do grito, o gol do desabafo, o gol que pode fazer explodir a cidade num carnaval sonhado, esperado, programado, preparado pela torcida alvinegra. Houve uma confusão tremenda, torcida brasileira, a bola chegou a bater no poste e voltou, a bola bateu na defesa e voltou, Basílio ali na boca do gol não perdoou, castigou... Basílio, Basílio! Basílio para a história, torcida brasileira, todo mundo gritando, todo mundo cantando, gente chorando, gente rindo, gente festejando, os foguetes espocam no ar, a fumaça ofusca tudo, mas não ofusca a grande alegria da torcida corintiana. O tempo passa: 36 e 45 minutos etapa final..

No centro de documentação e memória da rádio Bandeirantes, o CEDOM, existem centenas de gols narrados por Fiori Gigliotti. Afinal, ele passou quase dois terços dos seus 60 anos rádio aqui, na Bandeirantes. Veio de Lins para cá em 1952. No começo irradiava alguns jogos de menor importância e fazia reportagem de campo nos jogos de maior expressão que eram narrados por Édson Leite. Vamos recordar Fiori Gigliotti,

repórter de campo, 1953, num jogo da seleção brasileira no Maracanã contra o Paraguai, transmitido por Édson Leite.

Nilton Santos descarrega mal no centro de campo. Bola com Romerito para Martinez. Martinez alongando para o ponta direita Lugo. Cortou Nilton Santos de cabeça. Brandãozinho ficou parado, entrou José Parodi enganando Zinho, salva de puxeta mandando para Bauer. Bauer já caminha na intermediária do Brasil calmamente lançando na esquerda a Pinga, isolado Pinga tenta o rush, fugindo agora. Vai descendo pela meia-esquerda, parou a pelota, a meia-altura para dentro da área. Rebatida a bola por intermédio de Arce. Arce na ponta esquerda, não há marcação para o ponteiro dentro desse esquema. É Vasquez agora quem ultrapassa o centro de campo. Atinge a intermediária do Brasil. Abre para o meia-esquerda Romerito. Romerito descendo na intermediária, formada a defesa do Brasil, Romerito é obrigado a recuar a pelota para Martinez. Martinez para o centro-médio Arce. Arce dá lá na direita, lateral para Gavilán. Gavilán para o ponteiro direito Lugo. Lugo tentou cruzar a meia altura para dentro da área, bola perigosa agarra Veludo espetacularmente, quando o gol se erra, de testa o ponteiro esquerdo Vásquez. Monumental defesa de Veludo quando parou o zagueiro Gérson do time do Brasil. Atira Veludo agora para a intermediária paraguaia. Alta, Baltasar não pega a pelota. Vai para Hermosilla na esquerda. Girou para a área do Brasil, bola na intermediária com Brandãozinho.

_ Fala Fiori.

_ Nuvens negras sobre o estádio Municipal do Maracanã, Édson. Sem dúvida nenhuma a chuva poderá tirar parte preciosa do brilhantismo desta contenda sensacional.

_ Parece contundido o goleiro, Fiori. Veja o que há.

_ Realmente Baltasar avançou quando González largou a pelota, um lance mais ou menos isento do zagueiro que...

_ Ô, Fiori, realmente é melhor você ver com o "hand talk" o que é que há lá com o arqueiro que está se retorcendo no campo.

_ Um momento.

_ Rádio Bandeirantes, Rádio Jornal do Comércio, Rádio Seletto de Assunção, Paraguai. Um choque entre Baltasar e o arqueiro paraguaio, esse está caído no terreno. Agora é o centro médio Arce, ao que parece, Arce reclama do jogador do Brasil. Fala Fiori.

_ Podemos agora informar melhor os nossos prezados ouvintes sobre o estado físico do arqueiro González da seleção paraguaia. Ele apenas sofreu um leve toque de joelho de

Baltasar na altura do seu estômago e já passa bem. Nada de grave aconteceu com o arqueiro guarani.

Goleiro dessa seleção ouviram? Veludo. Quem é que se lembra do Veludo? Foi, inclusive, o goleiro do Brasil no mundial de 1954.... quem é que se lembra do Veludo? Fiori Gigliotti. Extremamente sensível, ficava comovido com as histórias de jogadores que tinham o estádio a seus pé se no dia imediato caiam no mais completo esquecimento. Muitos deles inclusive na miséria. Já nome consagrado no rádio, Fiori criou um quadro que antecedia as transmissões esportivas da rádio Bandeirantes, que tornou-se um dos maiores atrativos da emissora. Chamava-se "Cantinho da Saudade". E reverenciava aqueles que um dia protagonizaram os grandes espetáculos e com a idade foram jogados ao mais absoluto ostracismo. Como aconteceu com Veludo, um negro de 1 metro e 80, robusto, que a morte veio buscar quando ele estava reduzido a 48 quilos, esquelético, cabelos já brancos, encharcado pela bebida. O Veludo, de riso fácil, mãos ágeis, desaparecera, ficando em seu lugar Caetano da Silva, um homem que vivia do passado. Fiori Gigliotti se comoveu.

_ Torcida brasileira, só Deus sabe o que se esconde por detrás das montanhas do futuro. O que nos espera no vale das nossas ilusões. Os caminhos misteriosos que teremos de atravessar no amanhã que chega tão depressa. Por isso, olhando pra trás, quando começa a subida da montanha, a consciência mostra que poderíamos ter feito muito mais do que fizemos. Feliz de quem assim pensa e mais feliz ainda quem puder enfrentar a subida da montanha do futuro semeando flores ou espalhando bondade e amor pelos caminhos da vida. O futebol é assim como uma montanha. Grandes subidas, montanha de grandes descidas também. Quem muito sobe mais cuidado precisa tomar para não cair. Porque o tombo é sempre duro, é sempre violento. Como pássaro sem asas poderosas pra alcançar vôos tão altos, despencando do vazio para o impacto da verdade, muitos jogadores de futebol, levados pelas asas frágeis da vaidade e da presunção, como que querendo dominar o mundo, sentindo-se rei do mundo, acabam se arrebentando no chão duro da realidade que não perdoa ninguém. O horizonte é uma esperança e uma advertência também. Um desafio. E o passado é quase sempre uma lição. Nem todos aprendem o necessário pra evitar o pior. Nem todos têm chance para aprender, como também nem todos querem ou gostam de aprender. Além do mínimo sacrifício, nem sempre merece respeito. Assim aconteceu com um dos maiores goleiros do Brasil. Um crioulo alto sabia quase tudo dos segredos do gol. Pouco sabia, entretanto, dos cuidados ou dos segredos da própria vida para evitar o pior. Ele subiu com rapidez fulminante a

montanha das ilusões, mas chegou lá em cima sem fôlego, ofegante, sem dosar nada, sem o mínimo cuidado, sem o mínimo senso de responsabilidade. Na primeira batida de asas dos abutres, ele despencou. E ele subiu muito depressa, como um foguete, mas desceu mais depressa ainda. E da queda não sobrou nada, absolutamente nada. Se é verdade que a gente precisa cair para aprender a se levantar, não é menos verdade que certos tombos não oferecem chance pra mais nada. Assim foi com ele. E ele foi um craque excepcional, grande no fluminense, estupendo no Santos, empolgou no futebol do Uruguai. Foi goleiro da seleção brasileira da copa do mundo de 54. Incrível como ele, em tão pouco tempo, se projetou. Mais incrível ainda, como em menos tempo ainda ele sumiu. Foi assim como que de repente um vento zangado que vem a gente não sabe de onde, passou pela sua vida elevou tudo. E como tudo o que ele fizera estava escrito na areia da praia dos enganados os ventos, as ondas, tudo levaram. Torcida brasileira, estamos falando de Veludo. Do grande Veludo do fluminense, do Santos, que brilhou no Uruguai, que vestiu a camisa da seleção brasileira. Hoje pouca gente sabe que há muito ele morreu. Como lembrança e como advertência ele merece ser lembrado. Veludo vai ficar por todo o sempre incrustado na ternura e na sinceridade do nosso Cantinho de Saudade.

_ No programa Memória, o locutor da torcida brasileira, Fiori Gigliotti. Voltamos num instante.

_ Apita o árbitro. Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira!... O moço de Morungaba!... Um gol que pode valer um título... Estremece o Morumbi, torcida brasileira!... Balão subindo, descendo... O tempo passa!... Já estamos além do tempo regulamentar... Valdir segura a bola, correu Valdir, segurou, largou, saltou de novo e seguuuuuura com firmeza... Goooooooooollllllll!!!! Aguuuuueeeenta coração! O gol do grito, o gol do desabafo, um gol que pode fazer explodir a cidade num carnaval sonhado, esperado, programado, preparado... Fecham-se as cortinas e termina o espetáculo!

ANEXO IV –

TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA *MEMÓRIA*, DE MILTON PARRON, RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 3

Programa Memória. Fiori Gigliotti, o locutor da torcida brasileira. (Música: Bandeirantes, Bandeirantes, Bandeirantes, futebol é com a Bandeirantes). Fiori era palmeirense, nunca escondeu, mas nem por isso narrava os gols adversários com menor empolgação. Emocionava-se quando transmitia jogos da seleção do Brasil. Por sua formação escolar rígida, nos padrões de antigamente, tinha muito respeito pelos símbolos da pátria: a bandeira e o hino nacional. Não foram raras as vezes em que se esqueceu que estava no estádio para narrar o jogo e não para cantar. Sucumbia ao entusiasmo quando ouvia o hino do seu país. 22 de Março de 1970, Morumbi, o Brasil preparava-se para o mundial do México e para a conquista do tricampeonato. Adversário foi o Chile, casa lotada. Milhares cantando o hino incluindo Fiori Gigliotti. _ “... a clava forte, verás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte. Terra adorada, entre outras mil, és tu, Brasil, ó Pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil!”. Que presente espetacular o comportamento do público no Morumbi... _ Roberto.... _ ... executado o Hino Nacional Brasileiro. Eu quero.... ver se consigo ouvir uma palavrinha do Pelé. Pelé, antes de qualquer coisa, me permite Carmona... _ Pois não. _ Antes de qualquer coisa, me permite, companheiro, Roberto Carmona, que palavras jogadas ao ar não firam seus brios, você que é um... um... a acepção do atleta que foi forjado no campo, onde só cabem os verdadeiros heróis. É a nossa modesta mensagem. _ Muito obrigado. Você sabe que me sensibiliza bastante isso, mas o que a gente deve pedir Deus é que dê tranquilidade, que dê saúde e que não.... castigue os ignorantes, os que querem o mal do próximo, entende? A minha... a minha teoria é que eu tenho que estar com Deus, fazer o possível para que tudo corra bem pra mim, sem magoar e sem ferir ninguém. _ As palavras do jogador Édson Arantes do Nascimento. É São Paulo que comparece ao Morumbi com torcedores de outros estados acreditando na seleção brasileira de futebol. Apita o árbitro! Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira! Movimenta Roberto entregando para Pelé, Pelé recuando para Gérson... _ Que time dos sonhos, aquele! (Narração de Fiori ao fundo: “.... a intermediária chilena.....”) _ Ataque

irresistível! Eram as feras de João Saldanha que a Zagalo incumbiu comandar lá no México. O Chile, não deu nem pro começo. No jogo de preparação algumas semanas antes do mundial. Perdeu de cinco a zero. O primeiro gol aconteceu quando ainda tinha gente entrando no estádio. (Sinal musical) _ “..... Correu, bateu rapidamente então cobrando escanteio Paulo César dando apertadamente para Marco Antonio. Marco Antonio procurou levantar para Clodoaldo, a bola espirrou, subiu, caiu sobre Roberto..... é fogo, GOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOLLLLLLLLL!!!!!!! Roberto!!! Uma beleza de gol, torcida brasileira! A bola pingou na grande área tirando o goleiro que saiu, Roberto bateu e partiu pra cima encobrindo o goleiro Astorga. E sorri pela primeira grande torcida que comparece ao Morumbi. _ Fiori Gigliotti levava muito a sério essa questão de colocar emoção nas irradiações. (Ao fundo, continua a narração de Fiori: _” Um para o Brasil, zero para o Chile..... o árbitro da partida.....”). _ Mas ele fazia de uma forma espontânea. Brotava de sua alma e não de textos pré-fabricados e armazenados na memória. (Ainda narração de Fiori ao fundo:” vai levantar, balão subindo, descendo.....) A seleção de Telê Santana, que foi ao segundo mundial do México, jogava bonito, era eficiente, tinha tudo para ganhar aquele campeonato. Mas, inesperadamente, depois de vitórias convincentes, desmoronou. Os nossos sonhos, também. 21 de junho de 1986, estádio Jalisco, em Guadalajara, adversária, a França. Tempo normal, um a um. Na prorrogação permaneceu o empate. Decisão nos pênaltis. Fiori Gigliotti chorou naquele dia. _ “Carlos vai pro Gol, torcida brasileira, Fernandez, o número nove vai bater vai bater, a gente sabe que ele bate forte na bola. De repente ele erra como Platini. De repente o Carlos faz uma defesa milagrosa pra fazer explodir outra vez de alegria e contentamento e renovar as esperanças do coração da torcida brasileira. Atenção, torcida brasileira, prepara-se Fernandez, se ele marcar o Brasil sai, ele correu, chutou, é fogo, é gooooooIIII (Chorando) Que tristeza, torcida brasileira! O nosso sonho transforma-se em pesadelo! Tão cedo, tão cedo! Repetindo o que aconteceu em 82 na copa do mundo. Depois de ganhar da Argentina, no mesmo clima de festa, de euforia e de confiança como nessa copa de 82. Tudo se repete. Oportunidades e oportunidades que se perderam, sonhos e sonhos que sonhamos, tudo termina num pesadelo tão triste, torcida brasileira. Perdemos pênaltis, perdemos oportunidades com bola correndo. E agora as lágrimas caem de novo. Despejado da copa do mundo, o Brasil.” _ Em compensação, não foram poucos os gols, os lances, os momentos que Fiori narrou com verdadeira euforia interior porque, afinal das contas, era o seu segundo time de coração que estava em campo. O primeiro, era o Linense. _ “... zero a zero.

Quarenta e cinco minutos e vinte segundos de partida. Já estamos além do tempo regulamentar. Por isso vai cantando, vai fazendo festa a torcida alviverde. O Palmeiras, com um empate está traçando mais um título. Campeão Paulista de 93! Apita o árbitro! Palmeiras! Palmeiras! Palmeiras! Outra vez campeão, torcida brasileira! Agueeeeeenta, coração!!! Desfalcado, lutando como um leão! Buscando o empate. Um empate bastaria! O empate foi alcançado! Diante de um inimigo valente jogando pelo empate! Palmeiras, campeão paulista! Palmeiras, campeão do Rio-São Paulo! Renasce o grande conquistador alviverde! A torcida palmeirense chora na festa de mais uma conquista! Faixas, bandeiras, alegria... _ Durante sessenta anos Fiori Gigliotti encantou uma legião imensa de ouvintes que foi conquistando desde os tempos que iniciou a sua carreira, na modesta Rádio-Clube de Lins. Sua popularidade jamais foi igualada. Seu prestígio também era único. Popularidade e prestígio, aliados à força de propagação da Rádio Bandeirantes, deram a ele um número de títulos de cidadania que nem mesmo Juscelino Kubitschek, o mais simpático presidente que o Brasil já teve, obtivera ao longo de seus quarenta anos na política. (Voz de Fiori): _ “Eu recebi o último em Perobal, no dia 18 de maio do mês passado. Perobal fica a 18 km de Umuarama. Já foi distrito de Umuarama e emancipou há quatro anos. Cento e sessenta e um títulos eu tenho. E você já ouviu eu fazer espalhafato em cima disso? Eu não quero nem saber! Eu recebi agora, neste ano mesmo eu já recebi outro, já me outorgaram o título de cidadão araçatubense, só que não marcamos a data. Eu recebi o de Franco da Rocha. Tenho que receber, buscar o título já outorgado em Gastão Vidigal. Eu não faço nenhum escândalo.” _ Vocês já ouviram neste programa Fiori Gigliotti chorando durante algumas irradiações, sem ter perdido a compostura, sem ter se tornado piegas, sem comprometimento da narrativa. Sucumbiu à emoção algumas vezes, inerente ao ser humano. Emoções, aliás, não faltaram em sua vida. Como se não bastassem aquelas próprias dos jogos de futebol que ele irradiou, ainda sobraram muitas nas cerimônias onde recebeu mais de cento e sessenta títulos de cidadania em vários estados do Brasil. Uma delas, porém, sensibilizou Fiori Gigliotti ao extremo. Foi na cidade onde se criou e onde se iniciou no rádio. A cidade que adotou como berço e de onde partira muitos anos antes, com a idéia de um dia retornar e ser reconhecido como filho ilustre. Aconteceu mais que isso. Recebeu o diploma de cidadão emérito. _ “Sob a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão solene.” _ “Nossa banda municipal irrompe também em festivo dobrado.” (Banda tocando). _ “Senhoras e senhores, nós estamos observando a nossa banda municipal que homenageia, assim, a Fiori Gigliotti, também em nome dos

senhores servidores da prefeitura municipal. Continuemos observando e apreciando.... Oliveira Leite Sociedade Anônima que está sempre ao lado do esporte, nesta festa esportiva, nesta festa também do rádio linense e de todo o Brasil, congratula-se com Fiori Gigliotti, pelo título que lhe será outorgado dentro de alguns instantes. Parabéns, Fiori, dos seus amigos de Oliveira Leite S/A. Parabéns dos seus amigos do Clube Atlético Linense e dos amigos da rádio Alvorada de Lins”. _ Daqui a pouco, dos arquivos do CEDOM, vamos recordar a cerimônia de entrega do título de cidadão de Lins ao locutor da torcida brasileira, Fiori Gigliotti.

ANEXO V –**TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA *MEMÓRIA*, DE MILTON PARRON,
RÁDIO BANDEIRANTES – PARTE 4**

E aqui estamos para apresentar o bloco final do programa Memória de hoje onde o focalizado é o locutor da torcida brasileira, Fiori Gigliotti. (Música - Voz de Fiori: _ “Apita o árbitro. Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira!... O moço de Morungaba.. Um gol que pode valer um título... Estremece o Morumbi, torcida brasileira!... Balão subindo, descendo... O tempo passa! Já estamos além do tempo regulamentar!... Valdir segura a bola, correu Valdir, segurou, largou, saltou de novo e seguuuuuura com firmeza. Agueeeenta coração!!! O gol do grito, o gol do desabafo! Um gol que pode fazer explodir a cidade do carnaval..... Fecham-se as cortinas e termina o espetáculo! _ O dia que Fiori compareceu à Câmara Municipal da cidade de Lins para receber mais um dos seus cento e sessenta e dois títulos de cidadania, ele não se envergonhou pelas lágrimas derramadas. E não poderia ser de outra maneira, recordando as dificuldades da juventude e a longa jornada trilhada até ali. Dos pais, restara apenas a doce lembrança. _ "Foi em Lins que nós aprendemos a sentir a amargura das primeiras lágrimas que irremediavelmente a gente precisa chorar, porque Lins quis ficar com nosso papai pra sempre. Num dia 14 de agosto ele disse adeus pra sempre e aqui ele está, aqui ele ficou pra todo o sempre. E por ele, principalmente por ele é que nós aprendemos a lutar. Porque foi ele o nosso grande filósofo. Porque foi ele aquele o que mais nos ensinou! Porque foi ele que lutou pela nossa simplicidade, para respeitarmos os outros. Foi ele que nos ensinou a fazer da própria vida, um caminho alutivo, olhando pra trás com respeito e saindo do que ficou as lições do bem, para fazer do passado o equilíbrio do presente e fazer do presente a luz capaz de indicar um futuro melhor. E ele, infelizmente, apenas pode nos acompanhar lá do céu. Mas nos temos plena certeza que a luz que ilumina os nossos caminhos é emanada daqueles olhos cheios de bondade. Lins, da nossa primeira oração, do nosso primeiro discurso atendendo um pedido da nossa querida professora Alda Garcia, que ainda no primário, um dia solicitou para que falássemos sobre o Marechal Floriano Peixoto, o Marechal de ferro. Então nós tivemos que abandonar a banda. Nós tínhamos loucura pela caixa, pelo repique. Quando conseguimos a caixa da banda, o repique, a

professora pediu para nós falarmos em nome da classe e sobre o Marechal Floriano Peixoto. Choramos a tristeza de perder o lugar de integrante da banda do nosso segundo grupo escolar. Mas quem poderia sequer imaginar que nascia naquela ocasião o locutor esportivo de hoje, o amigo de vocês de hoje, este que tem a honra e o privilégio incomensurável de receber o título honorífico, o título de cidadão linense. Hoje, talvez estejamos até mesmo falando demais, mas precisamos lhes contar o que vai na nossa alma e no nosso próprio coração, porque esta não é simplesmente a oração de um homem grato, de um homem feliz. Esta é assim como que um... uma verdadeira prestação de contas. Nós precisamos fazer realmente esta prestação de contas pra vocês, para o povo de Lins. Porque nós saímos daqui devedores. Vocês nos concederam o crédito de acreditar em nós, de esperar que nós, em São Paulo, pudéssemos bem representar o nome de Lins no cenário radiofônico de São Paulo e do Brasil. Vocês acreditaram em nós, dando-nos o apoio necessário através da sua amabilidade, da sua generosidade, para que pudéssemos um dia ganhar, através da reação íntima, o impulso que nos transportou para a rádio Bandeirantes de São Paulo. E nós para lá fomos. Fomos com vocês, porque vocês quiseram ir conosco. Porque fizemos um "impacto", ou vivemos a alegria, a emoção do namoro que não poderia terminar nunca. Então fomos de braços dados, caminhamos de braços dados pelos mais diferentes caminhos para ver se um dia este amor pudesse realmente chegar até onde ele gostaria de chegar, pudesse viver as grandes alegrias e encontrar os pedaços da mais bela felicidade e das mais lindas emoções que todos aqueles que se namoram esperam encontrar, almejam alcançar. E hoje nós aqui estamos, recebendo o título de cidadão linense, vivendo essa emoção, mas prestando conta, para que vocês, através da nossa humildade, saibam de que nós, com vocês e por vocês tivemos a honra, a felicidade imensa de fazer aquilo que vocês queriam e almejavam que nós fizéssemos. Gente de Lins, vai na nossa viagem de volta, na nossa bagagem, a mais cara de todas as jóias que a vida nos deu para enriquecer o tesouro das nossas conquistas. Que o Todo Poderoso não nos negue, jamais, força, condição e inspiração para merecermos sempre a bondade, a amizade e o respeito de vocês e podermos retribuir. Porque este instante é assim como que a pausa que nós fazemos no caminho da vida e que a gente não esquece jamais. Não é mais linda do que nenhuma daquelas que ficaram pra trás e não pode ser mais bela do que nenhuma daquelas outras que se deu assim... Deus assim nos permitir, hão de vir nos caminhos e nos dias que nós ainda haveremos de passar e ainda haveremos de cruzar. Deus lhes pague por esta alegria e por esta emoção. Só lhes peço com toda sinceridade

que vocês estejam neste instante, sentindo na alma e no coração pelo menos um pouquinho da imensa, infinita, incomensurável felicidade que reveste a minha vida neste instante, por recebermos o título honroso, dignificante, de cidadão linense, cidadão da terra que sempre foi minha e que há de ser a minha eterna namorada. (Palmas). _ Se título de cidadania é importante, imagine tornar-se tema de músicas do folclore brasileiro. Versos improvisados pelos cantadores, e logo na terra que é berço do folclore paulista, Piracicaba. Roda de Cururu na ESALQ-USP daquela cidade. Mestres desse gênero, Zico Moreira e Nhô Serra. Preste atenção. (Música): _ Meus cabelos se ladearam / Foi caindo sem parar / Como fez "Fiore Gigliotte" / No dia que vai "radiar" / Porque o nosso "Fiorê Gigliotte" / "Quandô o Curintia" vai livra / Ele fala até chorando / Que a cortina "tão" fechando / E o "jogô vai terminá" / A cortina "tão" fechando / E o "jogô vai terminá" / Hoje quem "ganhô, ganhô" / Mas "domingô nós vai vortá" / Não adianta "ficá" triste / Não adianta "reclamá" / Foi o Fiori quem falou / Que hoje "ganhô, ganhô" / E não "adiantá chorá"... _ Este é um resumo da trajetória profissional de um grande radialista, um amigo que deixou saudade. Uma voz que jamais sairá de nossa lembrança. Durante trinta e oito anos, a partir de 1952, com uma interrupção de seis anos, quando foi para a rádio Panamericana e depois retornando em 1963, ele esteve na rádio Bandeirantes, em cujo acervo tem muitas horas de programas, de narrações esportivas e de entrevistas com ele, Fiori. _ "É impossível esquecer o que eu vivi na Bandeirantes, o que eu fiz pela Bandeirantes e o que a Bandeirantes representou pra mim. Porque se eu quisesse contar pra vocês ou pro ouvinte o que na verdade eu fiz pela Bandeirantes e, porque não, o que também a Bandeirantes fez por mim, um dia inteiro de programação seria pouco, porque eu fui apaixonado pela Bandeirantes, essa que é a verdade. E uma paixão como eu tive pela Bandeirantes, essa paixão não morre, é a paixão de corintiano pelo seu time. _ "Apita o árbitro! Abrem-se as cortinas e começa..... estremece o Morumbi, torcida brasileira!.... lágrimas caem..... Fecham-se as cortinas e termina o espetáculo!" (Nesses momentos finais do programa, foi feita uma mescla de trechos narrativos, música, gritos da torcida, Fiori cantando o hino nacional e outras passagens já transcritas deste áudio.). Programa Memória. Técnico responsável pela edição e montagem desse programa, Amauri Rodeli. Assistente de produção, Débora Raposo. Muito obrigado a todos pela atenção e até nosso próximo encontro.

ANEXO VI –

HOMENAGEM DO RADIALISTA ADRIANO BARBIERO A FIORI GIGLIOTTI, PELA RÁDIO CAPITAL – S P

[Esta homenagem foi ao ar pela rádio capital em 08 de junho de 2009, por ocasião do terceiro aniversário de falecimento de Fiori Gigliotti, no Programa Bom dia São Paulo de Adriano Barbiero. O áudio desta entrevista encontra-se em DVD anexo. Fonte: www.terradoradio.blogspot.com/2009/06/há-3-anos-fechavam-se-as-cortinas.html]

(música Recordar é viver...)

"Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo". Assim dizia o saudoso narrador esportivo Fiori Gigliotti, o nosso homenageado de hoje.

"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira."

Ele, que por muitas vezes homenageou diversas pessoas no seu quadro "Cantinho de Saudade", hoje recebe nossa homenagem.

Fiori Gigliotti nasceu na cidade de Barra Bonita no interior de São Paulo, dia 27 de setembro de 1928. Começou sua carreira aos 19 anos, no ano de 1947 na cidade de Lins, também no interior Paulista. Foi na Lins Rádio Clube onde apresentou o programa "Alô Gurizada". Mas foi como narrador esportivo que se destacou e marcou história no rádio.

Em toda sua carreira, Fiori Gigliotti cobriu 10 copas do mundo e participou de outras 3 como comentarista. Passou pelas rádios Jovem Pan, Bandeirantes, Rádio Record, Tupi de São Paulo e Rádio Capital. Foi casado com Adelaide, tinha dois filhos, Marcelo e Marcos. Fiori Gigliotti faleceu aos 77 anos, vítima de câncer na próstata, dia 8 de junho de 2006. Foi sepultado no cemitério do Morumbi, na cidade de São Paulo. Fiori nunca

foi uma pessoa de ficar escrevendo textos, sempre usou do improviso para criar o seu estilo como ele mesmo conta, vamos ouvir:

"Eu não gosto de escrever, "Cantinho de Saudade" eu fazia de improviso, eu fazia a Ave Maria na rádio de Lins, fazia de improviso, eu sempre fui muito religioso, sinceramente falando. Eu gosto de fazer discurso, gosto realmente, tenho facilidade para discursar. Eu nunca, mas nunca, escrevi nenhum dos meus bordões. De repente, quando começava um jogo, a gente sabia que todo mundo dizia "Apita o arbitro, começa o jogo". Aí, eu, de repente, mandei bala "Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo, torcida brasileira". O Edson Leite gritava "Meu cronômetro marca". Eu lancei "O tempo passa". Quando o goleiro pegava a bola, todo mundo "Abraça, abraça, pega firme". Aí, eu já comecei "Segura com firmeza". No levantamento de bola, todo mundo "Levanta pra grande área, vai subir de cabeça o zagueiro", e eu não, "Balão subindo, balão descendo, cabeeeeeça na bola e sossega a defesa" deste ou daquele time, entendeu? Eu sempre procurei diferenciar."

Esse foi Fiori Giglioti, o moço de Barra Bonita, sendo homenageado no nosso programa.

Hoje quem deixa um Cantinho de Saudade é o eterno locutor esportivo Fiori Giglioti, claro, nosso homenageado.

"Todo adeus ele traz alguma tristeza e provoca evocações. Mas é preciso justificar o adeus porque o adeus representa separação de alguma coisa que vai embora: Ele está indo embora, torcida brasileira, empobrecendo os estádios e os espetáculos e deixando tanta tristeza, deixando saudade."

Descanse em paz, Fiori. Locutor esportivo responsável por tantos bordões, tantos gols, alegrias de uns, tristezas de outros, mas sempre de forma imparcial narrando as partidas de futebol que marcaram época. Essa é a nossa homenagem ao eterno Fiori Giglioti.

Bom-dia, São Paulo, bom-dia Brasil.

"... não pode ser esquecido, ele merece ser lembrado; vai ficar por todo o sempre incrustado na ternura e na sinceridade do nosso Cantinho de Saudade."

[vinheta] ...Acorda São Paulo, Adriano Barbiero. Rádio Capital, Capital é rádio.

Descanse em paz, Fiori. Locutor esportivo responsável por tantos bordões, tantos gols, alegrias de uns, tristezas de outros, mas sempre de forma imparcial narrando as partidas de futebol que marcaram época. Essa é a nossa homenagem ao eterno Fiori Giglioti.

Bom-dia, São Paulo, bom-dia Brasil.

"... não pode ser esquecido, ele merece ser lembrado; vai ficar por todo o sempre incrustado na ternura e na sinceridade do nosso Cantinho de Saudade."

...Acorda São Paulo, Adriano Barbiero.

Rádio Capital, Capital é rádio.

ANEXO VII –

TRANSCRIÇÃO DA NARRAÇÃO DE UM DOS JOGOS CORINTHIANS X SANTOS NO ANO DE 1964

[Transcrição do áudio de quatro trechos da narração de Fiori Gigliotti do clássico Corinthians X Santos no ano de 1964, no Pacaembu. Áudio e Vídeo em DVD anexo.
Fonte: <http://www.bastidoresdoradio.com/audios.htm>]

Fiori trecho 1 – Corinthians X Santos – Pacaembu, 1964

Um motivo de festa para a torcida que se acha no Pacaembu, é um motivo de festa e de emoção para toda a torcida brasileira. O Corinthians defendendo o gol da acústica, o Santos naturalmente defendendo o gol de entrada. Pelo comando do ataque de Vila Belmiro, Coutinho. Na arbitragem, outra vez, Armando Marques que olha curiosamente para o seu relógio, faz um gostoso movimento de corpo, procura observar os mais diferentes aspectos do gramado e vai determinar este que pode ser o grande espetáculo de futebol neste crepúsculo de 64.

Apita o árbitro, bola correndo. Movimenta Coutinho dá para Pelé, Pelé na ponta direita a Toninho, Toninho recebe, recua, vai Bazani em cima dele, tentou passar por Bazani, tentou, passou, retarda o couro a Ismael, levanta na linha de zaga, então, a Modesto, Modesto dá na esquerda para Mengálvio, Mengálvio ainda na defesa do quadro de Vila Belmiro a Lima, Lima correu, recebeu, ajeitou, chutou, a bola bateu, entretanto, num corintiano que é exatamente o dianteiro Ferreirinha, quase que sai, não sai, Lima recupera, domina, recua, bola curta, vai sobrar então para o médio Haroldo, Haroldo suspendeu para Mengálvio, ergue no ataque, subiu Pelé, tentou entregar na esquerda para Coutinho, quando domina um corintiano e desvia para escanteio, num momento de indecisão da retaguarda alvinegra.

Fiori trecho 2 – Corinthians X Santos - Pacaembu, 1964

Falta perigosa contra a cidadela santista, estamos no crepúsculo da primeira fase. Correu Flávio, chutou por cima. Linha de fundo, tiro de meta para Gilmar. Rádio Bandeirantes de São Paulo, rádio Alvorada de Londrina, rádio Vera Cruz de Marília, rádio Clube de Santos, comandando a cadeia verde amarela quando termina a primeira etapa. Dois para o Corinthians, dois para o Santos, num grande espetáculo de futebol.

Fiori trecho 3 – Corinthians X Santos - Pacaembu, 1964

Balão subindo, descendo, vai saltando Pelé, Pelé cabeceia, levantou para Coutinho, Coutinho dominou, passou por um contrário, tenta devolver para Pelé, a bola é rechaçada, volta para Coutinho, domina, faz o breque, escapa de Amaro, virou, tenta o tiro, chutou para o gol, defendeu Heitor, largou vai para escanteio. Um bonito tiro de virada de Coutinho, Ênio. Quem recebe, entretanto, é o santista zagueiro Ismael, Ismael dominou, parou em cima da intermediária corintiana, vai levantar, ergueu para a boca do gol, sobe Pelé, deixou para Coutinho, preparou, chutou, é gooooooooooooool, Coutinho. Outra vez Coutinho. Dormiu toda a defesa corintiana, todo mundo ficou parado. Coutinho não teve trabalho para virar, chutar rasteiro no canto direito. Coutinho número 9. O tempo passa, 33 minutos de partida. Outra vez empatado o espetáculo, dois para o Santos, dois para o Corinthians. O que houve com a defesa alvinegra, Ênio? "Todo mundo atrapalhado com as constantes movimentações de Coutinho Pelé. Acabou sobrando para Coutinho o leve toque. Lá vai o Corinthians, Fiori." Bola descendo na ponta direita...

Fiori trecho 4 – Corinthians X Santos - final de 1964

2 a 2 Santos e Corinthians, etapa complementar, prepara-se Toninho para bater o levantamento de bola que pode levar perigo para a meta corintiana. Tudo pronto, Toninho correu, balão subindo, descendo, saltando Heitor, entra Pelé, goooooooooool. Pelé, de cabeça. Uma bola fácil para o recesso da defesa corintiana, Heitor saiu pessimamente. Ninguém da defesa corintiana para o desvio, para a cabeçada, Pelé subiu tranquilamente, enfia a cabeça na bola e coloca o Santos pela primeira vez em vantagem na tarde de hoje. O tempo passa, quatro minutos e meio, Pelé número 10. Três para o Santos, dois para o Corinthians. Bola movimentada para o Flavio, entregando para o companheiro que é Silva, Silva recua...